

Arquitectura: substantivo feminino

Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura

Lia Pereira Saraiva Gil Antunes

Orientador

Prof. Doutor Jorge Figueira

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
apresentada ao Departamento de Arquitectura da
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
Junho 2012



Aos meus pais,
um bem haja por tudo.
Ao meu irmão,
pelo questionamento do mundo.
À restante família,
pelo apoio sempre prestado.
Ao Pedro,
pelas palavras que tem a dizer e pela constante paciência e amabilidade.
Aos meus amigos e amigas,
espalhados pelo mundo.
À República do Kuarenta,
a minha casa em Coimbra, onde os sonhos conseguem voar.
A todos e a todas que passaram pelo Kuarenta,
os meus companheiros e companheiras da vida.
Às pessoas bonitas que conheci nas Repúblicas de Coimbra.
Aos meus colegas e amigos do D'Arq,
um bem haja pelos bons momentos, pela amizade e pelas belas discussões.
Ao Nina,
pela constante disponibilidade em ajudar.
À Dra. Graça Simões,
pela atenção prestada ao longo da dissertação.
Aos docentes e não docentes do D'Arq,
um bem haja pelo acompanhamento ao longo destes anos.
Ao orientador,
sem ele esta dissertação não seria possível.

37... 38...39... Kuarenta!

“Women today are exerting pressure on the architecture profession just as other entering groups, particularly the Black power movement, did in the nineteen-sixties. Architecture will never be the same again.”

Denise Scott-Brown

(“On Societal Changes and Challenges”).

In KULLACK, Tanja, ed. lit. – **Architecture: A Woman’s Profession**, p.113).

Resumo

Por diversas razões, que também dependem do contexto histórico e social em que ocorrem, as mulheres têm sido excluídas da história (ou têm papéis secundários) e as contribuições femininas permanecem subestimadas. A arquitectura tem apoiado o seu reconhecimento na vida dos ‘grandes mestres’ e nas suas obras, como ‘faróis históricos’ capazes de legitimar a quase totalidade de um discurso disciplinar. Algumas vertentes da teoria da arquitectura e diversos teóricos feministas têm investigado quais as consequências desta visão unilateral da história e quais as alternativas possíveis - este debate começou recentemente em Portugal mas tem vindo a ser desenvolvido sobretudo nos países anglo-saxónicos, em Espanha e na Austrália.

O primeiro objectivo desta dissertação é explorar as formas como as mulheres vivenciam e ocupam o espaço, enquanto utilizadoras, e expor a problemática da construção da cidade e da arquitectura como um prática maioritariamente masculina, onde as mulheres e as minorias vão entrando de modo paulatino. Em segundo, surge uma tentativa de reformulação da arquitectura, enquanto instituição, e da sua história, que visa incluir as perspectivas das arquitectas, desvendar o *mainstream* da disciplina e explorar os cenários profissional e educacional da mesma, ambos do domínio masculino. A rematar, lança-se o debate da possibilidade de uma ‘arquitectura feminina’, com características próprias que podem levantar novas questões, soluções e práticas arquitectónicas. Estas temáticas estão relacionadas com o questionamento de género em arquitectura e são explanadas através de um alargado panorama de autores e autoras, com base numa série de antologias bastante heterogéneas em perspectivas, abordagens e opiniões.

Abstract

For many reasons, which also depend on the historical and social context in which they occur, women have been excluded from the history (or they have secondary roles) and female contributions remain undervalued. The architecture has supported its recognition in the life of the 'great masters' and their works, as 'historic lighthouses' able to legitimize almost all of a disciplinary discourse. Some aspects of the theory of architecture and many feminist theorists have investigated the consequences of this sided view of history and what the possible alternatives - this debate has recently started in Portugal but it has been mostly developed in anglo-saxon countries, Spain and Australia.

The first aim of this thesis is to explore the ways women experience and occupy space, as users, and expose the problems of city building and architecture as a practice mostly male, where women and minorities are gradually rising. Secondly, there is an attempt to remodel the architecture as an institution and its history, that seeks to include the perspectives of architects, unravel the mainstream of the discipline and explore the professional and educational settings, both from male domain. To finalize, it opens the discussion of the possibility of a 'feminine architecture', with its own characteristics that can bring new questions, solutions and architectural practices. These themes are related to the questioning of gender in architecture and they are explained through a broad panorama of authors, based on a series of anthologies highly heterogeneous in perspectives, approaches and opinions.

ÍNDICE

Índice

Resumo

Abstract

I - XXII

Introdução

Capítulo I. **A vivência do espaço no feminino e a construção da cidade no masculino**

1 - 60

1 Introdução: Percepções sobre arquitectura	2
2 O género da arquitectura	4
3 A questão multidisciplinar do discurso sobre a natureza de género do espaço	6
4 A interacção entre a Arquitectura, o Pós-modernismo e o Feminismo	8
5 Os usos 'feminino': os problemas da categorização e dos estereótipos quando se fala de espaço	10
6 <i>Language is also a place of struggle</i>	12
7 O lugar da mulher na cidade e as reacções ao ambiente urbano	16
7.1 Jane Jacobs, <i>The Death and Life of Great American Cities</i> (1961)	22
8 Literatura sobre arquitectura e género	24
8.1 <i>Sexuality and Space</i> (1992)	26
8.2 <i>Desiring practices: Architecture Gender and the Interdisciplinary</i> (1996)	30

ÍNDICE

8.3 <i>The sex of architecture</i> (1996)	34
8.4 <i>Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction</i> (2000)	38
9 A cidade e a distinção homem (público)/mulher (privado) - A casa como metáfora do ‘feminino’	44
9.1 O sistema binário	48
9.2 <i>The home as a woman’s place and a man’s heaven</i>	50
10 O corpo como metáfora arquitectónica	54
10.1 Le Corbusier e <i>Le Modulor</i>	60
Capítulo II. Para um <i>refresh</i> da história da arquitectura	61 - 130
1 Introdução: A arquitectura em mutação mas num mundo de homens	62
2 O contexto moderno e pós-moderno	64
3 O poder simbólico e o <i>habitus</i> em arquitectura	68
4 Percepções decorrentes de uma ‘profissão masculina’	70
4.1 A arquitectura no discurso ficcional e o tema da publicidade	74
5 Ideias e textos sobre a arquitectura do século XX	78
6 Os heróis, o génio e o ‘star system’ da arquitectura	84
6.1 Le Corbusier, (uma das) representações do olhar masculino	88
7 História das mulheres na arquitectura	92
7.1 O palco das estudantes e architectas	96
7.2 Experiências educacionais em arquitectura	102
7.3 Percepções profissionais	104
8 Literatura: entre a arquitectura e a mulher, a história e a crítica	110
8.1 <i>Architecture: A Place for Women</i> (1989)	110
8.2 <i>Women and the making of modern house</i> - as habitantes e clientes invisíveis (1998)	116
8.3 <i>The Architect: Reconstructing her practice</i> (2001)	122
8.4 <i>Architecture: A Woman’s Profession</i> (2010)	126
Conclusão	132 - 144
Bibliografia	146 - 160
Anexos - Associações, Conferências e Eventos relacionadas com o tema Arquitectura/Feminismo/Género/Arquitectas.	162 - 182

Introdução



“What I am interpreting and criticizing is precisely the fact that the philosophical subject, historically masculine, has reduced every other to a relation within himself – his nature, his universe, his complement, his projection, his inverse, his instrument [...] within his own world, his own horizon.”
(Luce Irigaray, *Democracy Begins Between Two*, 2001)

Sente-se alguma hesitação em escrever sobre as mulheres. O tema não é novo mas é ousado e incómodo no campo da arquitectura. E é difícil traduzir certos pensamentos sem cair numa perspectiva tendenciosa quando o que se procura é questionar certos dogmas e propor plataformas diversas dentro da arquitectura. Todavia, manter as mulheres ‘no seu lugar’ tem sido quase encarado como um compromisso literal que precisa de ser discutido – segundo Maggie Toy (2001), as mulheres no mundo ganham em média menos 25% que os homens, ocupam os empregos de baixa remuneração e realizam um importante trabalho social não pago. As Nações Unidas estimam que as mulheres terão de esperar até 2490 para atingirem uma representação igual à dos homens nos mais altos escalões do poder económico. Embora a maioria dos estados ocidentais esteja comprometida com uma vontade de vencer as discriminações, a realidade tem-se mostrado outra em relação à igualdade de género. Na arquitectura, este processo tem decorrido de forma mais lenta e distinta de outras profissões liberais e as architectas também têm sido mantidas ‘no seu lugar’, ou ‘em outro lugar’, à parte de um *centro viciado*, esquecidas ou apagadas de uma história de muitos séculos. Mas de que

FIGURA 1 | *Sexo e Gênero.* “O sexo, inscrito no corpo, determina características e funções reprodutivas diferenciadas para homens e mulheres (...) as funções sociais não têm relação com as diferenças reprodutivas mas são atribuídas às pessoas de acordo com seu sexo biológico. (...) O facto de ocorrerem variações, prova que os papéis de gênero não são determinados pela biologia e que podem ser transformados.” Disponível online em [WWW:<URL:http://blog.opovo.com.br/propares/sexo-e-genero/>](http://blog.opovo.com.br/propares/sexo-e-genero/). [Consult. 10 Mai. 2012]

FIGURA 2 | *A sign for a unisex bathroom.* “It captures the symbolic, ideological, and institutional nature of the gender/sex dilemma.” Fotografia de Ryan Jerz. Disponível online em [WWW:<URL:http://www.core.org.cn/OcwWeb/Anthropology/21A-231JSpring-2006/CourseHome/index.htm>](http://www.core.org.cn/OcwWeb/Anthropology/21A-231JSpring-2006/CourseHome/index.htm). [Consult. 10 Mai. 2012]



forma(s)? Qual a natureza de género da arquitectura? Quais as consequências de tal posicionamento institucional?

As categorias ‘sexo’ e ‘género’. A definição de ‘sexo’ passa pela “diferença física ou conformação especial que distingue o macho da fêmea”, refere-se ao facto biológico de ser masculino e feminino e continua em “o *sexo forte*: designação tradicionalmente atribuída ao conjunto das pessoas do sexo masculino, e o *sexo fraco*: designação tradicionalmente atribuída ao conjunto das pessoas do sexo feminino”¹. A noção de ‘género’ é descrita frequentemente como “conjunto de propriedades atribuídas social e culturalmente em relação ao sexo dos indivíduos”² que condiciona as regras de comportamento decorrentes desses valores. Originalmente, este conceito foi usado na década de 90 do século XIX para descrever a crença na igualdade sexual e num comprometimento que pretendia transformar a sociedade e erradicar a dominação sexual; o feminismo partiu de um entendimento de que em todos os países onde os sexos estão divididos em esferas culturais, políticas e económicas distintas, e onde as mulheres são menos valorizadas do que os homens, a sua sexualidade é mantida como a causa da sua opressão. Historicamente, Mary Nash (2005) constata que “o sistema moderno de género foi estabelecido no mundo ocidental, no contexto da consolidação da emergente sociedade burguesa, nas primeiras décadas do século XIX. Apoiado em leis e no desenvolvimento de um discurso da domesticidade, o qual confinava as mulheres à esfera do lar e lhes atribuíva unicamente a identidade de mãe e de esposa, o sistema de género estabeleceu a necessidade de fronteiras insuperáveis entre o espaço público de monopólio masculino e a esfera privada de prerrogativa feminina”³. Criou-se, portanto, um imaginário dividido e um mundo hierarquizado pelo género. Na distinção de ‘sexo’ e ‘género’, Judith Butler acrescenta “(...) gender is not to culture as sex is to nature, sex as natural fact does not precede the cultural inscription of gender (...) gender trouble is culturally produced through ‘subversive body acts’ or ‘body in drag’”⁴.

Até meados de 1970, os estudos feministas focaram-se na ‘mulher’ como objecto de estudo central (mas singular) e as teses produzidas neste período preocuparam-se em explicar as causas da opressão e da subordinação feminina na história do patriarcado. A partir desta década, pensam-se ‘as mulheres’ no colectivo, na qual se destaca o artigo de Gayle Rubin (1975), *O Tráfico de mulheres*, sobre a teorização do sistema “sexo/género”. A introdução deste sistema é referente a uma complexa rede de formações sociais, psíquicas e sexuais, onde entra a noção performativa de género paralela ao trabalho dos teóricos *queer*. Griselda Pollock mostra que “o feminismo é uma alocação à questão filosófica do sexo/género, mas tem uma história descontínua, porque as formas como a questão sexo/género foi colocada foram moldadas pelos discursos políti-

¹ Definição de ‘Sexo’ no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (Disponível online [Consult. 27 Abr. 2012] WWW<URL:http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=sexo>).

² Definição de ‘Género’ no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (Disponível online [Consult. 27 Abr. 2012] WWW:<URL:http://www.priberam.pt/dlpo/default.g%C3%A9nero>).

³ NASH, Mary – **As Mulheres no Mundo : história, desafios e movimentos**, p. 27.

⁴ Judith Butler cit. em RENDELL, Jane – “Introduction: ‘Gender’”. In **Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction**, p.21.

cos/filosóficos prevaletentes, disponíveis às mulheres em diferentes momentos históricos.”⁵ Apesar da abertura à discussão das relações de género⁶ e a tema da sexualidade, a terminologia usada alterou-se no fim dos anos 70: as teorias feministas tornaram-se teorias de género e o estudo das mulheres mudou para a análise de género, numa tentativa de tornar o discurso menos politizado, mais neutral e num termo descritivo. No final desta década, o conceito de ‘género’ é elaborado como a construção social das identidades sexuais e torna-se o novo objecto dos estudos feministas – para Antônio Conceição (2009), esta integração inaugura uma nova problemática e promove um avanço no campo feminista ao incluir tendências universais em relação ao masculino e feminino com as especificidades históricas e culturais. Todavia, as tentativas de historiadores na teorização deste conceito têm provocado generalizações redutoras e simplistas que relacionam ‘género’ directamente e apenas com os temas da mulher: “In its simple recent usage, ‘gender’ is a synonym for ‘women’. Any number of books and articles whose subject is women’s history have, in the past few years, substituted ‘gender’ for ‘women’ in their titles.”⁷ Este debate passa pela consideração de ‘género’ como uma categoria de análise que permite falar tanto da masculinidade como da feminilidade, que só é possível com a adopção de novos paradigmas teóricos – o uso que tem sido dado a ‘género’, sem uma mudança de perspectiva teórica, faz com que se estudem as coisas relativas às mulheres, sem o questionamento das relações entre homens e mulheres, da forma como são construídas, como funcionam e como se transformam.

É importante ter em conta as formas como a diferença de classe, idade e sexualidade operam e reforçam noções binárias da diferença de género e sexo. Os atributos humanos – intelecto, carácter, coragem, liderança, imaginação, criatividade – estão relacionados com o género e com o papel que o homem e a mulher desempenham na sociedade; a partir da formação da ideia de que o homem é normativo, a sua relação com a mulher só pode acontecer através de um sistema de complementaridade. Neste sistema, dividem-se papéis, funções e características de homens e mulheres e aplicam-se rótulos de masculino, feminino ou neutro (neste caso, inanimado) através de uma estrutura binária que, na verdade, é uma divisão discricionária de oposição. No processo de inscrição das identidades masculina e feminina é importante o papel da cultura, dos discursos oficiais, dos rituais sociais e colectivos que de variadas formas acompanham as pessoas no seu processo de transição social e afectam o modo como cada indivíduo percebe o mundo.

O ‘Outro’ e a ‘Alteridade’ (The ‘other’ and the ‘otherness’).

Now this is a song to celebrate

The conscious liberation of the female state!

⁵ POLLOCK, Griselda – “A Política da Teoria: Gerações e Geografias na Teoria Feminista e na História das Histórias da Arte”. In **Género, Identidade e Desejo: Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo**, p. 198.

⁶ Joan W. Scott mostra qual a relação da gramática com a noção de género: “The connection to grammar is both explicit and full of unexamined possibilities (...) the grammatical usage involves formal rules that follow from the masculine or feminine designation; full of unexamined possibilities because in many Indo-European languages there is a third categorie – unsexed or neuter.” SCOTT, Joan Wallach – “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”. In **Feminism & History**, p.153.

⁷ *Idem, Ibidem*, p.155.

Mothers – daughters and their daughters too.
 Woman to woman
 We're singin' with you.
 The "inferior sex" got a new exterior
 We got doctors, lawyers, politicians too.
 Everybody – take a look around.
 Can you see – can you see - can you see
 There's a woman right next to you.
 (Aretha Franklin, *Sisters are doin' it for themselves*, 1985)

Em 1949, Simone de Beauvoir desenvolve um novo nível filosófico com *The Second Sex*. Esta obra surge como uma alavanca poderosa para as mulheres e para as organizações feministas pois Beauvoir defende que se os sistemas sociais são controlados e formulados à imagem do homem, as mulheres são apresentadas como 'o Outro'. Ao longo dos tempos, as mulheres têm sido condicionadas e levadas a acreditar que os homens são superiores; todavia, Beauvoir nota que "One is not born, but rather becomes a woman."⁸ A força catalisadora do livro aponta para uma mudança através do entendimento de responsabilidade para todos os indivíduos, no qual se formula que o fim da discriminação passa pela colocação de igual valor nas habilidades, posições e papéis tanto para os homens como para as mulheres.

What if we were to approach (...) the area of a relationship to the other where the code of sexual marks would no longer be discriminating? The relationship would not be asexual, far from it, but would be sexual otherwise: beyond the binary difference that governs the decorum of all codes, beyond the opposition masculine/feminine, beyond bisexuality as well, beyond homosexuality and heterosexuality which come to the same thing. As I dream of saving the chance that this question offers, I would like to believe in the multiplicity of sexually marked voices. I would like to believe in the masses, this indeterminable number of blended voices, this mobile of non-identified sexual marks whose choreography can carry, divide, multiply the body of each 'individual', whether he be classified as 'man' or 'woman' according to the criteria of usage." (Jacques Derrida, 1982)⁹

A noção de 'alteridade', partilhada por Jacques Derrida e Michel Foucault e explorada no artigo "Everyday and 'Other' Spaces" (1996) de Mary McLeod, levanta uma série de questões sobre o papel político e cultural da teoria que não têm sido exploradas na arquitectura. O conceito de 'diferença' de Jacques Derrida transforma os cânones da arquitectura de função, estrutura e recinto/invólucro, referindo que o significado pode ser adiado infinitamente e

⁸ BEAUVOIR, Simone de – *The Second Sex*, p.267.

⁹ Jacques Derrida cit. por HUGHES, Francesca, ed. lit. – *The Architect: Reconstructing her practice*, p. x.

que não há um começo ou término subjacente à noção de verdade arquitectónica. Os proponentes do desconstrutivismo, como Peter Eisenman, basearam as suas reivindicações políticas na estratégia da arquitectura como discurso autónomo, através de palavras como ‘desintegração’, ‘descentralização’, ‘deslocação’ ou ‘violação’, que pretendiam subverter o *status quo* por rupturas formais e inversões dentro do próprio objecto. Apesar de esta tendência ter encontrado o fundamento mais importante na filosofia da desconstrução de Derrida (iniciada nos anos 60), outras abordagens arquitectónicas repensaram uma nova arquitectura fragmentada pelo conceito mais politizado de ‘heterotopia’ de Michel Foucault (1994) – literalmente, ‘outros espaços’. Aqui, a ‘diferença’ é tanto a função de diferentes localizações e distribuições de poder como a inversão formal ou textual, e o ‘outro’ é conotado com a vida do dia-a-dia. Estes espaços desenvolvem as nossas percepções da ordem social que controlam e disciplinam o corpo – como o hospital, o museu, a igreja ou a prisão. Os ambientes heterotópicos quebram a banalidade da existência quotidiana e suspendem e neutralizam o conjunto das relações entre as pessoas. De acordo com Mary McLeod (1996), o que aqui está omitido são o espaço de trabalho, a casa, a rua, o centro comercial ou qualquer espaço de lazer, como o café, o restaurante ou o parque infantil – os espaços tradicionalmente associados à mulher e à criança. A autora critica estas exclusões sociais, que se escondem sob o discurso da celebração do ‘outro’ e da ‘diferença’, e dos arquitectos e teóricos desconstrutivistas, que se focaram apenas na transgressão e na negação formais como um modo de prática. Para alguns críticos de arquitectura contemporânea, tanto a ambiguidade do conceito formulado por Foucault como as limitações da visão política e social da arquitectura têm sido ignoradas – há uma omissão das conexões entre a noção abstracta de ‘outro’ e a situação social actual da mulher.

Arquitectura, género e feminismo. As problemáticas relacionadas com o género e circundantes à arquitectura são extraordinariamente complexas e sensíveis e estão, frequentemente, carregadas de emoção. Vários autores têm vindo a defender que a cidade e a arquitectura têm deslocado a mulher para a margem, como sintetiza Judy Wajcman:

“Architecture and urban planning have orchestrated the separation between women and men, private and public, home and paid employment, consumption and production, reproduction and production, suburb and city. While people do not actually live according to these dichotomies, the widespread belief in them does influence decisions and have an impact on women’s lives.”¹⁰

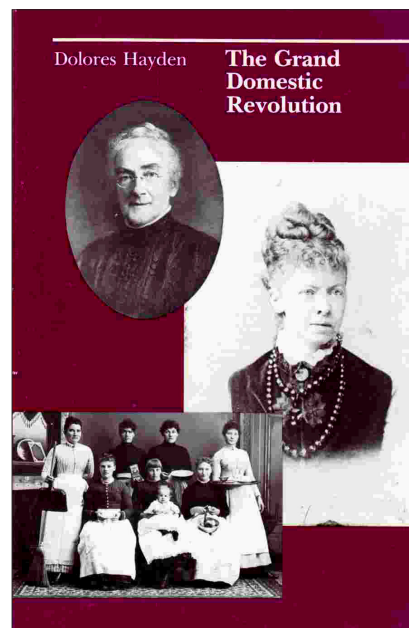
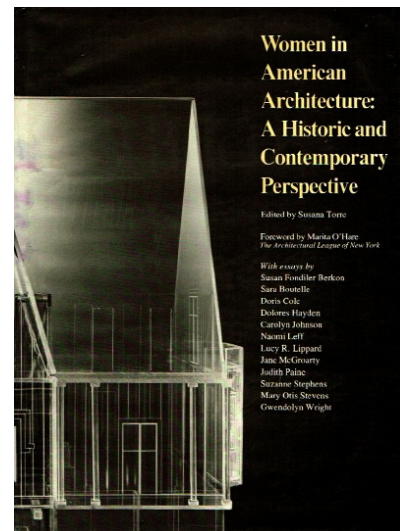
Numa fase inicial, o debate feminista na arquitectura é um tema muito americano e manteve-se mais tarde com grande presença no discurso anglo-sa-

¹⁰ WAJCMAN, Judy – “The Built Environment : Women’s Place, Gendered Place”. In *Women, Science and Technology: A Reader in Feminist Science Studies*, p.194.

FIGURA 3 | *Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective*, de Susana Torre - Exposição e Livro, 1977. Disponível online em WWW:<URL:http://www.roundtablebooks.com/bookdetails.asp?book=8872>. [Consult. 20 Mai. 2012]

FIGURA 4 | *The Grand Domestic Revolution: A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods, and Cities*, de Dolores Hayden, 1981. Disponível online em WWW:<URL:http://www.riverwashbooks.com/?page=shop/flypage&product_id=15363>. [Consult. 20 Mai. 2012]

INTRODUÇÃO



xónico; os historiadores e historiadoras europeus interessaram-se por esta análise já com o aproximar do século XXI e muita da literatura produzida ainda não foi traduzida para outras línguas. Mary McLeod (2005) apresenta um artigo importante que resume as principais correntes da história feminista da arquitectura – “A Dream Deferred: Feminist Architecture History”¹¹ percorre as três fases desta história que reflectem a própria evolução do pensamento feminista anglo-americano e resumem o estado da arte sobre o tema.

McLeod aponta o início do debate feminista da arquitectura associado à intensa mudança de mentalidades que atingiu os EUA no final da década de 1960 e que, conseqüentemente, evoluiu directamente dos movimentos pelos direitos civis e anti-guerra. O impulso inicial foi dado por obras como *The Feminist Mystique* (1963, Betty Friedman), *Sexual Politics* (1970, Kate Millet), ou *Woman's Estate* (1971, Juliet Mitchell), quando o movimento feminista norte-americano tinha já uma grande força política e cultural. Este momento causou grande impacto na profissão nos anos 70 e a presença das mulheres nos cursos de arquitectura, antes simbólica, passa a ser de 1/3; simultaneamente, arquitectas e académicas começaram a repensar a história da arquitectura, sobretudo do período moderno, muitas vezes à margem da Academia – os objectivos eram reconhecer a contribuição de arquitectas (esquecidas ou subvalorizadas) e repensar a natureza e os limites da profissão (de forma a abarcar a experiência feminina, apesar de ainda focada na esfera doméstica). Os dois momentos chave da primeira fase foram a exposição *Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective*, de Susana Torre (patrocinada pela Architectural League of New York, 1977) e o livro *The Grand Domestic Revolution: A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods, and Cities*, de Dolores Hayden (1981). De forma ambiciosa, a exposição destacou algumas arquitectas que tinham ficado fora da crítica histórica, como Julian Morgan, Denise Scott-Brown, Marion Mahony ou Anne G. Tyng – este conjunto eclético questionava tanto a ideia de cânone como a linhagem histórica *standard* dos arquitectos-heróis – e revelou a dimensão histórica da arquitectura simultânea ao embrionário movimento pelos direitos das mulheres nos EUA com uma campanha vigorosa por reformas domésticas (1860-1930). O livro de Hayden trouxe uma nova abordagem arquitectónica através da análise de uma série de esforços experimentais para reestruturar arranjos do quotidiano; estas primeiras propostas feministas não só antecipavam muitas das inovações do movimento moderno como sublinhavam igualmente a necessidade de transformações contemporâneas na esfera doméstica – não interessava o estilo mas sim a ligação entre o ambiente físico e a forma como vivemos. A história de Hayden e de Gwendolyn Wright questionaram os próprios parâmetros da arquitectura e, enquanto o movimento moderno alargara o conceito de arquitectura à habitação das classes trabalhado-

¹¹ Traduzido por João Carvalhais em DIAS, Manuel Graça, dir. – J.A : Ser Mulher : Being a Woman, Jornal dos Arquitectos, nº242 (Julho/Agosto/Setembro 2011), pp.98-105.

FIGURA 5 | Exposição “Woman House”, *Feminist Art Program*, 1971-72.

Disponível online em [WWW:<URL:http://www.getty.edu/pacificstandardtime/explore-the-era/archives/i108/>](http://www.getty.edu/pacificstandardtime/explore-the-era/archives/i108/). [Consult. 20 Mai. 2012]



ras, elas reverteram a equação: a habitação, desenhada ou não por arquitectos, tem de fazer parte da arquitectura e da sua história. Aqui era essencial um conhecimento mais detalhado das intersecções das culturas material e doméstica para qualquer reforma na disciplina; a dedicação à mudança social marcou a edição especial, optimista e activista, da revista de arte feminista *Heresies* (1981), com o artigo “Making Room: Women and Architecture”, no qual se defendeu que o processo de criação colaborante, democrático e consensual, era tão importante como o resultado final da arquitectura (ao mesmo tempo que aconteciam exposições como “Woman House”, do *Feminist Art Program*, 1971-72, “Woman’s Building”, em Los Angeles, 1972-92, e a *Women School of Architecture and Planning*, fundada em 1974). Apesar da ingenuidade e utopia de algumas das reivindicações mais revolucionárias, esta fase lançou os alicerces para estudos posteriores – a diversidade e o esforço colectivo – e o desejo de transformações alcançou altos patamares institucionais e patrocinou uma série de palestras sobre as perspectivas feministas da arquitectura. Elizabeth Grossman organizou a primeira sessão da *Society of Architectural Historians* dedicada às mulheres na arquitectura, em 1985, que deu relevância a tendências e figuras marginais e despertou um renovado interesse na esfera académica.

A segunda fase desta história decorre uns anos mais tarde quando o pensamento feminista na arquitectura enveredou por uma direcção radicalmente diferente – McLeod caracteriza-o menos activista e mais teórico, isto é, mais centrado na representação do que na prática. O feminismo estava já enraizado na Academia mas os textos estavam já afastados da prática e da política. Período muito influenciado por pensadoras feministas francesas – Hélène Cixous, Luce Irigaray e Julia Kristeva – pretendia expor e desmantelar as construções opressivas de género no imaginário visual e no próprio discurso. Arquitectas e teóricas – Jennifer Bloomer, Beatriz Colomina ou Catherina Ingraham – examinaram assuntos mais próximos das investigações psicanalíticas e linguísticas (como a construção do eu, o *regard*, as oposições binárias e as hierarquias na retórica da arquitectura). Esta direcção foi reforçada por um interesse na teoria pós-estruturalista francesa no seio dos arquitectos da *neo-avant-garde* (Peter Eisenman e Bernard Tschumi), embora poucos se associassem explicitamente à filosofia derridiana ou ao “desconstrutivismo” da arquitectura (além de Ingraham). O acontecimento seminal da segunda fase da história feminista da arquitectura foi a conferência *Sexuality and Space*, organizada por Beatriz Colomina (1990, Universidade de Princeton), que introduziu na crítica da arquitectura um conjunto alargado de perspectivas, provenientes de outras áreas, acerca da construção da sexualidade e do género. As conferências e publicações posteriores – “Architecture in Fashion” (editado por Zvi Efrat, D.Fausch, P.Singley, R.El-Khoury, 1994), “White Walls, Designer Dresses” (Mark Wigley, 1995) – fizeram aná-

lises detalhadas da construção de género na retórica arquitectónica e entraram em cena os primeiros textos teóricos do movimento lésbico e gay, como “Closets, Clothes, DisClosure” (Henry Urbach). McLeod evidencia que, enquanto a primeira fase desta história seguiu a orientação materialista e social, a segunda centrou-se na retórica da arquitectura: analisaram-se textos de arquitectos canónicos de forma a se conseguir ganhar novas perspectivas sobre a forma como o género se inscreveu e codificou no pensamento destes autores. Talvez nenhum ensaio tenha sido tão publicado como “Battle Lines: E.1027” de Colomina, que mostra Eillen Gray como vítima da arrogância e ciúme de Le Corbusier.

McLeod refere a terceira fase, no início dos anos 90, como reacção à abordagem hermenêutica e à mensagem repetitiva da anterior; a nova tendência parte da obra de Henri Lefebvre e Michel de Certeau e revisitou a arquitectura das décadas de 50 e 60 (os Smithsons, Jane Jacobs, Scott Brown e Venturi), através da análise da experiência quotidiana das mulheres e de outros grupos marginalizados em termos de opressão e possibilidades. Os temas abordados são tão diversos que impossibilitam uma caracterização única: o mecenato feminino (Alice Friedman), a tecnologia e o consumo no pós-guerra (Joan Ockman), a experiência corpórea (Deborah Fausch), a domesticidade e as obras de arte (Sharon Hare) e a crítica da arquitectura (Diane Favro e Suzanne Stephens). A junção destas abordagens diversificadas com o activismo social da primeira fase e a orientação ‘pós-estruturalista-psicanalítica’ da segunda foi apresentada na antologia *The Sex of Architecture*, editado por Diana Agrest, Patricia Conway e Leslie Weisman, em 1996; seguidamente, surge uma série de antologias feministas, norte-americanas e inglesas, como *Architecture and Feminism* (1996), *The Architect: Reconstructing Her Practice* (1996), *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary* (1996), *Design and Feminism: Revisioning Spaces, Places and Everyday Things* (1999), *Gender Space Architecture* (2000) e *Altering Practices: Feminist Politics and Poetics of Space* (2007). No geral, houve e continua a haver uma tendência para ver as arquitectas como vítimas, cujo talento foi suprimido pelos seus colaboradores masculinos e pela própria arquitectura enquanto instituição; esta interpretação teve um valor estratégico, sobretudo nos anos 70 e 80, e alertou para as falhas e as discriminações de género do Movimento Moderno. Os projectos supracitados levantam questões sobre a forma como se caracteriza o feminismo e o pensamento feminista pois avalia-se com muita frequência a posição histórica da mulher pelos padrões actuais – mas para que a luta das mulheres pela emancipação seja vista como fenómeno histórico em evolução é importante examinar os esforços anteriores e abordá-los tendo em conta os contextos sociopolíticos de cada época (ao qual Karen Offen chamou de ‘Feminismo Relacional’).

Pertinência do tema. O meu interesse pela arquitectura começou claramente pela comunicação pelo desenho, pela poética que lhe está inerente e pelas linguagens diversificadas, mas depressa se estendeu ao seu potencial de produzir enriquecimento cultural, social, até metafísico, na vida humana, e à sua responsabilidade na tarefa de encontrar melhores formas de habitar o mundo. Daqui nasceu a vontade de participar dentro deste contexto e o desejo de alargar os limites da arquitectura, que fizeram com que escrever a presente dissertação se tornasse tão necessário quanto difícil. As hesitações iniciais com um tema tão controverso são óbvias e mais ou menos compreensíveis – existe uma relutância constante dos protagonistas e historiadores do *mainstream* arquitectónico em aparecer sob qualquer rótulo e da arquitectura em ser questionada em termos de género. Por sua vez, foi essa mesma relutância que me fez perceber a necessidade de haver um conhecimento mais aprofundado da forma como o género foi sendo construído, mantido e contestado, que ajude a fazer frente às iniquidades do presente da profissão e da disciplina. E só o Feminismo pode dar a referência a partir da qual se pensa um projecto que estude as representações visuais e as suas práticas, os discursos (também arquitectónicos) e as instituições (como a arquitectura). Todavia, tal posição significa ir para além das acusações sexistas (e, portanto, redutoras), da vitimização e de julgamentos de valor simplista entre o certo e o errado.

A ideia da dissertação foi sendo desenvolvida a par de uma posição pessoal que tem vindo a ser construída ao longo dos anos sobre o papel da mulher na sociedade ocidental e, mais recentemente, do lugar ocupado pela arquitecta na disciplina. A alavanca deste projecto, e que claramente a legitima, foi o colóquio organizado pelo Professor Jorge Figueira intitulado “Mulheres na Arquitectura” (Coimbra, 2010) e, mais recentemente, o Jornal dos Arquitectos, “Ser Mulher”(2011). O tema é novo em Portugal mas não o é em outros países ocidentais – EUA, Inglaterra, Espanha e Austrália. Se o feminismo por cá sempre foi diferente dos países anglo-saxónicos ou da vizinha Espanha, então mais estranho será aplicá-lo à arquitectura portuguesa – talvez a presente dissertação ajude à discussão do tema no território nacional.

Objectivos, metodologias e resultados esperados. O objectivo da dissertação não é produzir um texto oficial nem tão pouco impositivo. Propõe-se aqui abrir um panorama de conhecimentos, debates e reflexões a partir de uma selecção de estudos de caso representativos do estado do tema – sobretudo no cenário internacional. Estes estudos de caso – artigos, ensaios, antologias e até conferências – e uma metodologia apoiada na revisão bibliográfica, pretendem abranger o pluralismo e diversidade que caracterizam o debate do género, da arquitectura e da história das arquitectas, e que, não sendo conclusivos, permitem

delinear diversas vertentes da multifacetada dinâmica que tem vindo a ser produzida. A narrativa histórica não é a linha orientadora da presente dissertação mas usa-se a história e a teoria feminista e da arquitectura como matrizes condutoras da análise das diversas temáticas. Propõe-se, então, o estudo da análise feminista da arquitectura que prevê a igualdade de oportunidades para homens e mulheres, sem uma hierarquia e sem autoridade de género, e espera-se um reconhecimento das arquitectas pela história; **por outro, tem-se em conta a pluralidade e a diversidade inerente a um grupo tão vasto como “as mulheres” (e, consequentemente, “as arquitectas”)** pois:

“(…) ‘women’ is historically, discursively constructed, and always relatively to other categories which themselves change; ‘women’ is a volatile collectivity in which female persons can be very differently positioned, so that the apparent continuity of the subject of ‘women’ isn’t to be relied on; ‘women’ is both synchronically and diachronically erratic as a collectivity, while for the individual, ‘being a woman’ is also inconstant, and can’t provide an ontological Foundation.”¹²

Quando se fala da análise feminista como metodologia é afirmar que se procuram constantemente estudos ecléticos e diversificados,

“(…) sendo a teoria feminista necessariamente uma forma de bricolage que, consequentemente, não mostra que o feminismo tem necessidade de um centro, um cerne, mas, mais propriamente, demonstra quão inclusivas são as suas visões política e teórica (...) Na sua amplitude plural, os feminismos lidam com as complexas configurações estruturais de poder em torno da raça, classe, sexualidade, idade, capacidade física e assim por diante, mas eles devem ainda, necessariamente, constituir o espaço político e teórico particular que nomeia e anatomiza a diferença sexual como um eixo de poder, operando com uma especificidade que nem lhe dá prioridade, exclusividade e predominância sobre qualquer outro, nem lhe permite estar conceptualmente isolado das texturas do poder social e de resistência que constituem o social.”¹³

A dissertação centra-se portanto na trajectória do pensamento feminista da arquitectura e aproxima-nos das experiências colectivas, das vozes femininas, muitas vezes ignoradas nos relatos históricos disponíveis, através do questionamento de modelos hegemónicos ocidentais, na tentativa de se apresentar as mulheres como agentes históricos. A relevância de tal orientação passa sobretudo pelo questionamento teórico que equivale a retirar a história da arquitectura da reprodução das relações de poder e inseri-la numa produção do espaço mais inclusiva, considerando que “(...) o feminismo significa um conjunto de posições, não uma essência; uma prática crítica, não uma doutrina; uma resposta e uma intervenção dinâmicas e autocríticas, não uma plataforma única”¹⁴. Assim,

¹² RILEY, Denise
– “Does a Sex
have a History?”.
In **Feminism &
History**, p.18.

¹³ POLLOCK,
Griselda – “A
Política da
Teoria: Gerações
e Geografias na
Teoria Feminista
e na História das
Histórias da Arte”.
In **Género, Iden-
tidade e Desejo:
Antologia Crítica
do Feminismo
Contemporâneo**,
pp.192-193.

¹⁴ *Idem, Ibidem*,
p.196.

o objectivo de tal tese visa ultrapassar a perspectiva da vitimização que mais não faz que anular o reconhecimento da mulher e da arquitecta e propõe identificar os desafios que as impulsionaram a produzir e a pensar o espaço e a fazer frente às diferentes modalidades da sua subalternidade. A ideia é perceber quais as oportunidades e consequências para o projecto, para a história e para a arquitectura, quando se fala da utilização de conceitos, valores e teorias feministas. É importante reflectir e concluir sobre as implicações metodológicas da prática de projecto de interacção feminista, tanto filosóficos como práticos, e identificar os obstáculos que inibem tanto a pesquisa nesta área como a entrada da mulher na profissão.

Estrutura. A tese está organizada em dois capítulos, “A vivência do espaço no feminino e a construção da cidade no masculino” e “Para um *refresh* da história da arquitectura”, nos quais a sequência de matérias resulta num encadeamento de diversas temáticas que pretendem mostrar o cenário geral que tem vindo a ser produzido. No primeiro capítulo, questiona-se a natureza de género do espaço e propõe-se pensar a arquitectura ocidental enquanto instituição masculina e a cidade e o espaço como consequências desta. De que forma é que a vida das mulheres e das minorias tem sido afectada por esta produção do espaço? Como é que têm subvertido os códigos projectados para (re)escreverem os espaços em que se movem, estendendo os limites do espaço social e resistindo activamente às autoridades vigentes subversivas? Que lugar ocupa a mulher na cidade e que analogias arquitectónicas são feitas com o corpo feminino? No segundo capítulo, levantam-se outras questões relacionadas, numa primeira instância, com a história masculinizada da profissão e da educação e, depois, com a posição e contribuição das arquitectas para as mesmas. Como tem sido feita a história da arquitectura? E quais os parâmetros e os textos que os historiadores, teóricos, críticos, professores e estudantes têm seguido? Quais são os desejos profissionais e as realidades sociais das arquitectas? Poderão as mulheres ter identidades ‘positivas’ à parte dos modelos masculinos? A questão desta identidade ‘positiva’, ou uma identidade feminina, é abordada na conclusão pelo questionamento da existência de uma ‘arquitectura feminina/feminista’. Será possível uma arquitectura feita por mulheres diferente do *mainstream* masculino? Quais as características e quais as consequências?

Capítulo I. A vivência do espaço no feminino e a construção da cidade no masculino

1 | 2

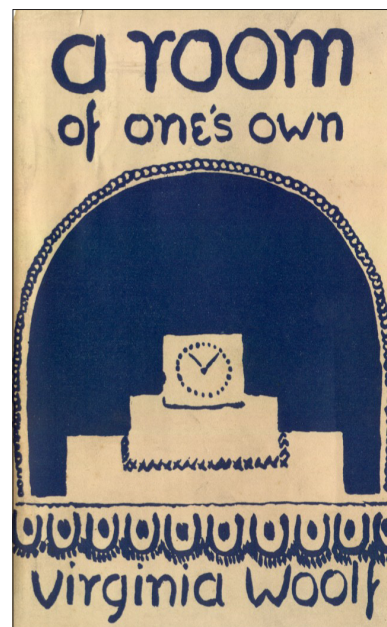
I | Introdução: Percepções sobre arquitectura

A arquitectura não é apenas um abrigo ou refúgio, uma habitação ou um edifício; as questões que a envolvem têm implicações epistemológicas, ontológicas e políticas. Em diferentes contextos históricos e culturais, como aponta Deborah White¹, a arquitectura tem sido vista, usada e promovida como uma disciplina historico-hermenêutica (Pugin e Viollet-le-Duc), arte (Ruskin), profissão e instituição histórica (Kostof), experimento tecnológico (Foster), disciplina intelectual (Mies van der Rohe), como mecanismo e símbolo do poder opressivo (Foucault), como a única alternativa à revolução (Le Corbusier), como símbolo da civilização (Pevsner), entre outras conotações. Na complexidade das funções material, cultural e metafísica, a ideia de arquitectura que circula é mais ou menos consensual, embora abstracta e simplista, vagueando entre a racionalidade e a tecnologia por um lado, e a arte e criatividade por outro. Todavia, independentemente de todos os conceitos e adjectivos que lhe são atribuídos, é clara a percepção de que foi e permanece uma actividade masculina.

A arquitectura é uma disciplina que exige ser entendida num contexto, isto é, dentro do contexto social, político e cultural da sua produção e no contexto da sua representação, interpretação e consumo, através de diferentes abordagens académicas, instituições e grupos de interesses. Assim, seguindo as mudanças ocorridas nos debates teóricos, históricos e críticos, particularmente no que diz respeito ao feminismo, entender a arquitectura em relação ao género continua a pedir uma urgente contextualização - sobretudo em Portugal.

¹ WHITE, Deborah – Masculine Constructions : Gender in twentieth-century architectural discourse : ‘Gods’, ‘Gospels’ and ‘tall tales’ in Architecture, p.16.

FIGURA 6 | Capa da 1ª edição do livro *A Room of One's Own* de Virginia Woolf (24 Outubro 1929). Disponível online em [WWW:<URL:http://thefashionmagpie.files.wordpress.com/2010/05/roomofonesown.jpg>](http://thefashionmagpie.files.wordpress.com/2010/05/roomofonesown.jpg). [Consult em 2 Mai. 2012]



2 | O género da arquitectura

Procurar um vínculo entre as disciplinas de arquitectura e género (e política, dada a natureza do tema) tem-se revelado um trabalho complexo, até difícil. Além das interrogações simultâneas sobre os vários níveis em que intervêm e interactivam na construção da cidade, da casa, dos espaços e da próprias vida, descobrir as posições da mulher na arquitectura e no mundo revelam-se pertinentes para uns, demasiado radicais e fora de tempo e de contexto para os mais cépticos (ou iludidos). Esta procura, esta preocupação, este desassossego, parecem surgir um pouco contracorrente na época da globalização – é provocadora para o discurso e para a teoria da arquitectura, para a história da arquitectura, para o século XXI e, sobretudo, para o contexto português.

Se por um lado, a principal preocupação é produzir ambientes sensíveis capazes de responder às necessidades do homem/mulher que habitam o espaço em questão, por outro, a arquitectura e a cidade ocidentais foram essencialmente produzidas e dirigidas ao *white middle-class men*². Será que interessa à sociedade em geral que o ambiente construído fosse produzido apenas por um grupo restritos de pessoas, referentes a um género e classe específicos? Por que razão é que as mulheres, as crianças e as minorias no geral, estão ausentes do processo de pensar a cidade e reinterpretar o espaço público? Porque ainda não há esta consciência. O discurso da arquitectura ocidental está envolvido com a (penetrante) masculinidade, que é construída em oposição e pela subordinação do “feminino”. As narrativas e histórias arquitectónicas, os conceitos, a linguagem e o vocabulário, as preocupações e os programas, as práticas e os processos, traduzem-se numa orientação masculinizada do *mainstream* da disciplina, em contraste com outras profissões. Historicamente ligada à realidade e à imaginação urbanas, a constante evolução do género oferece inúmeras possibilidades de repensar as conexões entre a subjectividade, a interpretação e o espaço urbano.

O ambiente construído como ‘fundo’ e a arquitectura como ‘figura’ reflectem e reforçam as divisões culturais, sociais e económicas da sociedade, e são específicos num determinado tempo e espaço onde se produzem as relações de poder. Foucault afirma que “(...) space is fundamental in any form of communal life; space is fundamental to any exercise of power”³. Apesar da arquitectura se desenvolver actualmente no meio do sistema capitalista, com todas as suas infra-estruturas políticas e económicas, os arquitectos e teóricos continuam a reclamar o *status* de Artista através de mitos heróicos que justifiquem as suas escolhas sobre o espaço. A verdade é que, contrariamente a este cenário, as mulheres podem ter outra abordagem ao ambiente construído e às relações que este estabelece com o sistema instituído; como refere Virginia Woolf, em *A Room of One's Own*, “If one is a woman one is often surprised at a sudden splitting off of consciousness (...) when from being the neutral inheritor of that civilization, she

² *Idem, Ibidem*, p.17.

³ Cit. por *Idem, Ibidem*, p.16.

becomes, on the contrary, outsider of it, alien and critical”⁴.

⁴ *Idem, Ibidem,*
p.17.

É importante reconhecer que tal como o espaço tem reproduzido as divisões de género pela ocupação física - as diferentes ocupações e usos por homens e mulheres – também o espaço é produzido por questões de género através das representações. As descrições são feitas pelo uso de palavras e de imagens que estabelecem associações com as formas do corpo, curvilíneas e femininas ou fálicas e masculinas, demasiado forçadas.

Se o espaço assume questões de género e, se sim, como é que o faz, é um tema problemático. Levanta-se uma série de questões: se há produção de espaço/género esta é feita através de actos intencionais do processo de projecto de acordo com o sexo do arquitecto ou é produzida pela via interpretativa da crítica, história e teoria da arquitectura? Noutra perspectiva, esta relação entre questões de género e o ambiente construído pode ser realizada pelo uso: determinados espaços podem ser pensados de acordo com o “sexo biológico” das pessoas que os ocupam ou com as diferentes actividades que aí decorrem?

3 | A questão multidisciplinar do discurso sobre a natureza de género do espaço

As abordagens ao masculino/feminino e a sua relação com o ambiente construído fazem-se através de estudos interdisciplinares, dentro e fora da arquitectura, que procuraram a base de trabalho e inspiração nos trabalhos feministas de geografia, antropologia, história da arte, estudos culturais, psicanálise e filosofia. Estas áreas pensaram e debateram o espaço, através das representações e das metáforas espaciais, questões distintas da definição tradicional dada pela arquitectura e pelos arquitectos: o modo como o espaço é encontrado, usado, ocupado e transformado pelas actividades do quotidiano. A base teórica deste discurso provém das percepções conceptuais da teoria feminista contemporânea e dos termos ‘falocentrismo’⁵, ‘feminino’, ‘masculinidade’, ‘o outro’, a ‘alteridade’, relacionados directamente com o espaço. Como Mark Wigley (1992) refere, o discurso arquitectónico é paradigmaticamente “intertextual” e depende e influencia outras esferas da produção cultural. O conhecimento base da arquitectura entende o mundo através de uma moldura limitada – a racionalidade, conotada por muitos autores como masculina – assumindo que o arquitecto é um observador objectivo e o edifício uma expressão transparente dessa visão:

“After examining many of the founding texts of philosophy, science and political theory and history, feminists have argued that the notion of reason as developed from the seventeenth century onwards is not gender neutral. On contrary, it works in tandem with white bourgeois heterosexual masculinities (...) Masculinist rationality is a form of knowledge which assumes a knower who believes he can separate him-

⁵ Na cultura Ocidental, o termo “Falocentrismo” refere-se ao privilégio do masculino (o falo) na compreensão do significado ou das relações sociais, combinado com a dominação do conceito pós-iluminista de ‘razão’ (“logocentrismo”).

self from his body, emotions, values, past and so on, so that he and his thought are autonomous, context-free and objective... the assumptions of an objectivity untainted by any particular social position allows this kind of rationality to claim itself as universal”.⁶

Os estudos urbanos produziram importantes implicações sociais e epistemológicas que reforçaram o questionamento do papel e da função do espaço público, tantas vezes transformado em palco de uma visão etnocêntrica, sexista e limitada da realidade social. Em oposição a este cenário monocultural e reducionista na concepção do espaço urbano, as perspectivas pós-modernas exaltam uma outra leitura, de compromisso social e crítico das várias ciências que se debruçam sobre a análise da cidade e do urbano.

4 | A interação entre a Arquitectura, o Pós-modernismo e o Feminismo

Muitos teóricos têm argumentado que o pós-modernismo representa uma reacção contra a homogeneização da cultura de massa da sociedade capitalista. Uma das manifestações desta reacção é o renovado interesse não no geral/universal/central, mas nas especificidades sociais e históricas, o particular e o ‘descendrado’ na cultura ocidental – o local, o regional, a diversidade étnica e o sexo feminino. Consequentemente, a trajectória da modernidade/pós-modernidade teve diferentes implicações no percurso das mulheres e dos homens – diversos trabalhos apontam para a exclusão das mulheres da modernidade, e a sua posterior recuperação dentro da pós-modernidade. Os adjectivos e as metáforas usados para descrever o ‘diferente’ variam entre híbrido, heterogéneo, descontínuo, anti-totalizante, ou incerto, e acompanham a nova imagem do ‘labirinto’ pós-moderno, fragmentado e múltiplo, sem o centro convencional.

Dentro do campo da arquitectura, a deslegitimação do modernismo tem sido interpretada e reinterpretada com diversas atitudes e surge frequentemente associada a uma crise de representação – dos processos económicos, políticos, culturais e de projecto. Contrariamente ao pensamento racional e purista moderno, o pós-modernismo⁷ produz novas abordagens à arquitectura através de uma ampla diversidade de discursos que moldaram um novo terreno para a disciplina e a profissão, que foram (e são) significativamente modificados por esta atitude pós-moderna. Aqui foi importante a reconceptualização da arquitectura como ‘linguagem’; todavia, o ‘falar sobre arquitectura’ continua a desenvolver-se no ‘centro’, no *mainstream*, com regras definidas que não permitem deslizes nem a criação de espaços de liberdade e de respiração. As alterações no quadro conceptual, a multiplicidade e diversidade de discursos caracterizam a importância do pós-modernismo, pensado não como um estilo singular mas através da percepção de integrar teorias pluralistas. Neste sentido, Jorge Figueira nota que “a

⁶ BOYS, Jos – “Neutral gazes and knowable objects: Challenging the masculinist structures of architectural knowledge”. In *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary*, p.34.

⁷ Peter Eisenman discorda do termo ‘pós-modernismo’ pois alega nunca ter existido uma ‘arquitectura moderna’, tornando-a, portanto, uma impossibilidade. Justifica-se argumentando que a relação entre forma e função é característica desde o período renascentista. No entanto, a industrialização deu novas funções que as soluções propostas tornaram-se inadequadas para as tarefas de projecto. A sua ‘alternativa’ ao pós-modernismo – o ‘pós-funcionalismo’ – recomenda uma dialéctica entre a tipologia humanista e a fragmentação de formas típicas em signos, numa proclamação da arquitectura como discurso independente e livre de influências externas (afirmações explícitas no editorial que escreveu em 1976 para a revista *Oppositions*, do I.A.U.S., da qual era director).

abordagem da história da arquitectura moderna por Mark Wigley usando a temática da moda, ou por Beatriz Colomina, numa perspectiva feminista, traduzem esse alargamento. Na teoria é o pós-modernismo que reenquadra o feminismo, o pós-colonialismo, e suporta os estudos culturais.”⁸

Durante a ‘primeira onda’ feminista, nos anos 60 e 70, surgiu uma expressão artística baseada em grande parte na rejeição de qualquer coisa considerada tradicional e, portanto, do domínio patriarcal. Os impulsos visuais deram lugar a novas experiências formais e à arte performativa. Nos anos 70, a maior parte do trabalho feminista especificamente focado na arquitectura abrangeu um pequeno número de abordagens alternativas – procuraram as protagonistas esquecidas na história da arquitectura e tentaram compensá-la através da história e teoria feministas. Na viragem para a década de 80 explora-se o potencial de uma ‘arquitectura feminista’ que inclui e se desenvolve através da ‘estética feminista’ (alterando a aparência e a interpretação dos edifícios), numa procura por alternativas aos modos convencionais de praticar arquitectura (a forma como os edifícios são produzidos). Mas é nos anos 90 que surgem diversas antologias de textos, que resultam frequentemente de conferências e exposições, onde o debate sobre a mulher na arquitectura – como utilizadora ou arquitecta – se começa a fazer de forma mais profunda e por uma ampla diversidade de áreas do conhecimento. “Space is today understood differently by the feminist theorists who are increasingly concerned with issues of mobility, ‘nomadism’, ‘positioning’ and ‘situatedness’”⁹. Debate-se a domesticidade, a casa, a arquitectura e a cidade contemporâneas, através da metodologia e da linguagem feministas e pelo discurso heterogéneo; garante-se, assim, a continuidade da inquietação na admissão da mulher nesta área. Actualmente, o debate é variado e o trabalho feminista mais recente sugere que:

“(…) that radical practice should not only concentrate on solving problems in a practical way but also critique architecture as a form of representation consisting of images and writing. Such a shift, which involves thinking about architectural practice as text as well as building, may be characterized as postmodern and opens up possibilities for many different approaches to the feminist practice of architecture.”¹⁰

5 | Os usos ‘feminino’: os problemas da categorização e dos estereótipos quando se fala de espaço

Na introdução ao livro *Feminine Sexuality* (1985), Jacqueline Rose relembra a forma como a generalização das categorias de ‘macho’ e ‘fêmea’ é prejudicial para a compreensão da sexualidade; quando estas classificações pretendem representar o absoluto e a divisão entre género, perdem as entidades complementares e as identidades próprias de cada indivíduo. A recente teoria de género re-

⁸ FIGUEIRA, Jorge – “Reescrever o Pós-Moderno”, p.11.

⁹ PETRESCU, Doina, ed. lit. – *Altering Practices: Feminist Politics and Poetics of Space*, p.xviii.

¹⁰ RENDELL, Jane – “Introduction: ‘Gender Space Architecture’”. In *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, p.233.

FIGURA 7 | A *femme fatale* Rita Hayworth em *Gilda* (1946), realizado por Charles Vidor e escrito por E.A. Ellington. Disponível online em WWW:<URL:http://modelos.estiloto-maraquecaia.com.br/post/58-dicas-de-como-e-onde-usar-modelos-estilo-tomara-que-caia/>. [Consult. 28 Mai. 2012]

FIGURA 8 | *The Devil is a Woman* (1935), realizado por Josef von Sternberg. Disponível online em WWW:<URL:http://avaxhome.ws/video/devil_is_a_woman.html>. [Consult. 28 Mai. 2012]

FIGURA 9 | Marlene Dietrich em *The Devil is a Woman* (1935), realizado por Josef von Sternberg. Disponível online em WWW:<URL:http://www.brightlights-film.com/48/sirkcritics.php>. [Consult. 28 Mai. 2012]



jeitou as definições biológicas de sexo como essencialistas, por não oferecerem possibilidade à emancipação da mulher a favor da construção social e cultural de género. Apesar de os termos ‘macho’ e ‘fêmea’ terem sido alterados para ‘masculino’ e ‘feminino’, não mudaram os assuntos estratégicos e epistemológicos. Conforme a teoria feminista se foi tornando mais sofisticada e multivocal, o ‘feminino’ também foi sendo explorado como uma marca do sistema e da inscrição patriarcal do ‘outro’.

O ‘feminino’ é encriptado no espaço e, conseqüentemente, dominado e subjugado, numa imagem que aparece como um segredo escondido, como um código que necessita de ser decifrado. Através desta inscrição no espaço, o género torna-se um objecto de desconhecimento, ou não reconhecimento, e escapa a uma análise. A feminização do espaço está implícita no modo como as metáforas os conceitos carregam e reproduzem os termos sexuais. Assim, é quase naturalmente permitido que o espaço receba as características femininas de passividade, inactividade e ausência de discurso.

Na modernidade, o ‘feminino’ foi alegorizado pela figura da prostituta, como mercadoria ou objecto útil, tornando-se um símbolo inevitável de uma nova história de ‘ver’ e ‘ser visto’, de ‘representável’ ou ‘irrepresentável’. Através das alegorias, o ‘feminino’ passa a depender de imagens, visões e cenários, que ligam o visível e o invisível, a vida e o sonho, simbolizando o artifício e a ilusão modernista. O ‘feminino’ capta a natureza dupla das coisas, é a fonte de angústias e a promessa de prazer. No caso do *filme noir*, o papel da mulher é dirigido para a ideia de *femme fatale*, geralmente associada aos medos dos homens em relação à sexualidade feminina: ela aparece como uma figura ambivalente que ‘lança feitiços’, ligada ao excesso e a algo que tem de ser evitado.

Embora a mulher contemporânea ainda seja muitas vezes excluída da disciplina, o conceito de ‘mulher’ e de ‘feminino’ tem lugar nos textos de arquitectura enquanto metáforas em diversos contextos. A masculinidade destes textos é frequentemente definida em termos de distância/diferença em relação à oposição/hostilidade com o ‘feminino’. A ‘mulher’ foi tomada muitas vezes como a ‘musa’ para o artista masculino, pela duvidosa legitimação da mitologia clássica; as formas do ‘feminino’ foram vistas como um símbolo ou metáfora para se pensar a cidade e o edifício. Os textos ocidentais convencionais assumem que a humanidade – a civilização (ocidental) humana – é masculina e, por isso, a natureza resulta de uma apropriação do ‘feminino’ e da ‘alteridade’ como símbolo.

6 | Language is also a place of struggle¹¹

A apreciação e classificação do mundo físico estão dependentes das percepções sociais que se fazem em relação a este e a forma como o ser humano percebe

¹¹ HOOKS, Bell – “Choosing the Margin as a Space of Radical Openness”. In *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, p.204.

os padrões do domínio social é aplicada aos significados dos conceitos, à classificação e à divisão em grupos – conceitos como ‘alta sociedade’, ‘esferas de interesse’ e ‘círculos políticos’ vão influenciar o espaço e a percepção que se tem deste. O espaço reflecte a organização social e, assim que este esteja devidamente limitado e moldado, deixa de ser um *background* neutro.

“We are now in an era where discourse is as important as design”¹². Na revelação da arquitectura como um sistema de símbolos e na dissociação entre a imagem e a realidade, o discurso e a teoria arquitectónicas ganharam força mas permaneceram inscritos no *mainstream* dominante e masculino. Como refere Mark Wigley, “Theory has always described itself as a kind of building (...) So thinking about the status of architectural discourse, something as apparently simple as a ‘theory of architecture’ becomes complicated because the concept of theory itself established with a certain concept of architecture”¹³. É inteligível que a teoria e a crítica da arquitectura tenham como principal interesse os edifícios e as intenções subjacentes a estes, como os processos de produção e a recepção perante o público. No entanto, desde o declínio do modernismo que o discurso arquitectónico entrou numa fase teórica e auto-reflexiva; consequentemente, os textos de arquitectura começaram a estar sob escrutínio. A teoria pós-moderna trouxe a ‘intertextualidade’ como uma característica inevitável das formações do discurso e a arquitectura apresentou-se como um exemplo elucidativo onde o conceito de ‘linguagem’ – com sintaxe, gramática e citações próprias – incluiu noções de espaço, de imagens e mesmo de edifícios, dando origem a ‘textos complexos’.

O texto arquitectónico tem uma materialidade e é estruturado espacialmente, operando como um lugar metafórico através do qual são exploradas narrativas criativas. Para Jennifer Bloomer em “Big Jugs” (1991), diferentes formas de escrever expressam diferentes modos de entender a arquitectura pelo que é íntimo e pessoal, o que é subjectivo em vez de objectivo, o que é sensual ao invés da pura estimulação visual. Esta perspectiva da arquitectura produz estratégias textuais que são usadas tanto na interpretação de desenhos e espaços como na criação de novas noções de espaço e de criatividade, permitindo ligações entre o desenho arquitectónico e a teoria e a história da disciplina.

Todavia, o discurso da arquitectura contemporânea parece enfatizar apenas o que é novo, o que é original e simplista, numa tentativa de aproximação à atitude moderna. Brenda Vale aponta para “(...) an obsession in architecture which, like art, is novel. Architecture is now appraised on what it looks like and how different this appearance is from anything that has gone before (...) All attention is now focused on the final product and very little on the process or the performance of building”¹⁴. O corpo, a sexualidade e a arquitectura, como processos de projecto, começaram a ser discutidos recentemente mas mantêm-se

¹² AGREST, Diana, CONWAY, Patricia, WEISMAN, Leslie Kanes, ed. lit. – *The Sex of Architecture*, p.11.

¹³ Cit. por WHITE, Deborah – *Masculine Constructions: Gender in twentieth-century architectural discourse: ‘Gods’, ‘Gospels’ and ‘tall tales’ in Architecture*, p.78.

¹⁴ VALE, Brenda – “Gender and an architecture of environmental responsibility”. In *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary*, p.268.

ainda restringidos ao debate entre (poucos) grupos, como o feminista.

As analogias e metáforas sexuais são inerentes à arquitectura? Ou elas são inerentes à linguagem que usamos para escrever e falar sobre a arquitectura? A arquitectura começou a ser interpretada em termos de espaço relacional, como uma linguagem que expressa significados em diversos contextos – por exemplo, na estrutura económica e social ou segundo valores ou qualidades femininas/masculinas. A comunicação é feita por um vocabulário formal, com gramática e sintaxe próprias e, se o significado está ou fora da arquitectura, a projecção deste está sempre inerente tanto na criação da forma do edifício como no acto de o observar. Assim, “Language is also a place of struggle (...) The oppressed struggle in language to recover ourselves, to reconcile, to reunite, to renew. Our words are not without meaning, they are an action, a resistance.”¹⁵

7 | O lugar da mulher na cidade e as reacções ao ambiente urbano

“The man-made environment which surround us reinforce conventional patriarchal definitions of women’s role in society imprint those sexist messages on our daughters and sons. They have conditioned us to an environmental myopia which limits self-concepts... which limits our visions and choices for ways of living and working... which limits us by not providing the environments we need to support our autonomy or by barring our access to them. It is time to open our eyes and see the political nature of this environmental oppression!”¹⁶

É de forma directa e radical que Leslie K. Weisman inicia a sua intervenção sobre o ambiente construído (e masculinizado), em gesto de manifesto. Sem dúvida, a vida das mulheres (e das minorias no geral) foi profundamente afectada pelo uso da cidade/periferia e pelo conceito e desenho da casa – como lugar “feminino” por excelência.

O desenvolvimento das cidades e dos subúrbios é influenciado, directa e indirectamente, pelos sistemas e mecanismo de poder e controlo, dos quais as mulheres foram sucessivamente excluídas. Nesta esfera incluem-se a arquitectura e a construção, os edifícios e os espaços públicos, que respondem à prevalecente ideia (tradicional) da natureza da família, à relação casa/trabalho e ao dualismo do espaço público/espço privado, termos que concentravam as perspectivas de vida do homem de negócios. Após a “segunda onda” feminista, activistas e teóricas implantaram ferramentas de análise que permitiram observar o abandono e irrelevância dada às experiências, necessidades e percepções das mulheres - a investigação permitiu identificar, por um lado, que as mulheres têm interesses diferentes do homem e que habitam outros ‘nichos’ económicos e culturais, por outro, o modo como o ambiente construído facilita, expressa, legitima e perpetua a elevação dos interesses masculinos.

¹⁵ HOOKS, Bell – “Choosing the Margin as a Space of Radical Openness”. In **Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction**, p.204.

¹⁶ WEISMAN, Leslie Kanes – “Prologue”. In **Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction**, p.1.

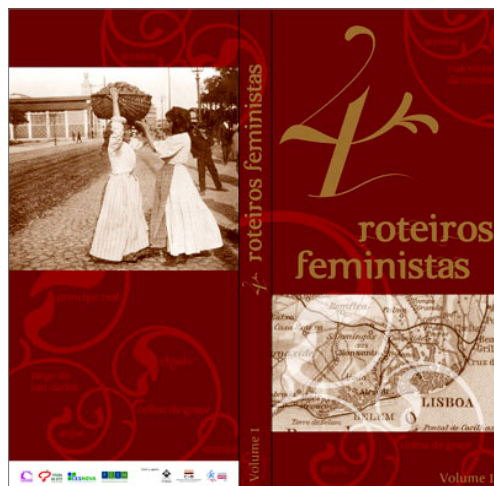
FIGURA 10 | Um desfile pela libertação das mulheres na *Fifth Avenue*, Nova Iorque, 1971. Disponível online em WWW:<URL:http://www.newyorker.com/arts/critics/books/2009/11/16/091116crbo_books_levy>. [Consult. 28 Mai. 2012]



FIGURA 11 | *Women's March for Equality* na *Fifth Avenue*, Nova Iorque, 1971. Disponível online em WWW:<URL:http://rollinscollegehistoryspeaks.blogspot.pt/>. [Consult. 28 Mai. 2012]



FIGURA 12 | *Roteiros Feministas na Cidade de Lisboa*, equipa Faces de Eva e UMAR, 2010. Disponível online em WWW:<URL:http://www.umarfeminismos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=277&Itemid=95>. [Consult. 28 Mai. 2012]



Weisman continua com “A meaningful environment is necessary and essential to a meaningful existence.”¹⁷ Ao longo da história, as mulheres participaram em diversas manifestações e agitações por melhores condições de vida nas cidades, como *Reclaim the Streets e Critical Mass*, onde as práticas sociais do quotidiano formaram a base filosófica e política dos movimentos. Estes grupos exigiam melhores edifícios e espaços públicos, uma nova rede de transportes e habitações de qualidade acessíveis a todos e todas, que suportassem os estilos de vida contemporâneos, que respondessem às realidades da vida e não a fantasias culturais sobre elas. Em 1971, na cidade de Nova Iorque, juntaram-se setenta e cinco mulheres e ocuparam um edifício abandonado na *Fifth Avenue*:

“Because we want to develop our culture,
Because we want to overcome stereotypes,
Because we refuse to have ‘equal rights’
In a corrupt society,
Because we want to survive, grow, be ourselves,
We took over a building to put into action with women
Those things essential to women – health care,
Child care, food conspiracy, clothing and book,
Exchange, ‘gimme women’s shelter’, a lesbian
Rights center, inter-arts center, feminist
School, drug rehabilitation.
We know the City does not provide for us.
Now we know the City will not allow us to
Provide for ourselves.
For this reason we were busted.
We were busted because we are women acting
Independently of men, independently of the system...
In other words, we are women being revolutionary.”¹⁸

Este grupo entendeu claramente que a apropriação do espaço é um acto político, que o acesso ao espaço (sobretudo público) está relacionado com o *status* social e com o poder, e que a alteração do uso do espaço está inerente a uma afectação da sociedade.

Em Portugal surgiu recentemente uma espécie de guia, escrito e editado pela União de Mulheres Alternativa (UMAR) e pela equipa de investigação Faces de Eva (Universidade Nova de Lisboa) que pretende “(...) recuperar e tornar visível a voz e o protagonismo das mulheres nas suas trajetórias individuais e lutas colectivas, contribuindo para a construção da memória histórica dos feminismos, diz a UMAR. Um livro que, segundo a co-autora Manuela Góis, ‘fazia falta porque não havia um olhar feminista sobre Lisboa e porque a história tradicional torna invisível o papel das mulheres’. O objectivo destes colectivos é

¹⁷ *Idem, Ibidem*, p.3.

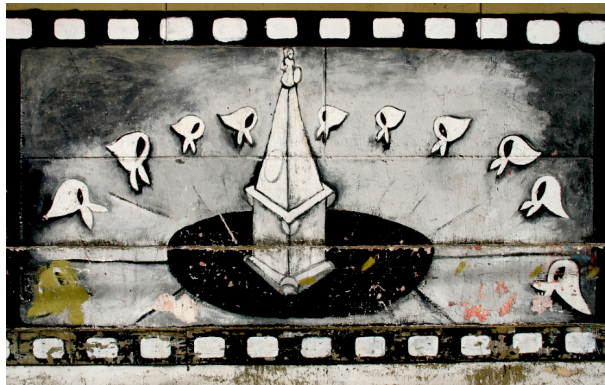
¹⁸ WEISMAN, Leslie Kanes – *Discrimination by Design*, p.1. Esta citação é referente ao Movimento *Fifth Street Women*, publicado em *The Militant*.

FIGURA 13 | A marcha circular em torno da Pirâmide de Mayo (sem data). “¿También buscás noticias de tu hijo? Habrá sido la primera pregunta. Tenemos que unimos y hacer algo. Habrá sido la primera afirmación”. Disponível online em WWW:<URL:http://dosorillas.wordpress.com/>. [Consult. 7 Mai. 2012]

FIGURA 14 | Mural da Praça de Mayo em Buenos Aires (sem data). Estas mulheres ocuparam o espaço público em protesto pelo desaparecimento dos seus filhos e de outros familiares durante o regime militar argentino de 1976 a 1983. Disponível online em WWW:<URL:http://www.travelblog.org/Photos/545116>. [Consult. 7 Mai. 2012]

FIGURA 15 | As mães da Praça de Mayo usavam um lenço branco bordado com o nome dos seus familiares e a data do desaparecimento (1985). Disponível online em WWW:<URL:http://blog.voluntarioglobal.com.ar/wp-content/uploads/2011/07/P1110629-Version-2.jpg>. [Consult. 7 Mai. 2012]

I. A VIVÊNCIA DO ESPAÇO NO FEMININO E A CONSTRUÇÃO DA CIDADE NO MASCULINO



perpetuar a memória das feministas que passaram por Lisboa ou que, de alguma forma, a marcaram. Os roteiros estão sempre em actualização, porque as pessoas que querem fazer desta cidade uma cidade de justiça social e de igualdade continuam na rua. Os roteiros estão sempre incompletos, têm sempre de ser completados e redignificados.”¹⁹ Esta iniciativa surge pela necessidade de equilibrar a cidade no feminino e no masculino e trata-se simplesmente de repensar a cidade tendo em conta os seus múltiplos olhares e sensibilidades individuais.

A abordagem arquitectónica feita pela teoria feminista vem questionar os princípios básicos da história e da prática arquitectónicas, sugere novos objectos de estudos e propõe repensar as interpretações feitas dos mesmos. Por exemplo, em “Subjective Spaces: A Feminist Architectural History of the Burlington Arcade” (1996), Jane Rendell recorre ao período histórico compreendido entre 1811 e 1821, momento precedente da ideologia das ‘esferas separadas’ e da dominante configuração do espaço e do género, e às *Burlington Arcades*, em Londres, como espaço revelador da noção de consumo e que actuam como um arquétipo da interpenetração do espaço público com o privado. As arcadas demonstram a natureza problemática do conhecimento binário e do consumismo, o espaço foi pensado para as mulheres consumidoras mas era usado pelos homens que consumiam o corpo da mulher como exibição e como imagem.

“Woman, representing both heterogeneity of matter through her body an historical negation of her gender, is in the perfect position to develop such a discourse. Woman, a discourse of heterogeneity, represents the negative in the homogeneity of the community.”²⁰

Consequentemente, o papel das mulheres na transformação da cidade permanece fora do discurso cultural da arquitectura e do urbanismo e são conotadas, frequentemente, como agentes passivos do ambiente construído. Recentemente, têm surgido alguns trabalhos que estabelecem uma conexão crítica entre o poder e a espacialidade, focados na participação das populações marginalizadas nas alterações das cidades contemporâneas. As consequências sociais das ideologias repressivas do planeamento urbano foram apropriadas pela análise feminista, que explorou a influência das mulheres e de outras minorias no espaço público. Susana Torres, em “Claiming the Public Space: The Mothers of Plaza de Mayo”, retrata o grupo de mulheres que, nos anos 70, ocuparam a praça principal de Buenos Aires (Argentina), a Plaza de Mayo, numa actuação contra a violência e o desaparecimento de pessoas durante a brutal ditadura militar (1976-1983). A redefinição desta praça pelas *Madres de la Plaza de Mayo* sugere que o domínio público existe mais pelas acções sociais que aí ocorrem do que pelos edifícios, fachadas e espaços que o compõem; a arquitectura revela-se cúmplice do poder ao criar sistemas simbólicos de representação, geralmente, através do poder das hierarquias. Estas mulheres expuseram o corpo à violência através da

¹⁹ Ver o artigo do jornal diário Público – “Roteiro Feminista quer mostrar que Lisboa também é das mulheres” (28.10.2010).

²⁰ AGREST, Diana – “Architecture from without: Body, Logic and Sex”. In *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, p.367.

FIGURA 16 |
Capa do livro *A Women's Berlin*,
de Despina Strati-
gaktos, 2008.
Disponível online em
WWW:<URL:http://
www.upress.umn.
edu/book-division/
books/a-womenas-
-berlin>. [Consult.
28 Mai. 2012]

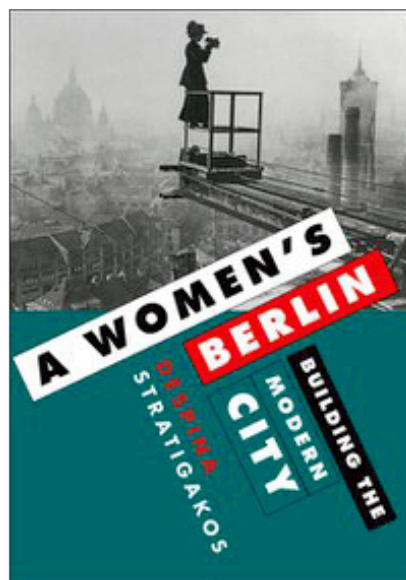


FIGURA 17 | *A woman builder making repairs to the roof of Berlin's town hall*, 1910. Primeira imagem do livro *A Women's Berlin*, de Despina Stratiagos, 2008. Disponível online em WWW:<URL:http://www.upress.umn.edu/book-division/books/a-womenas-berlin>. [Consult. 28 Mai. 2012]



presença simbólica na forma de uma marcha silenciosa em volta da Pirâmide de Mayo, no centro da praça, em resposta à ordem policial que exigia a ‘circulação’, provando que a acção colectiva consegue fazer (re)nascer o espaço público e alterar os seus significados.

A historiadora Dolores Hayden tem vindo a identificar certas características do ambiente produzido pelo homem, como as cidades insensíveis à diversidade do habitar, as ruas pouco hospitaleiras ou o simbolismo sexista da publicidade. Propõe então a substituição por melhores transportes públicos, por espaços públicos acessíveis à colectividade ou por uma rede mais apropriada de creches e lares de idosos. Defende a eliminação da segregação residencial por classe, etnia, ou idade, e um novo paradigma de casa, que não se molde pelos padrões tradicionais em torno da cozinha, das actividades ditas ‘femininas’ e do casamento, e de bairro, com serviços adicionais que apoiem o espaço privado e os pais que trabalham. Neste sentido, ao colocar a questão “What would a non-sexist city be like?” (1980), Hayden pretende provocar sobretudo os arquitectos e urbanistas para que reconheçam os novos tipos de família como constituintes de novas abordagens de projecto, rejeitando, por exemplo, que o lugar da mulher ainda é a casa. A reabilitação e a preservação de edifícios são enfatizadas em detrimento de novas construções - sobretudo na Europa, alguns projectos têm vindo a ser desenvolvidos neste sentido, como o caso *Steilshoop Project* (Hamburgo, Alemanha) ou *Marieberg collective house* (Estocolmo, Suécia). No mesmo sentido, Despina Stratigakos tem vindo a reflectir sobre o género e a modernidade nas cidades europeias - no livro mais recente, *A Women’s Berlin* (University of Minnesota Press, 2008), a autora explora a concepção da cidade construída por e para mulheres, um lugar imaginado mas parcialmente realizado anos antes da I Guerra Mundial.

7.1 | Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities* (1961)

No final dos anos 50, Jane Jacobs começou a sua própria luta contra a proposta de renovação urbana para Nova Iorque, feita pelo director de planeamento urbano da cidade, Robert Moses. Identifica o impacto da abstracção moderna na diversidade urbana, nos bairros, nas vizinhanças e na vida dos seus habitantes, e reclama a rua, o quotidiano e as necessidades e imaginários dos cidadãos. Apesar de não se focar na situação específica da mulher, Jacobs consegue enfatizar as preocupações femininas, dando-lhe visibilidade – critica as narrativas dos mestres no planeamento urbano e torna-se num presságio das reivindicações posteriores dos movimentos de mulheres (em particular, o activismo urbano dos anos 70 e 80). Diane Ghirardo (1996) sintetiza a sua contribuição, lembrando que:

“Jacobs challenged the planning ideas of Le Corbusier and other Modern Movement designers, as well as the Garden City program of Ebenezer Howard.”

FIGURA 18 | Robert Moses (1888-1981) com uma maquete da sua proposta para a *Battery Bridge* (sem data). Disponível online em WWW:<URL:http://www.shunpikers.com/avoidance.html>. [Consult. 9 Mai. 2012]

FIGURA 19 | "This park is dangerous without a traffic light", apresentação de Jane Jacobs na *Municipal Arts Society* (sem data). Disponível online em WWW:<URL:http://buchholzsb11.wordpress.com/2011/09/19/on-cities-as-sustainable-ecosystems-and-what-would-jane-jacobs-say/>. [Consult. 9 Mai. 2012]

FIGURA 20 | Uma actualização/alteiração atrevida da fotografia icónica de Arnold Newman sobre Robert Moses - aqui, a presença de Jane Jacobs representa a importância do seu discurso na cidade (sem data). Disponível online em WWW:<URL:http://kottke.org/09/05/jane-jacobs-video>. [Consult. 9 Mai. 2012]

I.A VIVÊNCIA DO ESPAÇO NO FEMININO E A CONSTRUÇÃO DA CIDADE NO MASCULINO



nezer Howard (...) as inappropriate for cities. Celebrating the heterogeneity of urban neighborhoods and old buildings, Jacobs used her own district in New York as a means of unearthing the diversity and liveliness possible on city streets, which she contrasted with the deadening regularity of low-income housing projects that killed the street. Unlike most architectural critics of the time, Jacobs acknowledged the connection between development money and urban change, financial practice and the decay of cities (...) Some of her emphases – on the lived network of human relationships that constitute our experiences of cities and which modern architecture and planning ignored – only slowly began to bear fruit.”²¹

Sem um conteúdo específico que relacione gênero e urbanismo, Jacobs rejeita os conjuntos suburbanos que isolam as mulheres e as crianças, contrapondo o *zoning* e a *tabula rasa* à apologia da vida urbana e à dinâmica das metrópoles. Reforça continuamente a mistura de funções na cidade e reivindica condições que gerem a convivência e a partilha entre os diferentes indivíduos. Numa atitude muito pós-moderna, Jacobs adota e adapta as diferentes sensibilidades na criação do ambiente urbano que procura ser fragmentado, com momentos diversificados, complexo e contraditório.

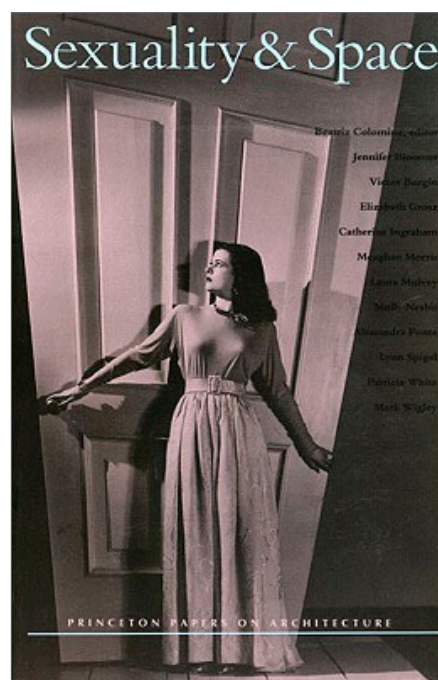
8 | Literatura sobre arquitectura e género

A maioria da abordagem feita ao tema ‘arquitectura e género’ é produzida através de livros e colectâneas de artigos que evidenciam ter o activismo político como origem, numa tendência sociopolítica de (re)conhecimento das profissões e das disciplinas relacionadas com o ambiente construído. A selecção e organização dos textos exploram temas criativamente elaborados, sem a lógica da sequência cronológica. As teses formuladas centram a perspectiva da mulher na arquitectura e concentram-se na exclusão do ‘feminino’ tanto da prática/produção do espaço como na consideração das mulheres como habitantes da cidade e dos edifícios. Este trabalho é produzido através da recuperação de arquitectas esquecidas como protagonistas da profissão e da reavaliação da natureza de género da arquitectura, enquanto disciplina teorizada, praticada e ensinada.

A organização destas antologias exige, além de pesquisa, uma certa perspicácia, cumprindo um papel específico no avanço das ideias, especialmente quando relativas a um período dinâmico e caracterizado pela pluralidade e pela revisão de princípios dogmáticos. Construir uma trama própria, tentando alcançar um público mais amplo, permite expandir as fronteiras do debate e constituir um importante estímulo ao pensamento arquitectónico contemporâneo. A inexistência de um ponto de vista predominante nestas investigações colabora para a proliferação de novas teorias que pretendem explicar aspectos ainda des-

²¹ Cit. por WHITE, Deborah – *Masculine Constructions: Gender in twentieth-century architectural discourse: ‘Gods’, ‘Gospels’ and ‘tall tales’* in *Architecture*, p.138.

FIGURA 21 | Capa do livro *Sexuality and Space*, ed. por Beatriz Colomina, 1996. Disponível online em WWW:<URL: <http://www.betterworldbooks.com/sexuality-space-id-1878271083.aspx>>. [Consult. 9 Mai. 2012]



conhecidos, ou esquecidos, da disciplina. Em temas como significado, história, e sociedade, debate-se a cultura arquitectónica à luz de novos enquadramentos ideológicos e paradigmas teóricos, tais como a fenomenologia, a estética, a teoria linguística, o marxismo e o feminismo que, importados de outros ramos do conhecimento, modelam a teoria da arquitectura. A organização dos textos sob essas categorias e a participação de um mesmo autor em temas distintos garantem uma dinâmica fruição de ideias.

A sequência dos temas introduz um ritmo que é determinado pelo interesse do leitor. Na construção teórica que se vai estruturando pela sucessão de textos, o paradigma fenomenológico assume papel extremamente relevante uma vez que está na base das atitudes pós-modernas em relação ao sítio, ao lugar, à paisagem, à edificação, além de ressaltar o efeito que uma obra de arquitectura produz no observador. Partindo da contestação de antigos paradigmas – como o racionalismo e o antropomorfismo – propõe-se a sua substituição por outros capazes de desvendar a trama de uma nova (des)ordem estabelecida pelo prazer, pelo respeito às diferenças de género, classe e etnia, pela participação da mulher, e de outras minorias, na arquitectura.

8.1 | *Sexuality and Space* (1992)

Sexuality and Space foi a primeira colecção de textos que juntou ideias em torno do género e que explorou a sua relação com diversas áreas, como a antropologia, a história da arte, a geografia e a filosofia, num discurso capaz de suportar depois os estudos de género no espaço e na arquitectura. Editada por Beatriz Colomina, a antologia fornece um contexto interdisciplinar para uma crítica de género à arquitectura, expandindo o discurso para novas ligações e fortalecendo novas abordagens à teoria e à história – a conferência homónima (1990, Universidade de Princeton) surge como o acontecimento seminal da segunda fase do feminismo.

Na introdução, Colomina refere que as políticas de espaço são sempre sexuais e que grande parte da teoria e da crítica contemporâneas têm sido apropriadas pela arquitectura: “To simply raise the question of ‘Sexuality and Space’ is (...) to displace Architecture.”²² Os diferentes tipos de trabalhos sobre as representações realizados por teóricos feministas foram ignorados ou remetidos para segundo plano, e continuam a sê-lo, no discurso e na prática arquitectónicos. Propõe-se para base de trabalho e de discussão a interdisciplinaridade entre as teorias sobre a sexualidade e os termos arquitectónicos. Colomina coloca ainda a questão: como é que a questão do espaço é actualmente inscrita no tema da sexualidade? Logo à partida, a pergunta requer o abandono do pensamento tradicional sobre a arquitectura como objecto e, da mesma forma, o corpo passa a ser entendido como uma construção política, como produto dos sistemas de representação. Por um lado, a linha de pensamento sobre a relação sexo/arquitect-

²² COLOMINA, Beatriz – “Introduction”. In *Sexuality and Space*, s/p.

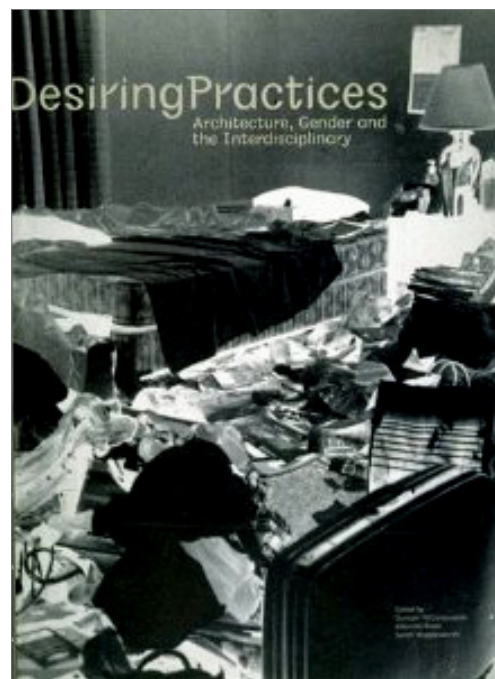
tura prende-se sobretudo com o tema do género no discurso do espaço e a questão do espaço no discurso do género. Por outro, a produção activa de distinções de género é encontrada nos vários níveis do discurso arquitectónico como, por exemplo, nas divisões do trabalho, na bibliografia, convenções de desenho, estruturas de remuneração, publicações, entre outros. Esta lógica resulta frequentemente na subordinação do ‘feminino’, da mulher, e em questões que ainda levantam resistência; estas formas particulares de resistência marcam o papel da arquitectura na cultura ocidental e falta apenas saber o que está a ser protegido, por quem e com que finalidade.

O género é um conceito modelado por uma lógica espacial mascarada no momento da sua aplicação na arquitectura e, por isso, a questão da sexualidade e do espaço operam aqui como a estrutura desta ‘máscara’ (institucional). Este encobrimento tem de ser questionado sob o cenário da construção patriarcal e do lugar da mulher, na casa e na cidade – trabalho realizado por Mark Wigley, em “Untitled: The housing of gender”. Este ensaio é o mais denso e complexo no descobrimento de uma série de questões sobre a sexualidade, a representação, a visualidade, a identidade, a história, a resistência e a posição cultural da mulher domesticada como musa para o prazer criativo do homem. Wigley examina a influência dos tratados de Alberti – *The Art of Building in Ten Books e Della Famiglia, Book III* (1433-34) – e o trabalho de Xenophon – *Oeconomicus* (c. século V) – na tentativa de desenvolver os conceitos centrais do pensamento feminista na cultura ocidental. Neste contexto, explora a distinção entre público/privado e a sua relação na dicotomia masculino/feminino, as hierarquias de género/autoridade, de controlo e da forma como se disciplinou o corpo da mulher – ou seja, Wigley desmonta as interpretações e as ideologias da fundação da arquitectura ocidental e as suas representações. O autor identifica também o ornamento como a materialidade feminina, que se torna posse da estrutura da mesma forma que a mulher sustém a ordem estrutural da casa. Quando identifica explicitamente o ornamento com a sexualidade, Wigley refere que Alberti segue Xenophon na condenação da maquilhagem feminina a favor da transparência masculina. Por outro lado, explora as formas de resistência de Gottfried Semper, que tentou deslocar a localização institucional da arquitectura através da substituição de teorias do ornamento e da visão, numa clara oposição à tradição hegemónica da ‘superfície branca’ do século XIX. Mark Wigley remata com “The exclusion of sexuality is itself sexual.”²³

Os trabalhos apresentados nesta antologia são heterogéneos e exploram variadas temáticas, abordagens e perspectivas, como, por exemplo, “Bodies – Cities” (Elizabeth Grosz), “Initial Proprieties: Architecture and the same place of the line” (Catherine Ingraham) ou “Perverse Space” (Victor Burgin). Colomina, em “The Split Wall: Domestic Voyerism”, explora as complexidades das rela-

²³ WIGLEY, Mark – “Untitled: The housing of gender”. In *Sexuality and Space*, p.327.

FIGURA 22 | Capa do livro *Desiring practices – Architecture Gender and the Interdisciplinary*, ed. por Katerina Ruedi, Sarah Wigglesworth e Duncan McCorquodale, 1996. Disponível online em WWW:<URL:http://www.amazon.co.uk/gp/product/images/0952177390/ref=dp_image_0?ie=UTF8&n=266239&s=books>. [Consult. 28 Mai. 2012]



ções entre o espaço interior, o corpo, o observador e o autor do projecto, através da análise de desenhos, fotografias, filmes e textos dos arquitectos modernistas Adolf Loos e Le Corbusier (a análise da autora estende-se ainda à permanente presença masculina nas fotografias publicadas dos edifícios Le Corbusier). No final, o tema da arquitectura/género/sexualidade permanece ‘sem título’ (apesar de se excluir sempre algo quando se intitula) e sem um espaço próprio, apropriado e conveniente, no contexto arquitectónico.

8.2 | *Desiring practices: Architecture Gender and the Interdisciplinary* (1996)

O projecto *Desiring Practices* procurou criar um percurso de ideias pela diversidade de autores, discursos e práticas que conseguissem coser as pontas soltas sobre os papéis da sexualidade e do género em arquitectura. Culminou numa série de exposições e num simpósio em Agosto de 1995, com a apresentação de uma ampla variedade de textos que esticam as definições de arquitectura e de prática/projecto além dos seus limites tradicionais. As intervenções transformam-se em linhas condutoras de um discurso alargado numa experiência colectiva, privilegiando as divergências às convergências e considerando a ausência de unidade não como uma deficiência mas como uma qualidade (muito pós-moderna). A antologia, editada por Katerina Ruedi, Sarah Wigglesworth e Duncan McCorquodale, desenvolve amplos aspectos do pensamento feminista no contexto da arquitectura e das artes visuais: são perspectivas que lidam com a questão da vanguarda e da linguagem de género em arquitectura (como Jennifer Bloomer, Karen Burns ou Adrian Forty), com a predominância de estruturas masculinas no conhecimento arquitectónico (Jos Boys) ou com a esteticização do mundo (Neil Leach).

Jennifer Bloomer, em “The matter of the cutting edge”, questiona as convenções de diferença através da experiência pessoal e das políticas do discurso arquitectónico. Numa crítica aos dualismos e à inferiorização da mulher, comenta que “I have written them with the hands that are beringed, lotioned, perfumed, and polished, with direction from a mind that lives in the body on to which they are attached. It is the kind of body that, in the sets of pairs body-mind, matter-form, and ornament-structure (...) traditionally relates to the left-hand side. (...) But look: the fact that it is playing on the same field does not mean it is playing the same game.”²⁴ Bloomer identifica a repressão da ‘nostalgia’ em relação à prática e ao discurso arquitectónicos, no centro do projecto da modernidade como ‘fetichização’ de uma ausência imaginada. Este conceito é estendido ao espaço electrónico ou ‘hiperespaço’, uma zona livre de nostalgia e de domesticidade: “To enter electronic space is to leave home without leaving home. But in this space there is no matrix for domesticity. (...) There is no room

²⁴ BLOOMER, Jennifer – “The matter of the cutting edge”. In *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary*, p.13.

for cyber-domesticity, for electro-sentimentality.”²⁵

Jos Boys expõe uma breve história da racionalidade masculina no pensamento arquitectónico e a necessidade de alterar e contrariar este paradigma, tendo por base novas questões e formas alternativas de prática:

“(…) new and interesting questions to ask. Why have ideas been constructed and maintained in this form [a estrutura das ideias feita a partir de uma visão particular da sociedade]? Whose interests does such a view legitimate and which alternative interpretations are silenced? And how might new forms of architectural practice be construed that are not framed around the assumption of a neutral gaze and an ultimately knowable object, defended through this simplistic logic of abstract socio-spatial concepts and binary oppositions?”²⁶

A intervenção de Adrian Forty questiona a ausência (ou a subtileza) do papel metafórico e simbólico do género nas representações da arquitectura durante o século XX: “(…) just because people no longer talk in gender metaphors, does it mean that the distinctions once signified by the difference between ‘masculine’ and ‘feminine’, or between ‘manly’ and ‘effeminate’, no longer exist? Can distinctions that were once a routine part of architectural discourse really have disappeared without trace from our way of thinking about architecture? Has architecture lost its gender? Do we only have neuter architecture now?”²⁷ Ainda que, actualmente, as metáforas de género possam não fazer parte da linguagem do criticismo, as distinções de género permanecem os processos de pensar e reflectir o espaço e a linguagem da arquitectura continua a assumir o ideal masculino pois “Conventionally, the best architecture was always masculine. The characteristics of masculine architecture were there for all to see: they fulfilled an ideal; feminine architecture on the other hand, was not only always inferior, but it generally lacked any specific qualities, positive or negative, of its own (...) the feminine is simply an invention of male discourse, not a category in its own right.”²⁸

“Cherchez la femme : Where are the women in architectural studies?” é a pergunta formulada por Diane Ghirardo que questiona o sexismo prevalecente na teoria e crítica arquitectónica como causa da constante ausência e esquecimento da presença da mulher na história da arquitectura. Elabora uma aproximação feminista a este conceito onde coloca as mulheres, os seus espaços e os seus papéis, na transformação da cidade (e não só quando as mulheres são as arquitectas). Contrariando interpretações dogmáticas, esta abordagem reforça que os conceitos de edifício e de espaço são formulados pela perspectiva do grupo dominante (e legitimado pela sociedade) e pretende desvendar as práticas espaciais e as histórias femininas, confirmando que os espaços são configurados e adquirem significados.

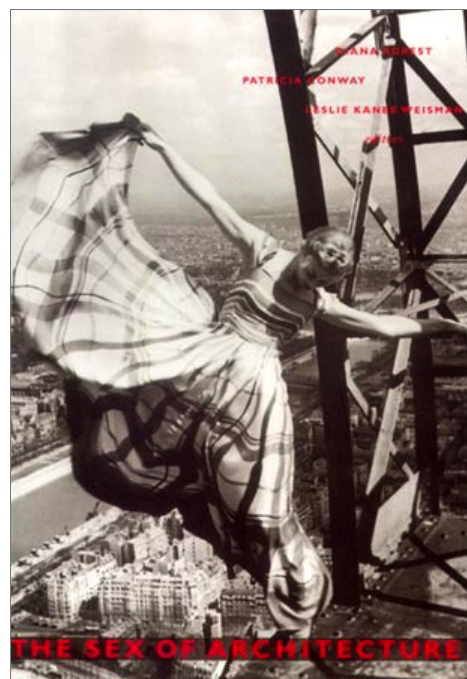
²⁵ *Idem, Ibidem*, pp.18-19.

²⁶ BOYS, Jos – “Neutral gazes and knowable objects: Challenging the masculinist structures of architectural knowledge”. In **Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary**, p.36.

²⁷ FORTY, Adrian – “Masculine, Feminine or Neuter?”. In **Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary**, p.142.

²⁸ *Idem, Ibidem*, p.153.

FIGURA 23 | Capa do livro *The Sex of Architecture*, ed. por Diana Agrest, Patricia Conway, Leslie Kanes Weisman, 1996. Disponível online em WWW:<URL: <http://www.mutualart.com/Artwork/The-Sex-of-Architecture/2E95E5D3AC8D8AC2>>. [Consult. 28 Mai. 2012]



Na sua generalidade, os artigos mostram uma ampla variedade de temas relacionados com género e arquitectura. Karen Burns usa o feminismo como *força motriz* em vez de objecto da investigação, contrapondo a sistemática limitação de significados dada pelas instituições da arquitectura com o trabalho de teóricas feministas sobre mulher e o ambiente construído, a identidade e as experiências. Jane Rendell, pela leitura das *Burlington Arcades*, aposta na perspectiva feminista marxista em relação ao espaço e às categorias de uso, representação e experiência, numa crítica ao sistema patriarcal e capitalista e às formas de dominação e opressão que exercem sobre as minorias. Judy Bradley faz uma complexa e provocadora analogia entre a experiência feminina – dar à luz, a maternidade - e a natureza problemática da profissão e do papel do arquitecto no mundo contemporâneo. Com “Architecture and Obstetrics: Buildings as Babies”, a autora defende que “the architect as hero, whether male or female, must be rejected. A reinterpretation and revaluation of architectural history could go a considerable way to challenge the cult of the ‘star’ architect and their bonny ‘babies’ [os edifícios].”²⁹ A contribuição mais directa sobre a participação das mulheres enquanto arquitectas, é dada por (um homem) Paul Finch que desvenda as barreiras e imposições feitas à participação das mulheres na arquitectura, tema apresentado no capítulo II da presente tese: mais complexo do que mostrar as arquitectas que realmente construíram, é conhecer as que se perderam no decorrer da história da arquitectura.

²⁹ BRADLEY, Judi Farren – “Architecture and Obstetrics: Buildings as Babies”. In *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary*, p.58.

8.3 | *The sex of architecture* (1996)

O livro inicia-se com um título sugestivo, “o sexo da arquitectura”; falar da sexualidade da arquitectura pretende ser provocador e trazer múltiplos significados – composto por 24 ensaios, a antologia pode ser lida como um retrato do pensamento feminista americano da década de 90 do século XX. Apesar de não ser consensual que haja relação entre os dois temas, a existência do corpo sexualizado no ambiente construído é uma abordagem recorrente da arquitectura ocidental – desde logo, “male architects ‘give birth’ to their buildings”³⁰.

Esta compilação resulta da conferência “Inherited Ideologies: A ReExamination” realizada na Universidade da Pensilvânia, EUA, em 1995. Segundo as editoras, o objectivo era criar um diálogo entre mulheres teóricas, historiadoras, professoras e arquitectas, em torno dos temas explorados pelas teóricas feministas, como a dicotomia espaço público/espaço privado, permitindo que o discurso e a linguagem da arquitectura contemporânea se revelem tão importantes como o desenho e o processo de projecto.

A maioria dos artigos apresentados de *The Sex of Architecture* procura uma reexaminação do conceito de ‘Outro’ sugerido por Simone de Beauvoir e aqui explicado filosoficamente por Mary Mcleod. Implicitamente ou não,

³⁰ AGREST, Diana, CONWAY, Patricia, WEISMAN, Leslie Kanes, ed. lit. – *The Sex of Architecture*, p.11.

explora-se a o ‘feminino’ como o ‘outro’, uma atitude que advém da história da mulher na arquitectura, o seu esquecimento, a sua posição marginalizada no ambiente construído, os usos do espaço público, o consumismo e o papel da domesticidade no quotidiano e na arquitectura. Em continuidade com outros livros sobre o género e a arquitectura, *The Sex of Architecture* é multidisciplinar, reconhece e interage com diversas vozes e diferentes contextos, reflectidos na heterogeneidade dos temas, das preocupações e das abordagens. M. Christine Boyer exhibe a *femme fatale* como uma alegoria urbana nos *filmes noir*, Diana Agrest reexamina criticamente o urbanismo moderno e o discurso científico para explicar a ausência da natureza do discurso urbano nos últimos sessenta anos, Diana Baltimore traz-nos uma narrativa que revela o esquecimento da Cultura desta mesma natureza; estas contribuições assumem a luta por uma activa participação no repensar do projecto moderno.

Outras autoras revelam a guerra, a ocupação e o colonialismo (Zeynep Çelik), os múltiplos conceitos de ‘casa’ e a crítica à re-domesticação das mulheres americanas no pós II Guerra Mundial (Joan Ockman), à qual Denise Scott-Brown responde com a introdução de estratégias que acompanhem os novos papéis da mulher na arquitectura e no consumo. Analisam-se os papéis das mulheres enquanto clientes de certas obras reconhecidas no *mainstream* da arquitectura e a sua influência no Movimento Moderno, através do exemplo da *Schröder House* e da parceria de Truus Schröder com o arquitecto Gerrit Rietveld (Alice Friedman).

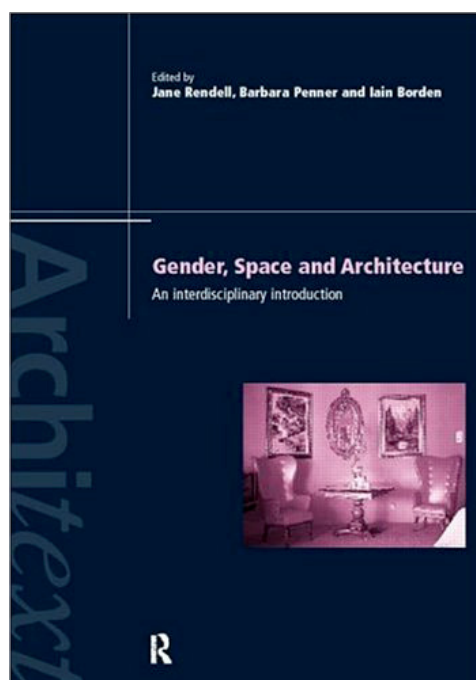
Catherine Ingraham, em “Missing Objects”, procura desvendar o aforismo ‘Uma imagem vale mais que mil palavras’, propondo uma nova abordagem ao papel da mulher na arquitectura através de *Architexturally Speaking*:

“Instead of speaking of ‘women’ we should speak of the unstable and shifting equations produced by the conjunction of architecture + female + male + architecture, or architecture + word + object + architecture; and we should have to specify which part of architecture we meant, and so on. This would be the project that would discover what the ambiguity of outside/inside and invention might mean for women in architecture.”³¹

O conteúdo dos textos estende-se ainda a reflexões feministas sobre o futuro da educação e da profissão da arquitectura: Leslie Kanes Weisman defende que já possuímos as ferramentas e o tempo necessários para nos envolvermos numa crítica sustentada à Cultura, para resistir às pretensões elitistas da Universidade e para transformar as deformações resultantes da participação na opressão. Mary McLeod desenvolve a lacuna teórica e política do pós-modernismo – o quotidiano, o mundo desenvolvido, as mulheres – e as formulações arquitectónicas do ‘Outro’ e da ‘Alteridade’. Na diversidade de abordagens que visam

³¹ INGRAHAM, Catherine – “Missing Objects”. In *The Sex of Architecture*, p.39.

FIGURA 24 |
Capa do livro
*Gender Space
Architecture: An
interdisciplinary
introduction*, ed.
por Jane Rendell,
Iain Borden, Bar-
bara Penner, 2000.
Disponível online em
WWW:<URL:http://
www.goodre-
ads.com/book/
show/231679.Gen-
der_Space_Architec-
ture>. [Consult. 28
Mai. 2012]



explorar as conexões entre sexualidade e a arquitectura, o leitor é encorajado a construir a sua própria sequência, na possibilidade de alterar ou acrescentar significados ao encadeamento dos textos: no final, *The Sex of Architecture* pretende estar sempre a reinventar-se.

8.3 | Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction (2000)

É difícil falar sobre género, principalmente quando o tema é tão controverso no meio da arquitectura. *Gender Space Architecture* é capaz de surpreender pois fá-lo de uma forma muito bonita, muito sensível, além de coerente. Aqui respira-se fora do centro. Cada uma das três partes aborda um tema geral (I. Gender, II. Gender and Space, III. Gender Space and Architecture), sucessivos e encadeados, que sugerem infinitas investigações e inquietações. É uma obra de referência que pretende tocar (com uma mão provocadora) novas gerações de arquitectas e arquitectos.

A perspectiva base do livro é o feminismo e a procura pela ‘diferença’ e pela ‘alteridade’ na história da sociedade ocidental; apesar de se focar na relação da mulher com o espaço, esta antologia explora também os espaços *queer*, a homossexualidade e a contestada construção cultural da masculinidade, numa tentativa de não considerar o tema apenas no ‘feminino’ nem através de uma perspectiva heterossexual simplista. O livro abre com o prólogo bastante expressivo de Leslie Kanés Weisman, ‘Women’s Environmental Rights: A Manifesto’, que reivindica a importância de se conhecer os significados das experiências das mulheres para uma reinterpretação e reestruturação do ambiente construído, cuja solução resultará do activismo feminista e da sua relação com a arquitectura.

“Gender” traça uma breve história do pensamento feminista ocidental que inclui aspectos discutidos na contemporaneidade como a consideração da inter-relação de diferentes formas de opressão em diferentes tempos e espaços – pensar-se o género através de assuntos de etnia, classe e sexualidade, como categorias relacionadas – e através de textos clássicos, de Simone de Beauvoir e Virgínia Woolf. De modo a reconceptualizar a experiência e o conhecimento das mulheres é necessário conhecerem-se as razões da diferença entre homens e mulheres, investigação que tem vindo a ser feita na relação do feminismo com a psicanálise.

O género como categoria analítica “(...) not only defines lives as they were lived in the past, but it also constructs the forms of evidence chosen by the historian through which they interpret and explain history. Forms of representation reconstruct particular versions of history; they are gendered according to the viewpoint of their author in the past as well as the historian in the present.”³² As representações de género não referem apenas as formas em que operam as

³² RENDELL, Jane – “Introduction: ‘Gender’”. In *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, p.20.

diferenças sexuais mas também a organização das diferenças de etnia, classe e até de idade. O trabalho sobre o género evoluiu recentemente para as questões da ‘masculinidade’ e a importância de considerar as diferenças de género como representações sociais e culturais que variam dialéctica e historicamente.

“Gender Space”, o segundo capítulo, ocupa-se do estudo do espaço e do género numa abordagem interdisciplinar que se iniciou pelas perspectivas feministas, numa definição e caracterização do espaço pelo uso e pelas transformações pelo quotidiano, diferente do conceito tradicional dado pela arquitectura – o espaço criado pelo arquitecto. Segundo as antropólogas feministas, o espaço, enquanto cultura material, não é inato ou inerte nem medido geometricamente. O trabalho da antropologia e da geografia critica implicitamente o *status* e o papel do arquitecto e investiga todos os aspectos do ambiente construído, definindo e identificando tanto os utilizadores dos edifícios como os seus produtores. Como é que as relações de género se manifestam no espaço? Como é que as relações espaciais se manifestam nas construções de género?

Outros textos deste capítulo procuram compreender como é que o paradigma das ‘esferas separadas’, entre homem/mulher e espaço público/espaço privado, se inclui nas representações de espaço e género. A teoria feminista tem criticado e tentado desconstruir este sistema binário e hierárquico através, por exemplo, do trabalho do filósofo Jacques Derrida “(...) whose work has aimed to expose the ways in which binary systems allow things to be only ‘like’ or ‘not like’ the dominant category and instead replace such prevailing intellectual norms with formulations.”³³ As investigações desta antologia exploram, por exemplo, o modo como as mulheres se relacionam com o espaço público pela mediação de representações visuais, especificamente o caso de Paris como a cidade da modernidade; Griselda Pollock estudou as obras de pintores impressionistas com especial atenção aos efeitos de ‘olhar’ e de ‘movimento’. A relação entre a mulher e os espaços de consumo assume-se também como tema de debate: apesar de esta ligação sugerir que a mulher ganhou algum poder ao sair do ambiente doméstico, pode dizer-se que o consumo feminino é induzido e pretende reproduzir o capitalismo e, conseqüentemente, legitimar o *status* masculino. Se no sistema patriarcal a imagem das mulheres é frequentemente conotada com ‘mercadoria’, então os espaços de consumo reforçam esta ideologia pela representação da mulher como objecto de consumo visual. Mary McLeod explora as questões do quotidiano e os espaços do dia-a-dia, por Henri Lefebvre e os situacionistas, e procura a influência de Jacques Derrida e Michel Foucault no pensamento arquitectónico em relação à diferença, à subjectividade e ao outro.

“Space is also important in the construction of the female subject and gendered subjectivity and identity. The role of place in gender politics is important in determining relations between knowledge, position and

³³ RENDELL, Jane – “Introduction: ‘Gender Space’”. In **Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction**, pp.103-104.

vision (...) Women need to reconceptualise time and space from their own perspective, and for this task is the role of the conceptual and the imaginary in the work of feminist philosophers that is perhaps the most relevant for architectural practice.”³⁴

³⁴ *Idem, Ibidem*, pp.107-108.

“Gender Space Architecture” fala das mulheres enquanto praticantes de arquitectura e está dividida em quatro secções organizadas cronologicamente: “Herstory: Women in architectural history”, “Drawing on diversity”, “Sexuality and Space: Rethinking Architectural History” e “Desiring Practices: Rethinking Architectural Design”. Na introdução a este capítulo, Jane Rendell comenta, por um lado, a complexidade de juntar as diferentes formas da prática arquitectónica – a teoria, história e processo de projecto – por outro, expõe a dificuldade de as unir e fornecer um quadro geral, claro e coerente, que organize todas as ligações entre o feminismo, a teoria de género e a disciplina da arquitectura. Relembra a abordagem de Sherry Ahrentzen na procura de uma sintetização capaz de elucidar os leitores através de máximas como ‘an equal rights architecture’, ‘architecture of the other’, ‘an architecture of context’, ‘textual/contextual’ e ‘transformation/contextual’.

41 | 42

Jane Rendell constata que a arquitectura “(...) is no longer considered only in relation to the mode of production, but rather in relation to its reproduction through cultural representations, through consumption, appropriation and occupation”³⁵; ao mesmo tempo que as posições feministas se tornavam divergentes do *mainstream*, em relação à classe, ‘raça’ e sexualidade, a história da arquitectura também se tornou mais crítica sobre a forma como o sistema patriarcal, capitalista, ‘heterossexista’ e racista opera na produção do espaço. Através variadas abordagens, procura-se explicar e repensar a situação da mulher enquanto arquitecta – a exclusão ou o esquecimento na profissão – ao mesmo tempo que se exploram as parcerias marido/mulher ou a dimensão da autoria e do génio em arquitectura. Denise Scott Brown fala do sexismo a que esteve sujeita quando a rotulavam como ‘a parceira de Robert Venturi’ e Dolores Hayden identifica as características do ambiente construído pelo e para o homem e de que forma(s) discriminam a mulher, propondo novas soluções para cidades mais sensíveis à diferença.

³⁵ RENDELL, Jane – “Introduction: ‘Gender Space Architecture’”. In *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, p.232.

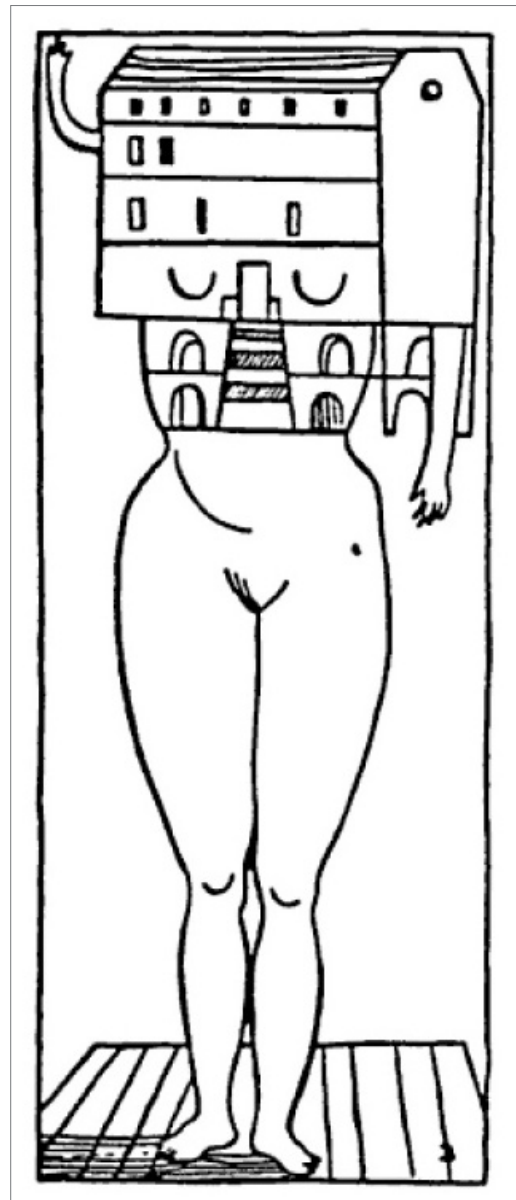
“Theoretical approaches suggest new aspects of architecture to explore; equally, new architectural objects provide new sites through which to explore theory and suggest new kinds of interpretative modes.”³⁶

³⁶ *Idem, Ibidem*, p.232.

Jennifer Bloomer desenvolve a importância do texto em (e como) arquitectura, como algo que tem materialidade, que é cuidadosamente construído, especialmente estruturado e que surge como um lugar metafórico. Como os historiadores mostraram, as representações arquitectónicas – desenhos, plantas, cortes ou fotografias – são tão produções de género como a linguagem usada

FIGURA 25 |
Femme/Maison,
Loïse Bourgeois,
1947.

Imagem em WEIS-
MAN, Leslie Kanes
- *Discrimination by
Design: A Feminist
critique of the man-
-made environment*,
p.18.



para descrever as formas dos edifícios e das cidades; assim, Bloomer sugere que os diferentes modos de escrever criam novas noções de espaço e de criatividade e expressam diversas compreensões do pensamento arquitectónico, através da intimidade, da subjectividade e da sensualidade ao invés da pura estimulação visual. Um número significativo de projectos de arquitectura seguiu princípios semelhantes a estes, trabalhando sobre preocupações teóricas que resultassem em novas abordagens ao processo de projecto, desde a interpretação do sítio à articulação de funções e serviços. Neste contexto surgiram, por exemplo, trabalhos dos projectos de colaboração dos grupos Matrix e muf (Reino Unido) e do Liquid Incorporated (EUA), numa relação estreita entre teoria feminista, desenho arquitectónico e textos escritos. Os trabalhos aqui compilados exploram e focam os temas de género e de relações de poder, de autoridade, de hierarquia, e as suas representações, podem fornecer novas tácticas e estratégias capazes de influenciar a forma como se pensa o espaço. Da mesma forma, também o papel da audiência, dos utilizadores e da crítica é fundamental para a construção da arquitectura tendo por base abordagens feministas; assim, “to the development of all architectural practices attentive to gender difference is a commitment to diversity and the production of work which bridges theory, history and design (...) Theoretical insights provide news possibilities for considering the relation of women to architectural practice, while the experience of female practitioners sustains and enriches the work of theoreticians. This is feminist architectural praxis.”³⁷

³⁷ *Idem, Ibidem,*
p.235.

9 | A cidade e a distinção homem (público)/mulher (privado)

A casa como metáfora do ‘feminino’

Diversos autores e autoras têm vindo a questionar o sentido hegemónico do espaço (público) urbano e a configuração do desenho das cidades, entendidas como uma acumulação de usos, fluxos, percepções, sistemas simbólicos e elementos de representação, cuja relevância se modifica ao longo do tempo e dos princípios socioeconómicos que produzem o espaço social. As cidades ocidentais promoveram, ao longo da história, uma estrutura urbana que criou separações rígidas baseadas em diferenças de classe, de etnia e de género, e o modo como elas conformaram as divisões espaciais nas esferas do lazer e do trabalho (ou seja, no traçado dos bairros, dos espaços laborais, nas áreas comerciais, etc.). Assim, as mulheres têm vindo a ocupar posições diferentes dos homens na cidade, como constata Elizabeth Wilson:

“Woman is present in cities as temptress, as whore, as fallen woman, as lesbian, but also as virtuous womanhood in danger, as heroic womanhood who triumphs over temptation and tribulation (...) The city – as experience, environment, concept – is constructed by means of

multiple contrasts: natural, unnatural; monolithic, fragmented; secret, public; pitiless, enveloping; rich, poor; sublime, beautiful. Behind all these lies the ultimate and major contrast: male, female; culture, nature; city, country.”³⁸

A descoberta de experiências urbanas, arquitectónicas e artísticas contemporâneas, pretende desvendar a linguagem metafórica da cidade que poderá favorecer a realização de propostas libertadoras e um discurso capaz de produzir um espaço urbano mais plural e ‘democrático’. No primeiro capítulo do livro *Políticas do Espaço: Arquitectura, Género e Controle Social* (José Cortés, 2008) – “Os espaços dóceis” – o autor analisa a capacidade da arquitectura de contribuir para a configuração de uma ordem social (e, portanto, de uma representação da autoridade), ao mesmo tempo que se distancia das ligações que detém com essa mesma ordem através de um discurso de (suposta) neutralidade. Da mesma forma que instituições como a família, a moral e o poder político procuram dominar e controlar o espaço, também a arquitectura pode actuar como instrumento repressivo sobre os corpos. A *Place des Terreaux*, no centro de Lyon (1994), é um exemplo do controlo exercido pelo desenho do espaço público: foram incorporadas nesta praça nove pequenas fontes no solo que, quando abertas, evitavam as usuais concentrações de árabes que ali ocorriam. Cortés recorre a Foucault quando nota que a domesticação da vida social, a normalização de espaços e de comportamentos, foram processos baseados em técnicas de controlo desenvolvidos desde o final do século XVIII; o ambiente construído envolvente pode não expressar em si a opressão ou a libertação mas é capaz de emoldurar a vida quotidiana e de condicionar as diferentes formas de prática social.

O valor que é dado aos espaços é determinado, em grande maioria, pela cultura dominante e através do ‘imperialismo cultural’, o espaço deixa de se assumir como neutro (como, aliás, nunca o foi). Foi neste sentido que Cortés defendeu que ‘a cidade é masculina’, recorrendo a uma série de elementos referenciais da arquitectura ocidental; por exemplo, explora os arranha-céus como manifestações fálicas e simbólicas do poder instituído. Neste ponto, parece-me que a comparação com a forma fálica masculina deve ser entendida como uma imagem (vertical) arquitectónica emblemática do século XX, que pretende representar a crescente globalização da economia e do poder corporativo, ambos do domínio masculino. Na segunda parte do livro – “Os corpos ausentes” – o autor incide sobre a forma como o *mainstream* da arquitectura manteve reprimida a sexualidade no espaço e o conservou esterilizado e neutro. No mundo ocidental, a subordinação cultural e social do feminino define-se, na produção do espaço público, mais por tudo aquilo que se nega do que por aquilo que se diz. São as actividades dos homens, as suas hierarquias, prioridades e necessidades, que organizam a casa e planeiam a cidade em conformidade com os tempos

³⁸ WILSON, Elizabeth – “Into the Labyrinth”. In *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, pp.150-152.

e movimentos da masculinidade. A organização espacial tem necessariamente de reflectir a representação das relações de género, revelando os privilégios e a autoridade masculinas como algo natural. Por conseguinte, é essencial uma desconstrução das visões da cidade – não é um espaço neutro e sem história – na qual está subjacente uma concepção atemporal e deslocalizada que pretende criar categorias universais de validação. Essa ideia implica uma falta de percepção das diferentes identidades e das diferenças entre elas, ao mesmo tempo que aposta na globalização e na totalidade, valores profundamente masculinos e típicos da racionalidade moderna. Cortés encerra o discurso sobre esta visão monolítica do espaço com o conceito de espaços *queer* que não correspondem a lugares mas a atitudes de apropriação fora da cidade contemporânea, numa permanente ideia de autoconstrução - surgem, por isso, efémeros. A sua força libertadora reside somente na medida e no momento em que estão a ser criados: são os casos de East Village em Manhattan, o distrito Castro em São Francisco ou o Chueca em Madrid. Deste ponto de análise parte-se para o vislumbre de cidades compostas por espaços de dúvida e de ambiguidade, por lugares de resistência que não desejam ser assimilados no processo de normalização.

9.1 | O sistema binário

Num sentido mais abrangente, o conceito de dicotomia é essencial para a compreensão da estrutura simbólica patriarcal pois a classificação das pessoas em grupos de oposição – este/oeste, futuro/passado, rico/pobre, novo/velho, masculino/feminino – cria um sistema social que justifica e suporta a supremacia masculina ocidental. Além de definir o espaço social, este sistema binário define a forma como conceptualizamos o espaço metafísico e o espaço físico; Needham (1973) aponta que “Society and the whole universe have a side which is sacred, noble and precious, and another which is profane and common; a male side, strong and active, and another, female, weak and passive; or, in two words, a right side and a left side.”³⁹ Numa sociedade que pretenda promover simultaneamente a máxima produtividade e o máximo consumo, as esferas público e privado têm distintos, mas complementares, papéis a desempenhar. Neste sentido, a arquitectura ajuda a reproduzir e reforçar esta divisão social por género, proporcionando uma imagem eficaz com valores próprios para cada uma.

A representação mais persuasiva de espaço/género é o paradigma das ‘esferas separadas’, um sistema de oposições e hierarquias que consistiu no domínio do espaço público pelo homem (a cidade) e na subordinação do espaço privado feminino (a casa). Esta ideologia separa claramente a cidade da casa, o público do privado, a produção da reprodução, o homem da mulher. A crítica das teóricas e arquitectas feministas à construção dualista vai no sentido de mostrar quão redutor é este sistema em relação à realidade e à diversidade humana. A

³⁹ Cit. por ARDENER, Shirley – “The Partition of space”. In *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, p.115.

construção binária do género atribui certas características, domínios e actividades ao homem e os opostos à mulher – céu/terra, intelecto/sentimento, sagrado/profano, cultura/natureza, mente/corpo – e, conseqüentemente, se o homem assume o papel de construtor activo do espaço, em teoria, relega-se a mulher ao papel passivo de ocupante. Como Weisman (1992) sugere “Architecture... is a record of deeds done by those who had the power to build”.⁴⁰

9.3 | *The home as a woman's place and a man's heaven*⁴¹

À excepção de algumas abordagens, como a feminista, o tratamento do espaço privado parte de esquemas funcionais que perpetuam o programa que esconde as principais questões sobre o projecto da habitação – a forma de pensar as áreas social, íntima e de serviço, mantêm os dogmas sobre a habitação e a forma de habitar. Há também uma tendência em se recorrer ao tema do abrigo primitivo (que, segundo estudos antropológicos, era frequentemente construído pelas mulheres) vinculado à crença de que nele se instituiu o espaço desde sempre habitável, humanizado, como essência da arquitectura. Como explica Dolores Hayden (1982), “Whether the private home is a free-standing house in Frank Lloyd Wright Broadacre City or a high tower flat in Le Corbusier's Radiant City, domestic work has been treated as a private, sex-stereotype activity, and most architects continue to design domestic work spaces for isolated female workers”⁴². A idealização e romantização da casa fizeram com que se gerassem atitudes acríticas em relação aos sistemas morais e políticos em que esta está emaranhada. A maioria dos estudos sobre a casa, particularmente na concepção do espaço privado e a sua relação com o espaço urbano, focaliza-se pouco na problemática de género para a compreensão do habitar e da domesticidade.

Mark Wigley exalta a existência de uma evidente cumplicidade entre a arquitectura com o exercício da autoridade patriarcal que se define por uma intersecção entre a ordem espacial e o sistema de vigilância; por isso, as mulheres foram confinadas ao interior, numa sequência de espaços distantes do mundo exterior. A casa é literalmente entendida como um mecanismo para a domesticação da mulher e surge envolvida na produção da divisão de género; com a divisão hierárquica, a casa física é a possibilidade da ordem patriarcal: “The house is itself a way of looking.”⁴³ Se por um lado, no *V Livro 'Desenho das casas privadas'*, L. Baptista Alberti (1404-1472) diferencia claramente os espaços da mulher e do homem, em termos de acesso, localização e níveis de conforto, por outro, Xenophon cria um espaço para a sexualidade – a própria casa. A invenção da privacidade pessoal é marcada por uma nova atitude em relação ao corpo que precisa de ser purificado e foi completada nos séculos posteriores pela redefinição dos espaços da casa numa complexa ordem de *layers* e pela subdivisão hierárquica da casa. Todavia, o ideal de privacidade individual aplicava-se apenas

⁴⁰ Cit. por ALEXANDER, Nancy – “The Ultimate within the Midst of Life: A Theory of Women's Sacred Space”, p.1.

⁴¹ WAJCMAN, Judy – “The Built Environment : Women's Place, Gendered Place”. In *Women, Science and Technology: A Reader in Feminist Science Studies*, p.194.

⁴² Cit. por *Idem*, *Ibidem*, p.194.

⁴³ WIGLEY, Mark – “Untitled: The housing of gender”. In *Sexuality and Space*, p.341.

ao homem e a ideia de um espaço exclusivamente masculino implicava desde logo que a mulher só entrava com permissão. Na casa, o espaço intelectual era restrito e mostra os limites da autoridade da mulher na casa: apesar da sua acção se resumir frequentemente ao lar, nem aqui ela controlava a totalidade do espaço.

”The woman on the outsider is implicitly sexually mobile (...) Her sexuality is no longer controlled by the house.”⁴⁴

⁴⁴ *Idem, Ibidem,*
p.334

A mulher ocupa o espaço feminino estereotipado – a casa – situando-se a si própria na sexualizada, emocional, personalizada, privatizada e instável esfera do lar, ao contrário do domínio público e impessoal. A noção de propriedade privada masculina é parte integrante da cultura ocidental, estende-se ao corpo feminino e está relacionada com uma identificação íntima da terra como objecto pois “(...) the house itself, the building and ownership of the house, belongs to the other side of the parable, the man’s side.”⁴⁵ Segundo diversos autores, como Monica Cevedio, a única forma da mulher ‘ganhar a rua’ é pela prostituição, tornando-se ela própria uma ‘mulher pública’ e um elemento passivo do ambiente construído, entre as funções de reprodutora e de meretriz. Como Esther Meyer refere, não é de estranhar que a *agoraphobia* seja um medo maioritariamente feminino.

⁴⁵ INGRAHAM,
Catherine – “Missing
Objects”. In 51 | 52
*The Sex of Archi-
tecture*, p. 36.

No século XIX, as tentativas de feministas americanas na transformação do espaço doméstico são interessantes na medida em que procuraram que a casa reflectisse relações mais igualitárias entre os membros da família e que promovesse comportamentos mais democráticos. Propuseram também cooperativas de trabalho doméstico, casas sem cozinha e com serviços comuns, como forma de colectivizar as tarefas domésticas. No século XXI, a representação tradicional da distribuição de género no espaço é mais engenhosa e subtil pois parece haver uma superação das associações mulher/privado e homem/público. Apesar da revolução no consumo e da presença da mulher no espaço público, a verdade é que a mulher ainda não está num espaço próprio, está em todos os lugares mas não pertence a nenhum, nem à casa nem à rua, nem ao privado nem ao público. O desejo de um espaço próprio significa a expressão física da consciência da individualidade pois historicamente, segundo diversos autores, a arquitectura responde a necessidades masculinas.

Em *The Split Wall: Domestic Voyeurism*, Beatriz Colomina descreve a casa Moller (1928) de Adolf Loos através da teatralidade, do conforto e do controlo dos seus interiores – a zona de sentar elevada, comum a ambas, equipa o ocupante com um ponto de vantagem que domina o interior. A arquitectura de Loos não é simplesmente uma plataforma que acomoda o sujeito observador mas um mecanismo de contemplação que produz o sujeito e que precede e emoldura o seu ocupante e a vida doméstica do dia-a-dia. O único espaço restrito, mais calmo e privado é a biblioteca, do domínio intelectual masculino por excelência;

FIGURA 26 | *Your body is a battleground*, Barbra Kruger, New York, 1989. “When transformed into objects woman are no longer their self but something else. (...) a face of a woman who appears to have been part of a magazine but her image is cut in half. The division of the woman’s face references the ‘battleground’ with opposing forces.” Disponível online em WWW:<URL:http://fskmm20.wordpress.com/2010/02/22/postmodern-feminism/>. [Consult em 21 Mai. 2012]

I. A VIVÊNCIA DO ESPAÇO NO FEMININO E A CONSTRUÇÃO DA CIDADE NO MASCULINO

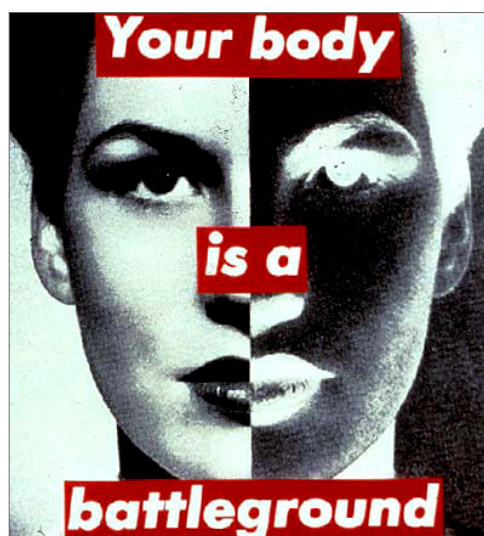
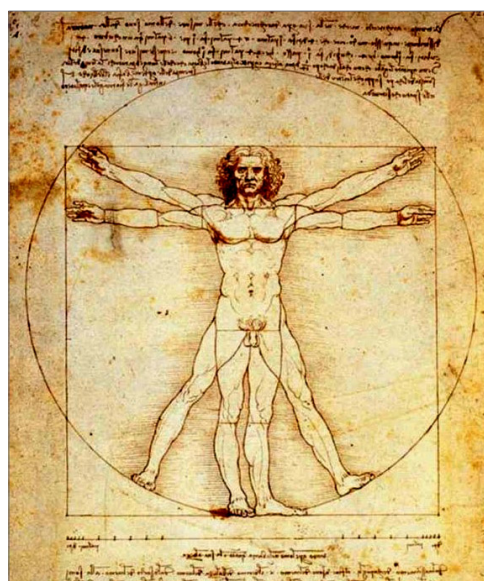


FIGURA 27 | *Homem Vitruviano*, Leonardo da Vinci, c. 1490.

O autor descreve uma figura masculina simultaneamente em duas posições sobrepostas, com os braços inscritos num círculo e num quadrado. No Renascimento, as proporções ideais são baseadas no corpo masculino. Disponível online em WWW:<URL:http://www.undo.net/it/conferenza/93066/>. [Consult em 21 Mai. 2012]



a mulher localiza-se neste mundo entre o visível e o invisível.

10 | O corpo como metáfora arquitectónica

Ao longo da história da arquitectura, a mulher tem sido substituída ou deslocada, não só no plano social geral mas de um modo mais específico através da intersecção do corpo com a arquitectura. Diana Agrest aponta que:

“The natural machine, the point where nature, body, and the machine intersect, placing the subject and object on the same place. The traces of a body of woman which embodies desire, which is itself and other. Woman as gender constructing a new nature. It displaces the city to another place, which does not depend on the fetishistic object-building to achieve an ‘urban pleasure.’”⁴⁶

As referências ao corpo e às medidas/proporções ideais dizem respeito ao corpo masculino, sobre as quais alguns autores arriscam ligá-la mais à ideia de falo do que de corpo – desta ideia decorre a excessiva ênfase dada ao carácter objectual da arquitectura. As fundações da arquitectura ocidental apoiam-se sobretudo nas regras e nos textos renascentistas; consequentemente, o ‘logo-centrismo’ e o ‘antropomorfismo’ permaneceram subjacentes ao sistema arquitectónico que, desde Vitruvius, é definido tanto pelo que inclui como pelo que exclui e reprime:

“If sex condenses the notions of body and power that has permeated architectural criticism since the Renaissance revival of Classicism, an analysis of gender in modern architectural criticism reveals a social system that has historically functioned to contain, control, or exclude women.”⁴⁷

A relação entre os termos ‘sexualidade, ‘corpo’ e ‘privacidade’ é fundamentalmente histórica e a problemática do corpo em arquitectura está permanentemente ligada às questões (excluídas) do género e da sexualidade. Todavia, o corpo que serviu de medida ao discurso arquitectónico e que surgiu no centro das suas configurações e regras é masculino. O corpo feminino ocupa aqui outro lugar, um lugar mais distante: “That repressed, that interior representation in the system of architecture that determines an outsider (of repression) is woman and woman’s body.”⁴⁸ Aliás, o discurso renascentista procedeu a uma operação simbólica que estabeleceu uma relação entre o homem e a natureza através de noções de harmonia natural e perfeição: o homem é apresentado como possuidor dos atributos, proporções e medidas ideais. Alberti explora um método mais elaborado de transformações metafóricas que produzem um sistema abstracto no discurso arquitectónico que incorporam as leis da natureza – a relação entre o corpo (do homem) e a arquitectura pode ser encontrado na obra *Dez Livros de Arquitectura*. Este processo de simbolização assume-se pela relação do corpo e

⁴⁶ AGREST, Diana – “The return of the Repressed: Nature”. In *The Sex of Architecture*, pp.65-67.

⁴⁷ AGREST, Diana, CONWAY, Patricia, WEISMAN, Leslie Kanes, ed. lit. – *The Sex of Architecture*, p.11.

⁴⁸ AGREST, Diana – “Architecture from without: Body, Logic and Sex”. In *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, p.358.

FIGURA 28 | Homem inscrito na planta de um edifício, desenho de Francesco di Giorgio, c.1490. “All architectural proportions are derived from the human body (...) ‘Man, called a little world, contains in himself all the general perfections of the whole world.’” Disponível online em WWW:<URL: <http://www.marcus-beale.com/theory/essays/humane.php>>. [Consult em 21 Mai. 2012]

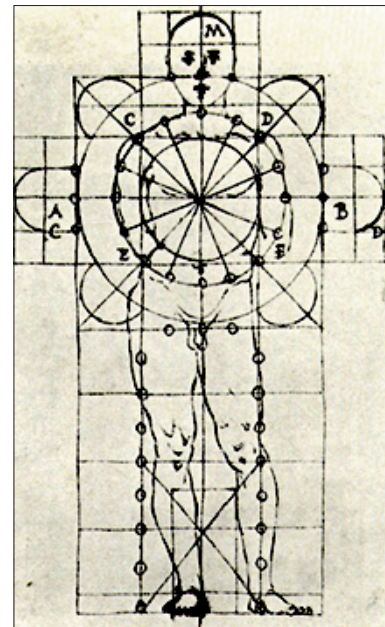
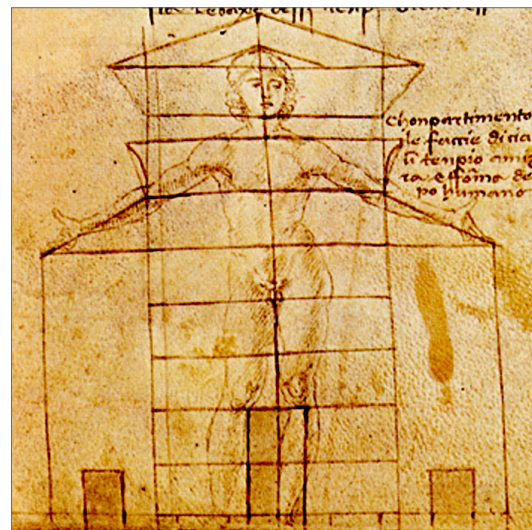


FIGURA 29 | Estudo de proporções, Francesco di Giorgio Martini, c.1470 e 1480. A figura masculina aparece sempre no centro de todos os estudos e define tanto as proporções da arquitetura como da cidade. Disponível online em WWW:<URL: <http://dedsign.wordpress.com/textos/o-corpo-e-o-modelo/3-as-ideologias-de-um-corpo-completo-mas-fragmentado/>>. [Consult em 21 Mai. 2012]



das suas proporções com outros sistemas de proporções; o corpo como um sistema abstracto de formalização é incluído na arquitectura como forma, através das ordens, hierarquias e do sistema geral da organização formal – que permite que este discurso funcione ao nível do inconsciente.

Nos trabalhos de Filarete⁴⁹ e Francesco Di Giorgio a ambiguidade do género do corpo é uma questão eliminada pois é explicitamente referido que a figura humana é sinónimo da figura masculina: “(...) a building is derived from men, that is, from his form, members, and measure (...) the exterior and interior parts and members are correct for the body of man (...) the building is truly a living man (...) the origins of the building and its origins in my opinion, how it is proportioned to the human body of man, now it needs to be nourished and governed and through lack it sickens and dies like man.”⁵⁰ Di Giorgio, por sua vez, promove analogias entre o corpo humano e a arquitectura à escala da cidade: “(...) the main square [piazza] should be placed in the middle and the center of that city or as close as possible, just as the navel is to man’s body (...) his navel that human nature gets nutrition and perfection.”⁵¹ O umbigo do homem torna-se o útero da mulher, capaz de dar vida à cidade. Reflectindo sobre a feminização da arquitectura ocidental desde as suas fundações, parece-me inteligível esta necessidade e desejo do homem em se perpetuar, algo que a mulher faz naturalmente. Este é um dos pontos-chave do debate sobre o género e a arquitectura pois a forma como o homem procura incessantemente deixar uma marca no mundo que o immortalize sempre foi e é mais facilmente conseguida pela arquitectura do que por qualquer outra arte ou ciência. A eternização através de um edifício ou de uma cidade deixa uma marca visível e palpável no mundo, por vezes monumental, e pode influenciar o espaço e a vida públicos. Como disse Walter Benjamin, *To live is to leave traces*.

“Sex. The word is layered with meaning and provocation. Embedded within it is the corporeal and the carnal, sensuality and desire, male and female, human reproduction. The inscription of the sexualized body is a central and recurrent theme in Western architecture, but that body is neither innocent nor androgynous. It is a reification of the male longing to appropriate an exclusively female privilege: maternity.”⁵²

Apesar da lógica do sistema arquitectónico reprimir a sexualidade, Filarete refere que o edifício é um ‘homem vivo’ e que alguém tem de o ‘dar à luz’. A figura do arquitecto torna-se feminizada, mulher e mãe, neste acto de procriação: “ (...) who wishes to build needs a architect. He conceives it with him and then the architect carries it. When the architect has given birth he becomes the mother of the building. Before the architect gives birth, he should dream about his conception, think about it, and turn it over in his mind in many ways for seven to nine months (...) As the woman can do nothing without the man, so the architect

⁴⁹ “(...) they were called by their Greek names, Doric, Ionic and Corinthian. The Doric (...) the one of major quality; the Corinthian is in the middle, the Ionic is the smallest for the reasons alleged by the architect Vitruvius in his book (...) As the building is derived from man, his measures, qualities, form and proportions, so the column also derived from the nude man and fluted from that well-dressed young women, as we said. Both are derived from the form of man. (...) Since man is the measure of all, the column should be measured and proportioned to his form”. Filarete (*Treatise on Architecture*, 1461-63) cit. por *Idem*, *Ibidem*, p.370.

⁵⁰ Cit. por *Idem*, *Ibidem*, p.362.

⁵¹ Cit. por *Idem*, *Ibidem*, p.365.

⁵² AGREST, Diane, CONWAY, Patricia, WEISMAN, Leslie Kanes, ed. lit. – *The Sex of Architecture*, p. 11.

is the mother to carry this conception.”⁵³ A mulher é claramente substituída e excluída de todo o processo de pensar o edifício, é reprimida pela forma como se trata a arquitectura à imagem do homem, análoga do corpo do homem - o arquitecto já possui os atributos femininos necessários à concepção e à reprodução. Ironicamente, Diana Agrest afirma que “This conception without sex (sin) is the negation of sex as an essential part in the reproductive process (...) the architect can give birth to buildings or cities by usurping the female body, and just like Mary he can conceive without sex, only through spirit. Man is thus placed at the center of creation.”⁵⁴

Agrest defende então a reabilitação do corpo feminino na arquitectura, excluído desde Vitruvius até ao Renascimento, numa postura que se prolongou até o Movimento Moderno. Se no projecto da arquitectura clássica (como corpo) a reflexão é o espelho de um sistema unitário e hermético, a cidade moderna lidou com a representação de um corpo fragmentado que não reflecte o corpo do sujeito mas sim a sua percepção. Todavia, o corpo masculino continua a ser privilegiado em detrimento do feminino e apresenta-se como um protótipo arquitectónico – a mulher não tem lugar neste sistema. *Em Ornamento e Crime*, Adolf Loos afirma que a verticalidade do homem é uma manifestação da sua masculinidade, distinguindo-o do ‘Outro’, do feminino: “(...) the first ornament that was born, the cross, was erotic in origin. The first work of art, the first artistic act which the first artist in order to rid himself of his surplus energy, amears on the wall. A horizontal dash: the prone woman. A vertical dash: the man penetrating her. The man who created it felt the same urge as Beethoven, he was in the same heaven in which Beethoven created the Ninth Symphony.”⁵⁵

Um dos temas que tem vindo a ser explorado pela arquitectura contemporânea é a sua relação com o corpo e com o *evento/momento* enquanto acontecimento que não se repete, dotado de uma singularidade espaço-temporal; uma questão que tem preocupado os arquitectos é exactamente o jogo entre a determinação e a indeterminação dos projectos e dos lugares deles resultantes. A desmaterialização do objecto arquitectónico ocorrido ao longo dos tempos parece acompanhar um progressivo distanciamento entre o corpo e a edificação. Se na antiguidade o edifício procurava uma analogia ao corpo em termos de proporção e simetria, posteriormente, o edifício passa a expressar sentimentos mais abstractos baseados nas sensações corporais. No início século XX, a arquitectura e a cidade não estabelecem quase relação directa e metafórica com o corpo humano, mas sim com um animismo mais abrangente, no qual a edificação é vista como um organismo, que cresce, respira, se transforma e envelhece. Perante a irreversibilidade do tempo, o corpo pode transformar-se na peça-chave da arquitectura enquanto agente que articula o tempo e o espaço no momento, dentro de uma relação cada vez maior com a indeterminação; o corpo e o seu movimento

⁵³ Cit. por AGREST, Diana – “Architecture from without: Body, Logic and Sex”. In *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, p.363.

⁵⁴ *Idem, Ibidem*, p.366.

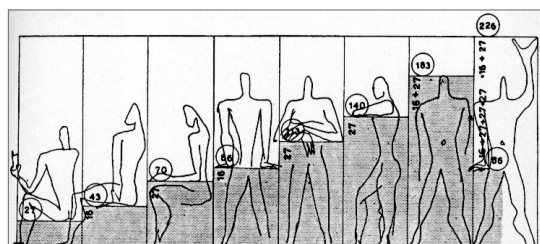
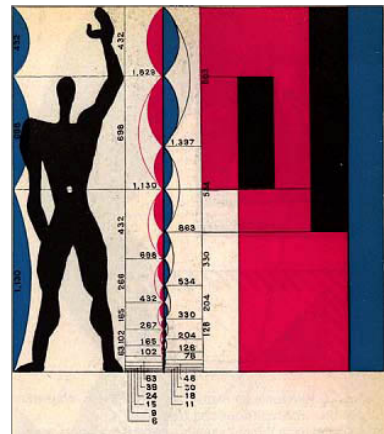
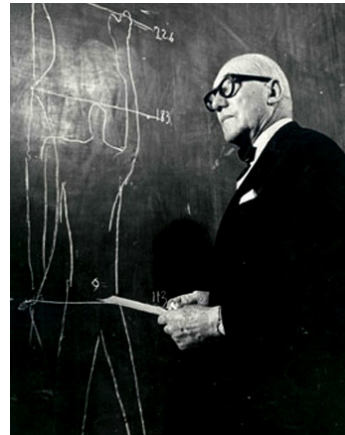
⁵⁵ Cit. por CONRADS, Ulrich, ed. lit. – *Programmes and Manifestoes on 20th-Century Architecture*, p.19.

FIGURA 30 | Le Corbusier com um desenho onde exibe o sistema de proporções humanas *Modulor* (sem data). Disponível online em [WWW:<URL:http://designtaxi.com/news/23966/Vitra-Design-Museum-Work-Of-Le-Corbusier-Exhibition/>](http://www.designtaxi.com/news/23966/Vitra-Design-Museum-Work-Of-Le-Corbusier-Exhibition/). [Consult em 2 Mai. 2012]

FIGURA 31 | As proporções do *Modulor*, 1954. Entre 1942 e 1948, Le Corbusier desenvolveu o sistema de medição o conhecido por *Modulor*, baseado na razão de ouro e nos números de Fibonacci. O *Modulor* foi publicado em 1950 e, até 1955, Le Corbusier desenvolveu o *Modulor 2*. Disponível online em [WWW:<URL:http://www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm33/Corbusier.htm>](http://www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm33/Corbusier.htm). [Consult em 2 Mai. 2012]

FIGURA 32 | *Série Modulor*, Le Corbusier, 1954. Disponível online em [WWW:<URL:http://www.centraliens.net/groupes-internationaux/europe/luxembourg/sorties_cr_lecorbusier.html>](http://www.centraliens.net/groupes-internationaux/europe/luxembourg/sorties_cr_lecorbusier.html). [Consult em 2 Mai. 2012]

I.A VIVÊNCIA DO ESPAÇO NO FEMININO E A CONSTRUÇÃO DA CIDADE NO MASCULINO



passam efectivamente a construir e a moldar a arquitectura, interacção que se faz e se refaz na relação com o habitante. Uma verdadeira consideração do corpo pode gerar uma arquitectura de carácter mais feminino, uma arquitectura da interioridade e de uma certa amabilidade? Aaron Betsky defende uma arquitectura da indeterminação, que se faz e se desfaz e que procura diferentes sensibilidades entre uma forma e outra; propõe então que essas novas abordagens sejam relacionadas ao que chama de *corpo queer*; as distinções entre o masculino e o feminino ganham outras ambiguidades e possibilidades de intercâmbio⁵⁶.

10.1 | Le Corbusier e Le Modulor

Le Corbusier surge no discurso sobre o Movimento Moderno como o arquétipo do arquitecto, dando ares de um fenómeno mitológico, cujas obras escritas, projectadas e construídas tiveram uma grande influência na arquitectura do século XX e até na contemporaneidade. Tanto os seus esquemas radicais para a reformação das cidades como as suas declarações do papel heróico do arquitecto (o homem cartesiano e criativo) têm por base o *Modulor* como a figura humana paradigmática e masculina - ele é o cidadão da cidade e o habitante dos seus edifícios. O *Modulor*⁵⁷ foi concebido em Paris durante a II Guerra Mundial e Le Corbusier passou a referir-se às medidas modulares de um indivíduo imaginário *standard*, inicialmente com 1,75 metros (o homem francês) e mais tarde com 1,83 metros de altura (o homem inglês). O sistema *Modulor* baseou-se na proporção de ouro e na sequência de Fibonacci e a altura dos olhos foi tomada como a medida mais importante na relação do homem com o ambiente envolvente – facto que vem comprovar que a visão (o olhar, o contemplar e o vigiar) é o sentido mais importante do Movimento Moderno.

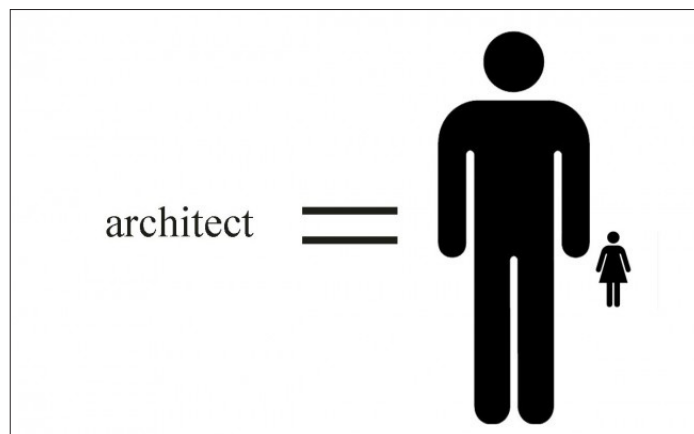
Deborah White apresenta uma interessante perspectiva sobre este tema, baseada nos escritos do arquitecto: “(...) the modulator created, for the first time, a concert of harmonies – a harmonious scale – within the diapason of the human stature.”⁵⁸; este conceito pretendia representar não só a humanidade como também o princípio da arquitectura moderna de combinar os campos cultural, espiritual e científico. A ideia de Le Corbusier prende-se com uma reformulação da figura renascentista do corpo do homem, inscrita nas figuras platónicas do círculo e do quadrado e fundamentada pela visão antropocêntrica do mundo – numa clara conexão entre o homem físico e o Homem conceptual e mesmo cósmico. A masculinidade do *Modulor* não é um acidente nem apenas um resultado do hábito cultural, foi um conceito pensado, estudado e apoiado no protótipo do corpo masculino renascentista e na ideia de que este representa a humanidade.

⁵⁶ BETSKY, Aaron – “The Man-Made World”. In **Building Sex: Men, Women, Architecture, and the Construction of Sexuality**, p.769.

⁵⁷ Le Corbusier estimulou a qualidade de mito e de místico do *Modulor*: o arquitecto descreve um encontro com Albert Einstein e uma carta que lhe foi enviada pelo cientista que lhe dizia “It is a scale of proportions which makes the bad difficult and the good easy”. Cit. por WHITE, Deborah – *Masculine Constructions: Gender in twentieth-century architectural discourse: ‘Gods’, ‘Gospels’ and ‘tall tales’* in *Architecture*, p.124.

⁵⁸ Le Corbusier (1968) cit. por WHITE, Deborah – *Masculine Constructions: Gender in twentieth-century architectural discourse: ‘Gods’, ‘Gospels’ and ‘tall tales’* in *Architecture*, p.122.

FIGURA 33 |
The image of the architect. “When you think of an architect, what do you see? An old, white man.” Disponível online em WWW:<URL:http://www.graymatters.gatech.edu/2010/10/24/the-image-of-the-architect/>. [Consult em 22 Mai. 2012]



“You got one fault, you’re a woman;
You’re not worth the equal pay.
A bitch or a tart, you’re nothing but heart,
Shallow and vain, you’ve got no brain.”
(Peggy Seeger, *I’m Gonna Be An Engineer*, 1992)

I | Introdução: A arquitectura em mutação mas num mundo de homens

No discurso contemporâneo baseado na heterogeneidade de continuidades e rupturas, a arquitectura tem de se reposicionar permanentemente, sincronizando-se com o contexto envolvente e as circunstâncias do presente. O arquitecto idealizado por Vitruvius deveria possuir um conhecimento geral quase enciclopédico, aproximando-se do que seria um ‘artista perfeito’. Nos dias que correm, não se concebe o arquitecto como detentor de todo o ‘conhecimento do mundo’, pede-se-lhe sim que trabalhe em equipa e com outras disciplinas; a entrada e colaboração de outros saberes com a arquitectura têm posto em causa dogmas antigos e velhas ideias e preparam uma nova vida para a disciplina. Neste contexto, as valências de género e etnicidade têm vindo a derrubar as noções convencionais, incutindo-lhes uma nova vitalidade – diferente da sucessiva construção masculinizada da arquitectura. Pretende-se criar um ambiente onde se possa respirar.

Segundo Salvatori (2009), “A feminização do campo profissional [da arquitectura], porém, é um fenómeno que se vem configurando incisivamente ao longo do tempo, sob o influxo das transformações sociais e económicas ocorridas na segunda metade do século XX.”¹ Kazuyo Sejima, que estudou na Universidade de Mulheres do Japão, numa entrevista ao jornal *El País*², refere

¹ Cit. por SÁ, Flávia Carvalho de – Profissão: Arquitecta : Formação profissional, mercado de trabalho e projecto arquitectónico na perspectiva das relações de género, p.19.

² Ver Jornal *El País* – “Camino hacia la extrema sencillez”, entrevista de Anaxu Zabala a Kazuyo Sejima, (16 Novembro 2008).

que o problema está na forma como se procura fazer e pensar a ‘grande arquitectura’, a mais visível, pois a arquitectura está demasiado politizada no sentido do mundo tipicamente masculino. Refere também a importância da revalorização histórica do papel da mulher na arquitectura e que a problemática está associada à diferenciação e à enfatização do género, e não tanto ao sexo do arquitecto.

É fundamental perceber quais as contribuições das mulheres para a arquitectura e que mudanças podem trazer à disciplina, que está em crise e precisa da novidade. Para tal, é preciso conhecer em que situações e em que moldes é que elas arquitectam, de forma a impulsionar um processo que permita incorporar a visão transversal do género na organização da profissão. Para muitas arquitectas, o ponto fundamental não é apenas a ruptura com o sistema binário mas a exclusão e a negação da mulher na arquitectura. Paradoxalmente, a rejeição pós-estruturalista das hierarquias masculinas tende para enfatizar tudo o que é ‘feminino’. Se a universalidade modernista excluiu as mulheres, a celebração pós-estruturalista da ‘alteridade’ relega a mulher como o significado da construção da identidade masculina. Mary McLeod³ defende que, em vez de celebrarem o desejo vanguardista de ‘alteridade’, a arquitectura devia investigar os desejos dos ‘outros múltiplos’ – se o ‘feminino’ é experienciado de forma diferenciada, em diferentes tempos e por diferentes pessoas e culturas, têm de se (re)conhecer todas as ‘diferenças’.

³ MCLEOD, Mary
– “Everyday and
‘Other’ Spaces”.
In *Gender Space
Architecture – An
Interdisciplinary
introduction*,
p.186.

2 | O contexto moderno e pós-moderno

A interacção do feminismo com o pós-modernismo, apresentada no capítulo I da presente dissertação, merece uns acrescentos, um novo contexto. Apesar de não ser o assunto central desta investigação, é preciso situar o debate actual sobre o moderno e pós-moderno para se enquadrar os estudos de género, as teorias feministas e o discurso sobre o papel da mulher na arquitectura – o discurso da arquitectura ocidental do século XX reflecte as suposições sociais baseadas nas distinções convencionais de classe, etnia e sexo/género.

A referência ao moderno tem origem em Baudelaire, no século XIX, que aponta as características necessárias a um artista moderno; quando fala em moderno, imediatamente evoca a modernidade, que é inserida quando há grandes mudanças nos valores e comportamentos da sociedade e, conseqüentemente, transformações no ambiente citadino. O movimento moderno trouxe o início de uma mudança radical em termos de formas e princípios arquitectónicos, rejeitando a história e enfatizando a tecnologia. Procurou uma arquitectura dinâmica e transparente, criou novas formas modernas de habitar mas restringiu-a a uma elite e aos princípios funcionalista e higienista. Todavia, os arquitectos do aclamado ‘período heróico’ dos anos 20 estavam comprometidos com uma arquitectura para as massas e propuseram uma ‘nova objectividade’ e uma renovação

FIGURA 33 | *Pruitt-Igoe* foi construído em 1954 para solucionar a sobrelotação no centro de St. Louis, que atingiu o pico populacional de 850.000 pessoas em 1950 (arquiteto Minoru Yamasaki). Disponível online em [WWW:<URL:http://rustwire.com/2011/02/10/the-rise-and-fall-of-st-louis-notorious-pruitt-igoe-housing-project/>](http://www.rustwire.com/2011/02/10/the-rise-and-fall-of-st-louis-notorious-pruitt-igoe-housing-project/). [Consult em 28 Mai. 2012]

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA



FIGURA 34 | Evento *Reescrever o Pós-Moderno*, Coimbra, Novembro 2011. Disponível online em [WWW:<URL:http://euvparq.wordpress.com/2011/10/20/reescrever-o-pos-moderno-livro-exposicao-coloquio/>](http://euvparq.wordpress.com/2011/10/20/reescrever-o-pos-moderno-livro-exposicao-coloquio/). [Consult em 28 Mai. 2012]



FIGURA 35 | Exposição *Reescrever o Pós-Moderno*, Coimbra, Novembro 2011. Disponível online em [WWW:<URL:http://www.uc.pt/noticias/newsletter/112011/posmodernismo/>](http://www.uc.pt/noticias/newsletter/112011/posmodernismo/). [Consult em 28 Mai. 2012]



urbana. Apesar do empenho no progresso e na industrialização, os formuladores do sonho moderno eram herdeiros das narrativas anteriores e de hábitos e discursos bem estabelecidos, continuando a reflectir a exclusão da mulher da prática da arquitectura e a espelhar as políticas conservadoras do sistema sexo/género do seu tempo. A energia revolucionária moderna apresentou transformações do *status quo* mas, por um lado, nunca contestou a natureza institucional e patriarcal da arquitectura e, por outro, se a ideia era uma arquitectura moderna para todos, capaz de provocar a mudança social, os movimentos femininos e feministas do fim do século XIX e início do século XX passaram completamente em branco. Todavia, segundo Charles Jencks, a arquitectura moderna teve uma morte certa, “ (...) morreu por volta das 15:32, do dia 15 de Julho de 1972, em St. Louis, Missouri, quando o projecto infame de Pruitt-Igoe, melhor dizendo, várias das suas lajes de cimento foram misericordiosamente dinamitadas.”⁴

Posteriormente, as conquistas pós-modernas passaram a englobar no discurso as minorias, as questões de género e a sexualidade, e permitiram um reconhecimento dos países periféricos; neste sentido, promovem a cultura relativista, uma espécie de vigilância permanente e o espaço (a)histórico. Ao contrário dos dogmas da coerência, do equilíbrio e da pureza modernos, o pós-modernismo reconstrói um novo palco e enfatiza a ambiguidade, a colagem, a pluralidade e os fragmentos numa nova coexistência de estilos. Na atitude pós-moderna há uma inteligência elegante nos novos valores e no ‘nada’ que é a possibilidade de tudo; e, ainda por cima, tem mau feitio, “ (...) o pós-modernismo tem uma afeição anti-autoritária, periférica, de contracultura, donde a referência à ‘subversão.’”⁵ Há sempre algo de insatisfatório e uma procura constante - com o ‘berço’ nos EUA até à Bienal de Veneza de 1980. No evento homónimo de 2003, Espanha fez-se representar com “Espanña Cf. Nosotras, las Ciudades” que cruza a vertente política (o papel da mulher) com as várias vertentes de fazer cidade: Jorge Figueira comenta que a mulher surge como a *performer* da cidade, gerindo e experimentando, desenhando e construindo. Mas nada melhor do que pegar no que tem sido escrito e falado em Portugal: em linhas gerais, denota-se uma preocupação na procura da validade deste conceito e na criação de um quadro cultural, com um contexto e um ambiente específicos, que inscrevam também a pós-modernidade no debate da arquitectura portuguesa. O cordão umbilical que a liga a Portugal prende-se com o 25 de Abril de 1974 e a descoberta da democracia. Segundo João Botelho (2011), a grandeza dos anos 80 está relacionada com o que chama *vampirismo*, com a dissidência do fazer ao lado, num ambiente de renovada expectativa em relação ao futuro. No decorrer da conferência *Reescrever o Pós-moderno*, em Coimbra, Jorge Figueira enquadra este conteúdo no século XXI, partindo da exposição *Postmodernism: Style and Subversion 1970-1990* (Victoria & Albert Museum, Londres, 2011), da curadoria de Glenn Adamson e

⁴ Charles Jencks (1977) cit. por RODRIGUES, José Manuel, coord. – *Teoria e Crítica de Arquitectura - Século XX*, p. 677.

⁵ FIGUEIRA, Jorge – “Para acabar de vez com o pós-modernismo (ou nem por isso)”, p.24.

Jane Pavitt. Daqui percebe-se que o ambiente pós-moderno significou sobretudo a morte do espaço, como protagonista da arquitectura moderna; “(...) o pós-modernismo é um corpo ambivalente: começa com uma morte (do moderno, das meta-narrativas) e continua a coleccionar mortes; é declarado morto; continuará vivo? E sendo apocalíptico, é também fundado (outra ambivalência): todas estas experiências são pré-World Wide Web e pré-digital, e no entanto antecipam o mundo que está para chegar.”⁶ E, neste mundo, o debate das mulheres na arquitectura tem um lugar.

⁶ *Idem, Ibidem,*
p.26.

3 | O poder simbólico e o *habitus* em arquitectura

Como *símbolo* podemos entender: signo, gesto, palavra, fórmula, sinal gráfico ou objecto material que tenha adquirido um significado específico e represente, num contexto cultural, um sentimento, acto ou atitude. Os símbolos exercem, em diferentes graus, a função de guardar certos valores considerados básicos para a perpetuação de cultura e sociedade (Dicionário de Símbolos). O poder simbólico, construtor da realidade como a conhecemos, perpetua-se por instrumentos simbólicos de dominação; para Pierre Bourdieu (1995), a identificação das origens da dominação masculina nessa realidade remete a um período indefinido pois as tentativas de perceber o discurso de dominação perpetuam esta mesma relação simbólica de poder. Há uma dificuldade em se dissociar o discurso, formador de opinião pública e da consciência de homens e mulheres, do poder simbólico de dominação masculina que se exerce por ele – a Cultura é também usada para reforçar este sistema de estratificações.

Na arquitectura, falta dar atenção aos pormenores. Apesar de bastante visíveis, os microcosmos desta e da cidade não podem ser relegados como agentes invisíveis dos processos políticos e simbólicos, sob o risco de se perder toda e qualquer possibilidade de manter a arquitectura como um sistema integrativo e igualitário. As operações do poder simbólico da arquitectura têm implicações nas questões de género e o criticismo virulento da profissão continua aliado as noções românticas de criatividade e génio artístico que reduzem a arquitectura a algo puramente visual e a ligam constantemente à arrogância dos ‘heróis do Movimento Moderno’.

Como já foi constatado, a história da arquitectura prova a constante relação, simbólica e metafórica, do corpo da mulher com a forma e a imagética da arquitectura. É legítimo que as mulheres possam mostrar algum receio em integrar o mundo da arquitectura que, simbolicamente, é liderado pelo homem e foi formulado tantas vezes por reacções conservadoras e preconceituosas quanto ao género, por parte de clientes, construtores, e mesmo de colegas. Consequentemente, muitas vezes elas protegem-se e escolhem não participar na profissão, baseadas nas percepções sociais da natureza da profissão e da cultura académica

– à qual Pierre Bourdieu (1989) chama *habitus*. Este conceito pode ser compreendido como um conjunto de disposições produzidas por condições específicas que expressa o resultado da inscrição no corpo da relação de dominação; o *habitus* mantém a pessoa, dominada ou dominante, mas suas próprias ideias, percepções, práticas ou acções, dentro dos padrões de comportamento e da auto-compreensão atribuídos pelo processo de socialização. O *habitus* determina a forma de relacionamento das pessoas entre si e como elas reagem frente a este sistema de dominação masculina, e Bordieu (1995) refere que “(...) esse conhecimento através do corpo é o que leva os dominados a contribuir para a sua própria dominação ao aceitar tacitamente, fora de qualquer decisão da consciência e de qualquer manifestação da vontade, os limites que lhe são impostos, ou mesmo produzir ou ao reproduzir por sua prática, limites abolidos na esfera do direito.”⁷ Nenhum processo de consciencialização, que possibilitasse uma libertação da consciência feminina, surtiria automaticamente efeito pois o *habitus* instaura de forma profunda um padrão de conduta feminina (e masculina); conduta essa que se transforma em corpo físico e biológico, possuidor de habilidades específicas para determinadas tarefas, historicamente conotadas com o feminino e o masculino. Por isso, o discurso do senso comum – às vezes, nem tão comum assim – encontra uma justificativa biológica ou natural para a atribuição de papéis a homens e mulheres, quando, através do poder simbólico estes dados biológicos ou naturais foram arbitrariamente impostos às mulheres. É, portanto, falacioso o discurso que imputa às mulheres tarefas no âmbito exclusivamente doméstico, que tem como justificativa o aspecto biológico do corpo da mulher e do corpo do homem. O *habitus* apresenta uma certa inércia e resistência às mudanças na medida em que incorpora a história e o passado, e pode lançar algumas luzes sobre a progressiva arquitectura do século XX, cujas ideias e programas permaneceram conservadores na sua cultura colectiva. A história da profissão da arquitectura tem dependido de clientes individuais e de instituições corporativas, mais ou menos poderosas – e esta imagem foi criada e permanece devido à dominação masculina nas áreas do poder.

4 | Percepções decorrentes de uma ‘profissão masculina’

Quando, em “Arquitecturas de Mulheres, Mundo de Homens” (1999), Paulo Varela Gomes fala das igrejas e dos conventos, refere explicitamente que estas serviam o propósito de separação das mulheres enclausuradas do mundo exterior e que, no pensamento arquitectónico europeu, foi Leão Baptista Alberti (1404-72) quem mais aprofundou a teorização dos mosteiros femininos - com o tratado *De Re Aedificatoria* – com a proposta de autênticas fortalezas sem aberturas ao exterior. Citando Mark Wigley, Gomes nota que os espaços albertianos enfatizam a separação e a localização dos sexos (ajudam a definir o que é de cada

⁷ Cit. por BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch – “Ritos e igualdade de gênero: uma análise da potencialidade de construção de (des)igualdade de gênero nos ritos”, p. 136. 69 | 70

género); o interior protegido é o espaço das ‘criaturas frágeis’, as mulheres, o exterior é do domínio dos homens. Estes espaços eram controlados com dispositivos de separação de lugar, olhares e percursos; “O lugar (o dar lugar) não é simplesmente um mecanismo para controlar a sexualidade. Pelo contrário, é o controle da sexualidade por sistemas de representação que produz o lugar.”⁸ E Gomes acrescenta que “(...) a arquitectura dos mosteiros escapava parcialmente a um entendimento da arquitectura baseado na ortogonalidade perspectiva. Ora, a perspectiva é o mecanismo por excelência do exercício da soberania do homem e do poder modernos sobre o espaço – apresentando-se portanto como um mecanismo neutro do ponto de vista político, estético e sexual”⁹, ou seja, além de não se ter produzido um ambiente neutro, ainda se pretendia enfatizar a marca da sexualidade masculina dominante.

A *status quo* do arquitecto desenvolveu-se dentro deste contexto renascentista no qual a arquitectura era um serviço do artista/artesão para o poderoso mecenas, não existindo lugar para as mulheres no ideal do *Grande Arquitecto*. A exaltação do ‘arquitecto/artista/herói’ desde as fundações da arquitectura ocidental prevalece na história, por exemplo, através do *Manifesto Futurista*, escrito em 1908 pelo escritor italiano Filippo Marinetti e publicado em 1909 no jornal *Le Figaro* - marca o início do advento da vanguarda progressista no virar do século XX que prometia um ‘papel positivo’ para a arquitectura no que diz respeito à trajectória Iluminista da razão e do génio que serve de símbolo para a propagação dos ideais de uma civilização universal (e, portanto, masculina). Antonio Sant’ Elia e Mario Chiattone, arquitectos que seguiram as proclamações futuristas para uma cidade nova, cortam radicalmente com a história e o passado. Fazem a apologia do movimento, do ruído e da velocidade e reivindicam os auxiliares mecânicos como produtores da vida moderna. Entre estes conceitos glorificam a guerra, o militarismo e a violência, exaltam a obra-prima de carácter agressivo e o desprezo pela mulher e pelo feminismo:

“Marinetti declares his opposition to psychology’s emphasis upon human emotions and passions in favor of a lyric obsession with matter (...) Humanity, in short, is an object to be studied and scrutinized, not dramatized and sentimentalized. He refers to the new creation, the ‘new man’, in terms that suggest a violent, animalistic merging of machine and human body. (...) Marinetti’s conception of Futurism requires that he both stigmatize and vilify that female body to achieve his prescribed vision of the future (...) notion of ‘family’ is, of course, centered on women’s bodies, their ability to reproduce, and their social roles as mothers and wives”¹⁰.

Os ‘jovens e fortes futuristas’, como lhes chama Marinetti, proclamam o dinamismo plástico e as formas oblíquas para o início do século, por entre

⁸ Mark Wigley cit. por GOMES, Paulo Varela – “Arquitecturas de Mulheres, Mundo de Homens”. In **14,5 Ensaio de História e Arquitectura**, p.239.

⁹ *Idem, Ibidem*, p.247.

¹⁰ HEUMANN, Michael – “Machine + War - Woman = Futurism: Marinetti’s Recreation of Creation”, s/p.

FIGURA 36 | *The Fountainhead*, escrito por Ayn Rand realizado por King Vidor, 1949. Disponível online em WWW:<URL:http://www.wedothemovies.com/?tag=the-fountainhead>. [Consult. 28 Mai. 2012]



FIGURA 37 | *The Fountainhead*, escrito por Ayn Rand realizado por King Vidor, 1949. Disponível online em WWW:<URL:http://www.liluinteriors.com/blog/2009/08/page/2/>. [Consult. 28 Mai. 2012]



FIGURAS 38 e 39 | Cartazes de *The Fountainhead*, escrito por Ayn Rand realizado por King Vidor, 1949. Disponível online em WWW:<URL:http://www.moviegoods.com/large_detail.asp?http://www.moviegoods.com//Assets/product_images/1020/525471.1020.A.jpg>. [Consult. 28 Mai. 2012]



um discurso sexista, misógino e repressor, que pretende uma arquitectura que concilie livre e ousadamente o homem (e apenas o homem) e o seu ambiente. Posteriormente, os aclamados ‘mestres modernos’ deixaram a impressão de que após eles nada de diferente podia ser pensado ou dito.

Porém, o quadro conceptual e profissional da arquitectura e as ideologias que estão subjacentes a toda a produção humana estão em perpétua evolução; Alexander Tzonis (1976) nota que o principal impedimento é que “(...) o status quo da profissão [arquitectura] opõe-se à mudança e tenta manter as posições adquiridas. Tal disparidade reside mais na oposição dos membros de uma sociedade (desenhistas incluídos) às autoridades desta mesma sociedade, à sua estrutura, à distribuição do poder entre os seus membros; à maneira pela qual exprimem a sua tomada de consciência da opressão do que na diferença que existe realmente entre os seus conceitos de ambiente e de design.”¹¹ Assim, a crise da arquitectura está relacionada com o pedestal em que o arquitecto se coloca e com a incapacidade do homem em criar um ambiente não-opressivo; contudo, o autor não formula a hipótese da participação e do reconhecimento das contribuições das arquitectas poder (ou não) alterar este cenário. Elas podem ser agentes activos de uma nova visão do ambiente não-opressivo o que, ainda assim, não implica que os conceitos e categorias pelas quais se rege a arquitectura sejam históricos e façam parte da evolução da organização do poder na sociedade – isto é, dizer que a arquitectura está dominada pelo masculino é constatar a situação geral da sociedade. Todavia, este facto não implica que a arquitectura se transforme e faça uma autocrítica, capaz de alterar os paradigmas sociais e culturais dentro da disciplina, começando por (re)escrever uma história dissociada do domínio masculino.

4.1 | A arquitectura no discurso ficcional e o tema da publicidade

No discurso ficcional, o arquitecto é frequentemente conotado com uma mistificidade que combina a virilidade com a aceitação social do artista, sempre com um salário respeitável. Durante algumas décadas, o arquitecto-modelo a ser seguido era retratado no filme *The Fountainhead* (1949), escrito por Ayn Rand. A personagem Howard Roark (Gary Cooper) foi vagamente modelado à imagem de Frank Lloyd Wright como um homem poderoso e brilhante; o arquitecto é o arquétipo da figura Romântica, personagem que Andrew Saint usa para iniciar o livro *The Image of the Architect* (1983). Sobre o filme, o autor refere que “The novel, in short, is an unsparing celebration of the architect as hero and genius, and could hardly have sold as it has done without some popular willingness to confirm and indulge Ayn Rand’s ideal of the architectural profession” e continua a ideia, citando Ayn Rand (1943), “No work is ever done collectively, by a majority decision. Every creative job is achieved under the guidance of a single

¹¹ TZONIS, Alexander – “Para um ambiente não-opressivo”. In *Teoria e Crítica de Arquitectura - Século XX*, p.649

individual thought. An architect requires a great many men to erect his building. (...) What he does with them is his individual product and his individual property.”¹² Ellen Berkeley comenta que:

“Women architects seem to be caught in a paradox: Roark regarded as macho stereotype is in other respects the nonconformist these same women might often emulate. More importantly, Roark’s story addresses the larger issues of power and integrity that may soon become central for women as they rise in this profession (...) Those who care about honest discourse will want to dispense with the word ‘macho’. Sexist stereotyping has never been productive.”¹³

Em *The Architect: Women in Contemporary Architecture* (2001), Maggie Toy nota que a personagem do arquitecto no filme *Indecent Proposal* (Adrian Lyne, 1993), representada por Woody Harrelson, cita Louis Kahn como um ícone masculino da arquitectura do século XX. Contudo, há algumas excepções a estas regras e estereótipos, sobretudo na grande tela: são modelos que fazem considerar a arquitectura de um outro ponto de vista, mais amável, como Brian Dennehy, em *The Belly of an Architect* (1987), ou Wesley Snipes, em *Jungle Fever* (1991).

Da mesma forma, os *media* e a publicidade introduzem ambiguidades fundamentais no modo como vemos e o que vemos. Desempenham um papel relevante na apresentação e promoção de certas profissões através do uso da imagem dos profissionais de cada área e, recentemente, conferiram ao arquitecto um *status* positivo e desejável – estas imagens são o espelho tanto da imagem idealizada do arquitecto como da concepção, ou dos equívocos, sobre a prática arquitectónica. Como refere Colomina, “Today, the boundaries defining space are first and foremost an effect of media (...) The status of the wall has changed.”¹⁴, e a forma como as imagens (do espaço e dos arquitectos) são usadas, o que elas descrevem e em que contextos surgem, ajuda a clarificar as concepções contemporâneas da profissão - e a posição da mulher nesta. A publicidade sobre a arquitectura, como a grande maioria, é altamente selectiva e actua sobretudo no mundo corporativo e institucional; obviamente não demonstra nenhuma preocupação com questões de habitação social ou com as necessidades das cidades. Há uma exclusão propositada de qualquer ‘imagem negativa’ e aqui o arquitecto é representado como um indivíduo independente, que trabalha para realizar os objectivos pessoais, quase como uma figura autoritária – o ‘génio solitário’ - embora a realidade seja diferente e assente em projectos de equipa e na colaboração próxima de clientes, construtores ou engenheiros. Diane Favro, na comparação das representações do arquitecto e da arquitecta na publicidade, refere que:

“(...) women more commonly stand inactive, the entire body visible.

¹² SAINT, Andrew – *The Image of the Architect*, p.1-2.

¹³ BERKELEY, Ellen Perry, ed. lit. – *Architecture: A Place for Women*, p.xxii.

¹⁴ COLOMINA, Beatriz – “Battle Lines: E. 1027”. In *The Architect: Reconstructing her Practice*, p.6.

FIGURA 40 | Campanha publicitária da loja *Banana Republic* com o tema “Architects at work”. Disponível online em WWW:<URL:http://archidose.blogspot.pt/2007/03/banana-architects.html>. [Consult. 28 Mai. 2012]



FIGURA 41 | *Women in Practice*, capa do *Architects' Journal* britânico, 12 Jan. 2012. “The female focused issue examines gender issues and campaigns for the equal treatment of women in the profession.” Disponível online em WWW:<URL:http://i.bnet.com/blogs/womeninpracticecover-aj.jpg?tag=content;siu-container>. [Consult. 28 Mai. 2012]



FIGURA 42 | Barbie Arquitecta, Matel, 2010. Disponível online em WWW:<URL:http://vitteri.blogspot.pt/2011/02/please-welcome-barbie-architect.html>. [Consult. 28 Mai. 2012]



Representations of women professionals consistently stress cerebral activity rather than the physical act of designing. At the drafting table, women appear as passive thinkers rather than active designers (...)”¹⁵ e que “Male architects are depicted not so much as professionals, but as creative and self-assured individualists. They sell an attitude or lifestyle as much as given product; the reader is meant to identify with the independent, affluent, confident male individual. (...) In both male and female representations, advertisements associate the architect with success, upward mobility, and discerning taste (...) Ad-architects represent both the stereotypical female professional and the stereotypical male individualist. All are white, Caucasian, and youthful.”¹⁶

Aparentemente, segundo Favro, os anúncios publicitários usam a arquitecta para chamar a atenção e encorajar visualmente o leitor a pensá-la como ‘profissional genérico’, ao invés de conotá-la como membro de uma ocupação particular com uma longa história de características únicas. Ainda assim, recorrem ao uso de conhecidas máximas de arquitectos, por exemplo, a revista *Working Woman* inclui a “Less is more when it comes to what you carry in your [hand] bag”, de Mies van der Rohe, e a Epson Computers incorpora “I admire a design that satisfies function without ignoring form”, de Louis Sullivan. O bombardeamento com imagens de arquitectas provoca que “(...) the publicity gradually becoming more comfortable with women architects. The same is not true within the field of architecture itself; inclusion of more and positive depictions in the ads in architecture journals would likewise enhance the status of women among their professional peers. Internally, the profession remains inhospitable to women.”¹⁷ Externamente, a publicidade está a promover a arquitecta como contribuidora, ainda que limitada, para a profissão; estranhamente, ela promove a arquitectura como um produto e idealiza a posição da mulher na arquitectura, entre a assistente e a secretária. Da mesma forma, a nova ‘barbie arquitecta’ (2010) foi alvo de diversos comentários sobre a imagem que produz simultaneamente da arquitectura e da arquitecta: deveria incluir um capacete de obra, usar calças em vez de saia e que a maquete, da qual vem acompanhada, mais parece uma casa de bonecas.¹⁸

5 | Ideias e textos sobre a arquitectura do século XX

O século XX decorreu num contexto fervoroso de novas ideias, rupturas e vanguardas arquitectónicas que, frequentemente, tiveram os pressupostos masculinos como base da formulação, da análise e da interpretação dos programas, formas e funções da arquitectura; em ‘casos extremos’ usaram-se notoriamente linguagens de género, simultaneamente metafóricas e simbólicas. Os textos que serviram de modelo-base, implícita ou explicitamente, apresentaram o homem

¹⁵ FAVRO, Diane – “Ad-Architects: Women Professionals in Magazine Ads”. In **Architecture: A Place for Women**, p.189.

¹⁶ *Idem, Ibidem*, p.191.

¹⁷ *Idem, Ibidem*, p.199

¹⁸ Inda Sechzer (2011), ironicamente, comenta o carácter sexista da boneca: “Women of a certain age, i.e., my generation, know what the feminist revolution was really all about and what barbie symbolizes. Barbie is a sexist symbol. (...) Promoting architecture in a sexist way venue is not good for any of us, male or female. This is not a positive way to ‘convince the public of our value’ (...) You must realize that the Barbie doll is a vestigial symbol of the time when women were not accepted in the field of architecture. If Barbie transformed into a positive female role model, I sure don’t see it. Across our society we are currently suffering a swing of the pendulum back to the time before feminism. Do you all really romanticize the ‘MadMen’ era?” (FERNANDES, Gabriel de Andrade – “Arquitectura e género: precisamos de uma Barbie arquitecta?”).

como (re)produtor e habitante das cidades e excluíram as mulheres como construtoras do ambiente construído. Em variados exemplos, explora-se a esfera social e as ideologias e filosofias subjacentes a determinadas épocas – muitas vezes relacionadas com ideias revolucionárias – sem nunca se referir o feminismo como um fenómeno importante no século XX. Deborah White nota que “(...) the gender blindness of writers on architecture often extends beyond linguistic usage, and the absence of women in the texts extends to the apparent invisibility of women in the world (...) the masculine/masculist assumptions and imagery from earlier texts are frequently quoted uncritically; writers either do not notice the gendered nature of earlier texts, or share their implicit bias.”¹⁹

Os primeiros historiadores da arquitectura do século XX foram autênticos ‘mitógrafos’ que seguiram cada pisada dos ‘arquitectos-herói’ do período moderno e fomentaram a ideia de que as suas formas surgiram não-contaminadas pelas anteriores. Consequentemente, a história da arquitectura foi escrita por homens e sobre homens e, talvez mesmo para homens. Em 1936, Nikolaus Pevsner publica *Pioneers of Modern Design*, no qual pretendeu ressaltar o fundamento social e moral da nova arquitectura mas através dos pioneiros, homens, do moderno. Em *An Introduction to Modern Architecture*, publicado em 1940, J.M.Richards discute o trabalho de Rennie Mackintosh sem Margaret MacDonal, Maxwell Fry sem Jane Drew, Charles Eames sem Ray Eames. Com *Space, Time and Architecture* (1ª ed., 1941), Sigfried Giedion escreve a história da arquitectura de forma dramática e heróica, um discurso de ‘homens de coragem e energia’, comprometidos com a organização das formas no espaço e com a manipulação da estrutura e da tecnologia. Por um lado, Giedion estava obcecado com a fragmentação espiritual da sua própria época e via a arquitectura moderna como um factor unificador; por outro, ressalta que a criação original parte de um ponto de vista universal, isto é, de uma universalidade implicitamente masculina que se relaciona com “(...) the formation of the man of today (...) the artist shows that an inner affinity exists between the expression of primeval man and contemporary man.”²⁰ A história heróica da arquitectura é tecida pelos passos de Le Corbusier, a figura central do discurso de Giedion, cujos insucessos este remete para as falhas dos clientes inadequados que proporcionaram pouca liberdade.

Já no pós-Segunda Guerra Mundial, os historiadores focaram o tema da tradição moderna com uma perspectiva mais ampla e sobre a qual elaboraram genealogias mais complexas; contudo, prosseguiram sem revelar as arquitectas (e as clientes) que ajudaram a desenvolver o pensamento arquitectónico. Em *Theory and Design in the First Machine Age* (1ª ed., 1960), Reyner Banham recriou os antecedentes históricos das primeiras três décadas do século XX e questionou as convenções visuais e os significados simbólicos da ‘estética da máquina’ da década de 20, num ambiente maioritariamente masculino. Exalta

¹⁹ WHITE, Deborah – Masculine Constructions : Gender in twentieth-century architectural discourse : ‘Gods’, ‘Gospels’ and ‘tall tales’ in *Architecture*, p.32.

²⁰ Cit. por *Idem*, *Ibidem*, p.32.

frequentemente o manifesto futurista e os ideais de Le Corbusier e não há um desvendamento da natureza de género dos movimentos radicais desta época. A partir dos anos 1960 e em especial nos EUA, motivados pelas modificações culturais da sociedade e pelo fracasso do período racionalista, alguns arquitectos começaram a questionar alguns dogmas do período modernista. Robert Venturi lança *Complexidade e Contradição em Arquitectura* (1966) para uma renovação da consciência histórica e a sua importância na arquitectura. Numa tentativa de redefinir a disciplina, os autores contestam o papel do arquitecto e a sua relação com escolhas, a profissão e a sociedade de um modo geral. Provocaram com “Less is not more. Less is bore.”, numa crítica à máxima de Mies van der Rohe “Less is more.”, e reivindicam que há espaço para a contradição, improvisação e fragmentação na arquitectura. *Complexidade e Contradição em Arquitectura* inaugura a crítica à hegemonia do pensamento moderno; na teoria da inclusão promoveram a renovação da consciência histórica e abrem caminho para uma condição plena de possibilidades interpretativas, como a feminista.

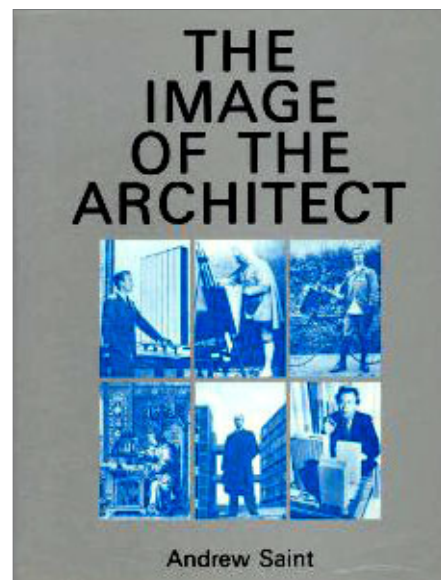
Surgiram outros autores preocupados com a crise da industrialização, como Manfredo Tafuri ou Kenneth Frampton, que articularam as suas próprias versões de uma ‘pré-história moderna’ com maior consciência das contradições políticas e ideológicas da própria arquitectura moderna, mas focados no ideal masculino na arquitectura. Com *Teorias e História da Arquitectura* (1ª ed., 1968), Tafuri realiza uma operação de reconhecimento dos significados da arquitectura enquanto instituição, primeiro como antecipação histórica e depois como um processo directamente inserido nos modernos processos de produção e desenvolvimento do sistema capitalista. Apesar da sua apologia à crítica arquitectónica e da leitura ‘política’ da história da arquitectura moderna serem os pontos mais relevantes da obra, o estudo do género da arquitectura e a relevância das arquitectas ficam por incluir; o crítico, o historiador e o arquitecto, os ‘mestres’, permanecem na centralidade do discurso. Bruno Zevi faz a *História da Arquitectura Moderna* (1970) apoiado numa primeira época - composta pelo movimento Arts and Crafts, Art Nouveau ou Deutscher Werkbund - e realçando os ‘mestres do período racionalista’ – Le Corbusier, Gropius, Mies van der Rohe ou JJP Oud. A história contada por Zevi limitada a algumas personalidades é comentada por Nuno Portas no prefácio do livro: “Se um certo grupo de obras de arte ou de personalidades criadoras cronologicamente limitado constitui o parâmetro de toda uma idade histórica, é evidente que aquilo que o precede deve ser considerado de tentativa imatura, mero conhecimento antecipador, e aquilo que o segue, decadência e corrupção.”²¹

No século XXI, graças à ‘mono-visão’ da história da arquitectura, “Vivimos en un presente arquitectónico confuso que observa su propio pasado a través de un velo de mitos y medias verdades.”²² Todavia, as antologias da história

²¹ PORTAS, Nuno – “Prefácio”. In *História da Arquitectura Moderna*, p.27.

²² CURTIS, William J.R. – *La arquitectura moderna desde 1900*, p.17.

FIGURA 43 |
Capa do livro
*The Image of the
Architect*, Andrew
Saint, 1983. Dis-
ponível online em
WWW:<URL: [http://
www.amazon.com/
The-Image-Archi-
tect-Andrew-Saint/
dp/0300030134](http://www.amazon.com/The-Image-Architect-Andrew-Saint/dp/0300030134)>.
[Consult. 28 Mai.
2012]



e da teoria da arquitectura produzidas mais recentemente têm trabalhado de forma a mudar estes paradigmas, apresentando as perspectivas de diversos autores e debatendo temas mais alargados, que incluem as questões de género no espaço e o papel da arquitecta na renovação da disciplina – são obras como *Theorizing a new agenda for Architecture: An anthology of architectural theory 1965-1995*, editado por Kate Nesbitt (1996), *Architecture Theory since 1968*, editado por K. Michael Hays (2000) e *The Design History Reader*, editado por Grace Lees-Maffei e Rebecca Houze (2010). Nestas compilações, a discussão da arquitectura provém do desenvolvimento de modos interpretativos de vários temas e ideais - como o pós-estruturalista, marxista, e outros dissidentes ou excêntricos – que, segundo Hays, forneceu aos investigadores uma bagagem teórico-crítica e uma série de ferramentas, tanto para repensar a arquitectura em relação a outras áreas como para reafirmar o interesse e inclusão da arquitectura no discurso intelectual. E mais, estas obras compilam variados olhares sobre a disciplina e podem trazer novas oportunidades de conduzir uma investigação e discussão mais amplas, capazes de influenciar o gosto e o pensamento arquitectónico contemporâneos.

6 | Os heróis, o génio e o star system da arquitectura

Parece existir uma confusão entre o valor da subjectividade e a responsabilidade da autoria na disciplina e na poética da arquitectura através da apologia do binómio generalizado ‘objecto/autor’ que domina a reflexão e os discursos em torno da arquitectura. Denise Scott Brown comenta que:

“The star system, which sees the firm as a pyramid with a designer on top, has little to do with today’s complex relations in architecture and construction. But as sexism defines me as a scribe, typist and photographer to my husband, so the star system defines our associates as second bananas and our staff as pencils.”²³

O tema do *star system* encontra-se, como foi referido anteriormente, nos textos standard do século XX mas de forma bastante explícita na obra de Andrew Saint, *The Image of the Architect* (1983). Saint traça a história da arquitectura, enquanto profissão, de acordo com o seu *status* na sociedade e com a imagem pública que produz, do século XVIII até ao século XX. O autor explora a diversas ‘personalidades’ que compõem a arquitectura – o herói, o génio, o profissional, o homem de negócios e o ‘cavalheiro’ – todas relacionadas com a construção cultural do género masculino. Por um lado, a masculinidade do arquitecto não se apresenta meramente como facto histórico mas como algo que permanece por examinar e a participação das arquitectas mantêm-se ausente. Por outro, a arquitectura tecnológica das corporações ocidentais representa em grande medida o sistema capitalista e *macho male* que serve como metáfora para o sistema industrial das cidades. Para Linda Nochlin, o facto das mulheres terem um papel

²³ BROWN, Denise Scott – “Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture”. In *Architecture: A Place for Women*, p.240.

FIGURA 44 e 45 | Diálogo entre Denise Scott Brown e Robert Venturi, 4 de Março de 2011, Manayunk (Filadélfia).

“**DSB:** Penso que não se pode negar que existe uma visão generalizada da arquitectura baseada, sempre, em grandes heróis masculinos. Se reflectirmos sobre isso, talvez concluamos que não é assim que o mundo funciona. E talvez a experiência e a cultura que as mulheres oferecem possam vir a ser muito úteis no futuro. **RV:** Mas Denise, temos e percebemos, historicamente, não houve muitas mulheres... Palladio não era Palladia. **DSB:** Não, mas se existiu uma Palladia nunca ouviste falar dela. **RV:** Mas não existiu. **DSB:** Como é que sabes? **RV:** Porque as mulheres estavam a tomar conta das crianças... **DSB:** Existe muita investigação no campo das artes que mostra, de facto, que houve mulheres a desempenhar os seus papéis, só que não é reconhecido. **RV:** Huuum... **DSB:** Sim. É verdade! Se dissemos: ‘Porque é que se haveria de conhecer grandes artistas mulheres?’ a resposta é: ‘Porque é que se haveria de conhecer músicos de jazz lituanos?’ E, claro, e conheceres história do cinema, sabes que (no *The Jazz Singer*) o músico de jazz era lituano. Culturalmente é muito difícil que tenha havido mulheres artistas, o que não significa que não tenham existido.” J.A : Ser Mulher : Being a Woman, Jornal dos Arquitectos, nº242 (Jul/Ago/Set. 2011), pp.32-33.

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA



menos visível no campo das artes prende-se, entre outros problemas, com a esta ofuscação intelectual sob a rubrica do ‘génio’ que “(...) is thought of as an atemporal and mysterious power somehow embedded in the person of the Great Artist. (...) Underlying the question about woman as artist, then, we find the myth of the Great Artist – subject of hundred monographs, unique, godlike – bearing within his person since birth a mysterious essence (...)”²⁴ A combinação da proposição intelectual com a atenção crítica altera a arquitectura e os arquitectos, determina quem é ‘merecedor’ de celebração, inadvertida ou deliberadamente, e influencia a história da arquitectura. Só prova que discurso arquitectónico é uma ferramenta poderosa.

“One problem with the culture of architecture is the concept of the ‘hero-architect’, the Ayn Rand ‘Fountainhead type’, the brave, angst-ridden, unsung hero (...) architecture is never the product of one person.”²⁵

Em *Architecture: A Woman’s Profession* (2010), Tanja Kullack dedica dois capítulos aos temas ‘autoria e génio’ e ‘the starchitect system’ nos quais surgem reacções semelhantes entre as arquitectas entrevistadas: nos países ocidentais, a questão da ‘autoria’ surge sobretudo como um instrumento de marketing pois é daqui que advém a percepção de criatividade por parte do público. Há neste debate um realce constante, por parte das arquitectas, da importância do trabalho em equipa, da discussão de ideias, da comunicação com o cliente e da complexidade do programa, mas que a expectativa da autoria singular permanece em qualquer geração; ainda assim, Monica Ponce de Leon nota que “There is no authorship to a building. However there’s still the myth of singular authorship, which is expressed in the question of who actually designed this or that building, when in fact is the result of many people (...) we seem to hold on to the archaic idea of the ‘master architect’.”²⁶ Segundo Caroline Bos, o campo da arquitectura é tão amplo e variado que não há apenas uma forma de ‘ser arquitecto’, apesar de haver um foco no topo da profissão:

“(...) recent decades have shown a focus on the star system (...) For women in particular, this may mean that there is less chance to have more of a holistic life, integrating more ordinary feminine aspects. Since the star system also requires the stars to be surrounded by a stellar support system, I hope that the focus will shift away from exceptional personalities and shift architecture itself. At the end of the day, the star quality of a great building is far more effective in drawing people to it, communicating how life is lived in our times, and delivering a powerful presence in society.”²⁷

²⁴ NOCHLIN, Linda - “Why Have There Been no great Women Artists?”. In **Women, Art, and Power**, p. 153.

²⁵ BROOKS, Alison – “On Authorship and Genius”. In **Architecture: A Woman’s Profession**, p.21.

²⁶ LEON, Monica Ponce de – “On Authorship and Genius”. In **Architecture: A Woman’s Profession**, p.23.

²⁷ BOS, Caroline – “On the ‘Starchitect System’”. In **Architecture: A Woman’s Profession**, p.130.

FIGURA 46 |
Charlotte Perriand
com Le Corbu-
sier e Edouard
Jeanneret na rua
de Sevres studio,
Paris (sem data).
Disponível online em
WWW:<URL:http://
designmuseum.org/
design/charlotte-
perriand>. [Consult.
5 Mai. 2012]

FIGURA 47 |
Charlotte Perriand
na B306 Chaise
Longue (1928).
Disponível online em
WWW:<URL:http://
www.jornalarqui-
tectos.pt/pt/242/
ensaio%201/> [Con-
sult. 5 Mai. 2012]

FIGURA 48 |
Lina Bo Bardi
na sala da Casa
de Vidro (1952).
Disponível online em
WWW:<URL:http://
www.institutobardi.
com.br/lina/bio-
grafia/index.html>
[Consult. 29 Abr.
2012]

FIGURA 49 |
Lina Bo Bardi no
exterior da Casa
de Vidro (1951).
Disponível online em
WWW:<URL:http://
paratyemfoco.
com/blog/2010/07/
chico-albuquerque-
por-juan-esteves/>
[Consult. 29 Abr.
2012]

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA



6.1 | Le Corbusier, (uma das) representações do olhar masculino

Diversos teóricos, incluindo os feministas, têm vindo a formular críticas às ideias de Le Corbusier sobre o planeamento urbano ou a habitação, assentes na descoberta das questões de género das suas obras e nas constantes apologias à sua vida e ao percurso arquitectónico, feita por centenas de textos hagiográficos.²⁸ Deborah White (2001) dedica um capítulo da sua tese, “‘Le Corbusier’, Architect of the Century”, à análise de textos escritos sobre e por Le Corbusier, nos quais identifica múltiplas manifestações da masculinidade, de sexismo e do alter-ego – referências ao artista-génio, ao herói-épico e à criatividade (quase) divina. White examina textos como *Le Corbusier: Architecture and Form* (Blake, 1963), *Le Corbusier: The Machine and the Grand Design* (Evenson, 1970), *Le Corbusier and the Tragic View of Architecture* (Jencks, 1973) e *The Age of the Masters* (Banham, 1975), sobre os quais tece críticas: à *tabula rasa*, ao *Modulor* e à ideia da supremacia ocidental. E acrescenta: “‘Fundamental’, ‘universal’, ‘objective’, ‘impersonal’, ‘geometry’, ‘mathematics’, ‘ultimate truths’; ‘he’, ‘our man’, ‘history of all men’, ‘élite’, ‘sons of Enlightenment’, even an oblique allusion perhaps to a messiah (...) such a vocabulary, manifesting a masculine conceptualization of reality, is taken for granted as normal.”²⁹

As representações, o ‘olhar masculino’ e a dominação cultural do visual (em particular, da representação visual das mulheres e da ‘mulher para o prazer do homem’), são temas apropriados pelo debate feminista dentro da arquitectura. Beatriz Colomina, arquitecta e autora de variados textos, interpreta aqui um papel importante e discute a preocupação de Le Corbusier e de Adolf Loos com a visão e com o visual, sobretudo na habitação, e a forma como este sistema controla a vida dos ocupantes. Ironicamente, relaciona a arquitectura moderna com os *media* e com a manipulação fotográfica, através de obras de dois dos arquitectos mais influentes do século XX: “The occupant of Le Corbusier’s house is displaced, first because he is disoriented (...) the occupant is a ‘visitor’. Unlike the occupant of Loos’ houses, both actor and spectator, both involved and detached from the stage, Le Corbusier’s subject is detached from the house with the distance of a visitor, a viewer, a photographer, a tourist.”³⁰ Há diversos episódios que, mais ou menos, escapam à história da arquitectura (para além da história das arquitectas no geral); lembro, por exemplo, a relação profissional de Charlotte Perriand com Le Corbusier, ou os murais do arquitecto na casa E.1027 de Eileen Gray. ‘Aqui, senhora não bordamos almofadas’ foi a célebre frase com que Le Corbusier recebeu Perriand no seu escritório, em 1927; apesar de rejeitada, acabaria por integrar o círculo de Le Corbusier e Pierre Jeanneret, permanecendo contudo na sombra dos arquitectos – foi ela quem desenhou as famosas cadeiras tubulares, que Le Corbusier caracterizou de ‘coquetes’. Além de as ter projectado, também as publicitou; há uma teia de comentários e suposições à fotografia

²⁸ Ver, em oposição a estes ensaios, SAMUEL, Flora – *Le Corbusier: Architect and Feminist*, Wiley-Academy, 2004. ISBN 0-470-84747-6

²⁹ WHITE, Deborah – *Masculine Constructions: Gender in twentieth-century architectural discourse: ‘Gods’, ‘Gospels’ and ‘tall tales’ in Architecture*, p.146.

³⁰ COLOMINA, Beatriz – “The Split Wall: Domestic Voyeurism”. In *Sexuality and Space*, p.123.

FIGURA 50 | Mural *Três Mulheres* na casa E.1027 de Eileen Gray, já coberta de balas da II Guerra Mundial (Graffiti à Cap Martin, 1938). Disponível online em WWW:<URL:http://www.jornalarquitectos.pt/pt/242/ensaio%201/> [Consult. em 28 Abr. 2012]



FIGURA 51 | Le Corbusier diante da cabana construída no terreno da Casa E-1027. Disponível online em WWW:<URL:http://www.vivercidades.org.br/publique_222/web/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1311&sid=5&tpl=pr-interview> [Consult. em 3 Mai. 2012]



FIGURA 52 | Le Corbusier fotografou-se nu durante a pintura dos murais na casa E.1027 de Eileen Gray (sem data). Disponível online em WWW:<URL:http://luzcegante.blogspot.pt/2011/01/cest-une-tres-belle-maison-mais-elle.html>. [Consult em 2 Mai. 2012]



de Perriand deitada na *chaise-longue* onde, apesar da afirmação da modernidade subjacente ao colar de bolas de metal, ela esconde a cara e permanece no anonimato. A fotografia em questão foi tirada por Jeanneret, na ausência de Le Corbusier, e a própria afirma que apenas queria enfatizar o objecto, capaz de ser usado por qualquer pessoa.³¹ (Curiosamente, existem outras fotografias semelhantes, como a da arquitecta Lina Bo Bardi na sua casa de Vidro). A *Casa E.1027* (1926-29) em Cap Martin, França, de Eileen Gray (para ela e para o marido, Jean Badovici) foi cenário de alguma violência ao longo da história – além de apropriada indevidamente por Le Corbusier, foi ocupada por tropas nazis e cravada de balas durante a II Guerra Mundial. Colomina dedica um artigo (publicado inúmeras vezes) sobre a desfiguração da arquitectura de Gray que, segundo a autora, foi a obliteração irónica da sua própria sexualidade. Le Corbusier aparentava ter uma obsessiva relação com a casa e, segundo Colomina, num acto de vandalismo para Gray, pintou os murais sem autorização (publicados posteriormente em *Oeuvre Complète*, 1946, e em *L'Architecture d'aujourd'hui*, 1948) e fotografou o momento da sua produção – onde estava completamente nu. Colomina questiona esta atitude: “Why, then did Le Corbusier vandalize the very house he loved? Did he think that the murals would enhance it? (...) Le Corbusier had repeatedly stated that the role of the mural in architecture is to ‘destroy’ the wall, to dematerialize it. (...) The mural for Le Corbusier is a weapon against architecture, a bomb”³², e afirma que, como todos os colonialistas, Le Corbusier provavelmente não pensava na pintura como uma invasão mas sim como um presente – ainda que ofensivo.

Com a mesma postura de Cap Martin, Le Corbusier desenvolve projectos para Argel (1931-42), independentemente do contexto colonial e das implicações ideológicas que lhe estavam subjacentes – pensava-se então a renovação da cidade para a celebração da centenária ocupação francesa. Zeynep Çelik constata que em todo o processo houve uma óbvia opressão humana, uma vontade de forçar as pessoas, que levavam uma vida relativamente independente, a submeterem-se a um sistema cultural diferente sob o controlo da cultural ocidental tecnológica; sem surpresa, a arquitectura e as formas urbanas constituíram os temas primordiais nas observações de Le Corbusier sobre outras culturas, mas acompanhadas da inquirição das normas religiosas e sexuais. Çelik mostra a forma como, por exemplo, o *Plano Obus* (1932) concebía uma gigante estrutura linear que dividia a cidade em duas – as pessoas locais separadas dos europeus – e que:

“Le Corbusier plan establishes constant visual supervision over the local population and clearly marks the hierarchical social order onto the urban image, with the dominating above and the dominated below (...) Le Corbusier’s cleaning would be urban and social, at once provi-

³¹ Para uma história mais completa de Charlotte Perriand (e a ligação com Le Corbusier), ver o trabalho de Silvana Rubino, por exemplo, “Memórias de uma moça (nem tão) bem comportada” (2009).

³² COLOMINA, Beatriz – “Battle Lines: E.1027”. In *The Sex of Architecture*, p.174. A autora remata o artigo com alguns *Post-scriptum*: “P.S. In 1944, the retreating German army (...) vandalized E.1027 and Tempe à Paila (her house in Castellar) She lost everything. Her drawings and plans were used to light fires. P.P.S. On August 26, 1965, the endless redrawing of the *Femmes de la Casbah* still unfinished, Le Corbusier went from E.1027 down to the sea and swan to his death. P.P.P.S In 1977, a local mason in charge of some work in the house ‘mistakenly’ demolished the mural *Graffiti*. I like to think that he did so on purpose (...) They understood perfectly what the mural was about. They destroy it. In so doing, they showed more enlightenment than most critics and historians of architecture. P.P.P.P.S Since then, the mural has been reconstructed in the house using photographs. It reemerged from its original medium. The occupation continues”

FIGURA 53 |
Desenho de Le
Corbusier *Deux
femmes enlacées*,
c. 1932 (24.5 x
32 cm). Lápis e
pastel sobre cartão.
Disponível online em
WWW:<URL:[http://
www.jornalarqui-
tectos.pt/pt/242/
ensaio%201/](http://www.jornalarquitectos.pt/pt/242/ensaio%201/)>
[Consult. em 28 Abr.
2012]



FIGURA 54 | Le
Corbusier, *Plan
Obus, Alger*, 1933.
Disponível online em
WWW:<URL:[http://
islanddeserters.
blogspot.pt/2010/01/
le-corbusier-plan-
obus-alger-1933.
html](http://islanddeserters.blogspot.pt/2010/01/le-corbusier-plan-obus-alger-1933.html)> [Consult. em
25 Mai. 2012]



ding for controlled activities for Arabs and racial contact in an ordered environment.”³³

Pela perspectiva da autora, a escala agressiva da proposta para Argel teria transformado radicalmente a imagem urbana e iria (re)lembrar constantemente o poder do colonialismo. Colomina associa as formas curvilíneas do projecto a outra obsessão do arquitecto – a mulher argelina – tema sobre o qual Le Corbusier dedica algumas analogias e diversos desenhos e esquiços (como *Femmes d’Alger*, 1938): “The Algerian sketches and postcards appear to be a rather ordinary instance of the ingrained fetishistic appropriation of women, of the East, of ‘the other’. Yet Le Corbusier (...) turned this material into ‘preparatory studies for and the basis of a projected monumental figure composition (...)’.”³⁴

8| História das mulheres na Arquitectura

“She’s got everything she needs

She’s an artist, she don’t look back”

(Bob Dylan, *She belongs to me*, 1965)

As mulheres têm estado envolvidas com o desenho e forma do espaço de várias maneiras, enquanto praticantes, teóricas, consumistas, historiadoras e objectos de representação. A arquitectura tem sido dominada pelos princípios e regras masculinos e a mulher tem sido relegada ao seu papel biológico de mãe e constringida à domesticidade, à casa e ao mundo privado; até há poucas décadas atrás, por exemplo, não lhes era permitida a integração no mundo académico. Na viragem para o século XX ocorre uma transformação da sociedade e a mulher tem um novo lugar – já lhe é permitida a incorporação nos sectores culturais, na esfera pública - e surgem as pioneiras arquitectas, frequentemente limitadas ao trabalho associado, muitas vezes com os parceiros que partilham a mesma profissão. Rigon (2004), defende que o processo de feminização da arquitectura se iniciou simultaneamente com a sua democratização, desde a ruptura com as Belas-Artes para um sistema de ensino inspirado na Universidade.

As questões que se colocam são variadas: poderá a arquitecta renovar o conceito e as actividades da arquitectura contemporânea? De que formas? O que acontece à arquitectura quando a mulher verbaliza e constrói a história? Francesca Hughes refere que, actualmente, existem duas abordagens distintas ao tema: “(...) to promote the difference of women, evolving a new language, or to insist that women can fit the (male) human norm and excel at the (patriarchal) normal language.”³⁵ Há uma urgência em se falar das contribuições de arquitectas para a história e para a arquitectura contemporânea pois, idealmente, a arquitectura deveria incorporar a diversidade da globalização e deveria conhecer a experiência

³³ ÇELIK, Zeynep – “Le Corbusier, Orientalism, Colonialism”. In *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, p.325.

³⁴ COLOMINA, Beatriz – “Battle Lines: E.1027”. In *The Sex of Architecture*, p.169.

³⁵ HUGHES, Francesca, ed. lit. – *The Architect: Reconstructing her practice*, p.xv.

FIGURA 55 | ‘Nós arquitetas!’
 Alberto Taveira,
 intervenção sobre
 imagem de J.
 Howard Miller
 (1942). Dispo-
 nível online em
 WWW:<URL:http://
 www.vivercidades.
 org.br/publique_222/
 web/cgi/cgilua.exe/
 sys/start.htm?inoid=
 1311&sid=5&tpl=pr
 interview> [Consult.
 em 3 Mai. 2012]

FIGURA 56 | Bar-
 nes & Reinecke
 (Chicago, 1934).
 Fotografia publici-
 tária para a *Future
 Kitchen scale mo-
 del*, c. 1946. The
 Museum of Mo-
 dern Art: Archi-
 tecture and Design
 Study Collection.
 Disponível online em
 WWW:<URL:http://
 www.moma.org/
 explore/publications/
 modern_women/
 blog/kitchens-of-the-
 -future> [Consult.
 em 25 Mai. 2012]

FIGURA 57 |
 Matilde Ucelay
 (1912-2008), a
 primeira arquitecta
 espanhola. Dis-
 ponível online em
 WWW:<URL:http://
 bwaf.org/matilde-
 ucelay/> [Consult.
 em 25 Mai. 2012]

FIGURA 58 | Ma-
 ria José Marques
 da Silva (1915-
 1994), a primeira
 arquitecta portu-
 guesa formada pela
 escola do Porto.
 Disponível online em
 WWW:<URL:http://
 sigarra.up.pt/up/
 WEB_BASE.
 GERA_PAGINA?P_
 pagina=122372>
 [Consult. em 25 Mai.
 2012]

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA



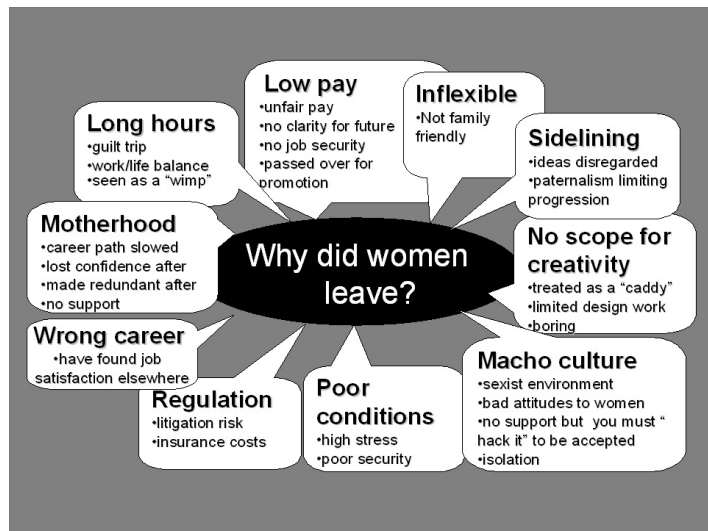
de vida colectiva dos homens, das mulheres, das pessoas de todas as idades e de todos os grupos minoritários.

A moldagem do pensamento arquitectónico em termos de ‘qualidade’ faz com que os números e as estatísticas pareçam estranhos mas, por vezes, necessários. Nos últimos 50 anos, o número de mulheres no mundo que estudam arquitectura aumentou visivelmente, chegando variás vezes a representar 50% do corpo de estudantes; então, o *best design work* deveria ser feito por homens e mulheres na mesma proporção. Todavia, depois da formação, o número de arquitectas a exercer a profissão é bastante inferior, actuam frequentemente como colaboradoras e lideram poucos escritórios. Em *The Architect: The Women in Contemporary Architecture* (2001), Maggie Toy refere que o facto de o número de mulheres que estuda arquitectura ser inversamente proporcional ao número das que se tornam arquitectas é uma questão internacional.

Louise Blanchard tornou-se a primeira eleita como membro do American Institute of Architects em 1888, e Ehtel Mary Charles, a primeira mulher membro do RIBA, em 1898. Na Inglaterra, as mulheres puderam iniciar os estudos em arquitectura na Architectural Association de Londres em 1917, e o MIT (Massachusetts Institute of Tecnology) foi a primeira escola a oferecer vagas destinadas a mulheres no curso de arquitectura, em 1867, cuja primeira diplomada foi Sophia Hayden em 1890. Na Suíça³⁶, Flora Crawford inaugurou a participação feminina na profissão em 1923. Em França, a Escola de Belas-Artes de Paris abriu uma excepção para uma estudante de arquitectura em 1898, a americana Julia Morgan; na Península Ibérica, mais tardiamente, Matilde Ucelay a primeira diplomada em Espanha, em 1936, e Maria José Estanco foi primeira mulher portuguesa a tornar-se arquitecta, em 1942 (Maria José Marques da Silva foi a primeira arquitecta formada pela escola portuense em 1943). As arquitectas pioneiras foram quase todas confrontadas com a arquitectura doméstica e com a decoração de interiores, quase como um prolongamento natural das tarefas femininas; para tal contribuíram os renovados interesses pela arquitectura doméstica, no final do século XIX, e o aparecimento dos manuais de economia doméstica, nos EUA, que deram novo destaque ao ambiente doméstico e concederam novas tarefas às mulheres – a ideia era conseguir uma melhor produtividade do trabalho humano (neste caso, feminino) e enfatizar a diferenciação entre o espaço público e o privado. Os anos 20 presenciaram a revolução da arquitectura moderna e um maior número de contribuições femininas; por exemplo, em 1927, Grete Schuette-Lihotsky propõe a Cozinha Frankfurt, um modelo que procura a eficácia numa superfície minimal e que equipou os apartamentos dos edificios de habitação do arquitecto Esnst May. Este projecto foi concebido como uma espécie de laboratório, algo experimental, baseado em teorias contemporâneas sobre a higiene e o fluxo de trabalho, elaborado através de esquemas detalhados de tempo-movi-

³⁶ Para uma história mais completa das arquitectas na Suíça, ver LANG, Evelyne – Les Premieres femmes architects de Suisse, 1992.

FIGURA 59 | *Why did women leave [architecture]?*, trabalho de Ann Graft-Johnson, Sandra Manley e Clara Greed, 2003. Em GRAFT-JONHSON, Ann de, MANLEY, Sandra, GREED, Clara - *Why do women leave architecture?*, May 2003, p.26.



mento e de entrevistas com donas-de-casa e grupos de mulheres³⁷. As reformas domésticas, a tecnologia moderna e o planeamento científico pretendiam libertar as mulheres da escravidão doméstica; todavia, os Salões mostravam ainda a casa como o local de trabalho da *femme moderne*.

8.1 | O palco das estudantes e arquitectas

Para se compreender os obstáculos impostos às arquitectas, tanto na profissão como na educação, é necessário perceber o cenário geral e olhar para a sociedade como um todo. Ao longo da história, o homem tem dominado em todas as áreas profissionais e do conhecimento e, na exclusão da mulher, esta é a forma mais universal de diferenciação entre os sexos visto que afecta metade da população mundial.

“As mulheres ainda estão longe de atingir a paridade em arquitectura.”³⁸

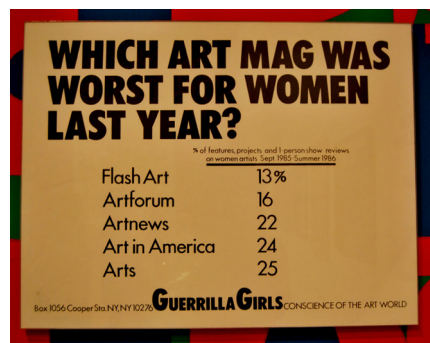
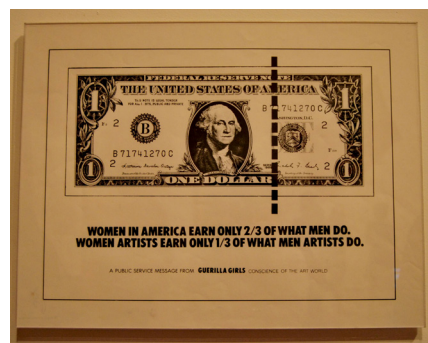
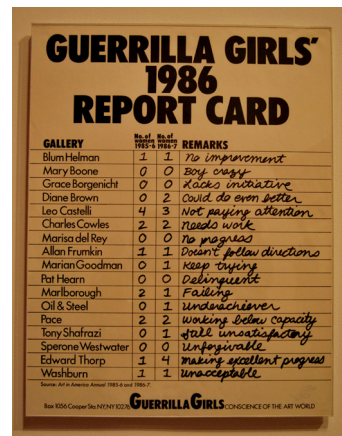
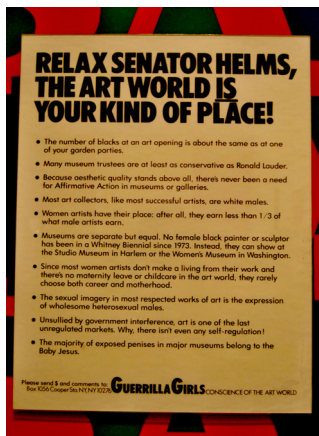
Em Portugal foi elaborado o *Relatório Profissão: Arquitecto/a* (2006), coordenado por Manuel Villaverde Cabral, resultante de um estudo promovido pela Ordem dos Arquitectos. A investigação sociológica começa por fazer um enquadramento teórico e metodológico, onde refere que a profissão ‘arquitecto’ abarca uma variedade de trajetórias de carreira, de modalidades de emprego e de tipos de actividades, numa tentativa de perceber como é que os arquitectos e as arquitectas constroem as suas identidades profissionais. Partindo da noção ‘sociologia das profissões’, os autores questionam se o universo da arquitectura corresponderá ao que, em termos anglo-saxónicos, significa ‘profissão’, ou se será o tipo ideal da profissão liberal, à moda francesa. O relatório integra a contribuição de Ana Isabel Ribeiro (2002) com um estudo para a sociologia da arquitectura em Portugal, onde expõe a alteração da ideia de arquitecto ao longo da história, descrevendo a passagem do ‘arquitecto-arqueólogo’, diluído na Sociedade dos Arquitectos Portugueses, até à ideia de ‘arquitecto-artista’ que se prolonga pelos anos 20 e 30 do século XX – é nesta proximidade com a arte que se sedimenta uma maior consciência de grupo profissional. O corpo do trabalho dedica um ponto ao factor género em arquitectura, que tem um grande peso na explicação das diferenças de situação e atitudes entre os arquitectos. Os autores referem que “ (...) embora o número de profissionais do sexo feminino tenha aumentado exponencialmente nas últimas duas décadas, esse aumento é dependente da abertura do sistema universitário e, portanto, do escalão etário, graças nomeadamente à abertura de cursos privados de arquitectura a partir de 1996.”³⁹ Em 2006, a percentagem de mulheres licenciadas em arquitectura era já superior a 50% mas a de arquitectas activas era 35.5%, clarificando o universo masculino que caracteriza a disciplina. No ano lectivo 1988/89, ano lectivo inaugural da licenciatura em arquitectura no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, inscreveram-se 67 alunos, dos quais 23 eram mulheres. Em 2010/11,

³⁷ Bruno Taut dedicou um trabalho à criatividade feminina, em 1924, intitulado *Die neue Wohnung: Die Frau als Schöpferin* (‘O novo apartamento: A mulher como criadora’), no qual promoveu o conceito profissional e racionalizado de dona-de-casa, que aceitou com amabilidade as reformas para os novos edifícios. Através de um título que causa alguma estranheza, Taut pretendia dar à mulher moderna uma quantidade razoável de controlo sobre as suas casas, no período entre as duas Guerras Mundiais; todavia, na realidade elas podiam fazer apenas o mínimo de alterações físicas no ambiente que habitavam.

³⁸ CABRAL, Manuel Villaverde, coord. – *Relatório Profissão: Arquitecto/a*, p.39.

³⁹ *Idem, Ibidem*, p.38.

FIGURAS 60, 61, 62, 63, 64, 65 | Posters seleccionados do Portfólio “Guerrilla Girls Tlak Back: The First Five Years”, 1985-90. The Museum of Modern Art Library. Fotografias de Lia Antunes, MoMa, Nova Iorque, Maio 2011.



registou-se o mesmo número de inscrições mas o número de mulheres aumentou para 37. Todavia, no quadro geral do ensino superior de 2009, a percentagem de homens a estudar arquitectura era de 56%, contra 44% de mulheres.⁴⁰ O corpo docente permanece maioritariamente masculino em quase todas as Faculdades e Departamentos de Arquitectura de Portugal - por exemplo, no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra leccionam 39 professores, 5 dos quais mulheres.

⁴⁰ Dados cedidos pelo GPEARI- Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (via email, 25 Novembro 2011).

Por um lado, o ritmo da feminização da disciplina tem sido mais lento que o de outras profissões liberais (como a advocacia e a medicina), fenómeno que se apresenta universal e que constitui o primeiro indício do encerramento sociocultural da profissão – as arquitectas são genuínas solitárias no contexto internacional e português. Por outro lado, as arquitectas demonstram percursos e perfis profissionais diferentes dos seus colegas masculinos. Apesar de elas se distinguirem por frequentarem mais pós-graduações académicas e formações profissionais, apresentam menos actividade prática durante a licenciatura, exibindo um ‘perfil mais escolástico’ e menos prático. Estes factores mostram-se relevantes para a obtenção e manutenção de um bom emprego pois “(...) os arquitectos predominam tipicamente entre aqueles que fazem arquitectura por conta própria e as arquitectas entre os que exercem a profissão como assalariados ou em regime de prestação de serviços (...) os vínculos laborais das mulheres são tipicamente mais precários do que os dos homens.”⁴¹

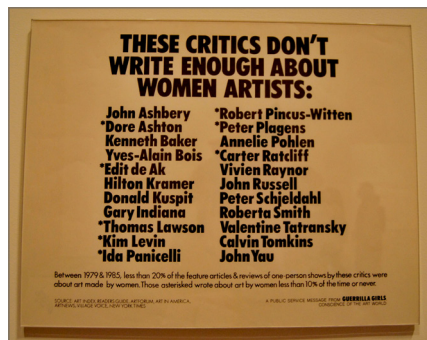
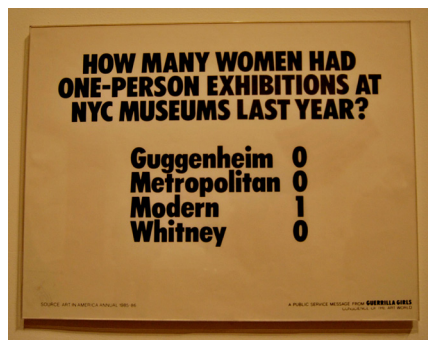
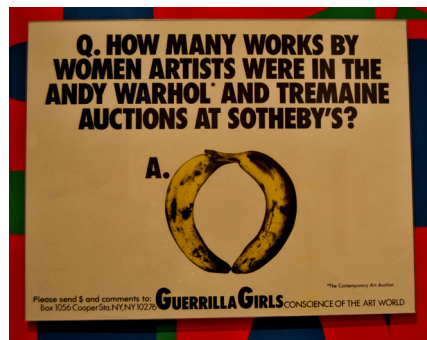
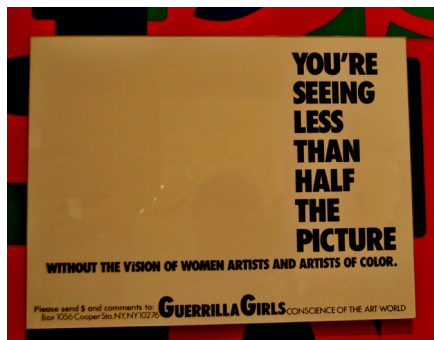
Relativamente às características de género, e não é coincidência, os arquitectos em Portugal recebem salário claramente superiores aos das arquitectas, também relacionado com ao facto de as mulheres trabalharem menos horas, acumularem menos formas de actividade e exercerem as funções menos qualificadas dentro da profissão. Na escolha da profissão, as mulheres dizem ser influenciadas pela família e pelas saídas profissionais em arquitectura, enquanto os homens são mais influenciados pelos amigos e pelo prestígio que atribuem à profissão. Estes detalhes são importantes e significativos pois o *mainstream* da profissão tende a configurar padrões e atitudes distintos: as mulheres são mais críticas em relação a esta, mais insatisfeitas com as condições em que a exercem e defendem uma evolução da arquitectura no sentido da regulamentação e da protecção ambiental, enquanto os homens se revelam menos exigentes com as condições em que projectam, mostram-se mais empreendedores mas continuam a defender a ideia de ‘arquitecto-autor’. Porém, quantas mais arquitectas estiverem envolvidas na profissão e mais influência exercerem sobre o ideal da arquitectura, mais as jovens mulheres serão encorajadas a juntarem-se à disciplina.

⁴¹ CABRAL, Manuel Villaverde, coord. – Relatório Profissão: Arquitecto/a, p.40.

Com este cenário é fácil perceber porque não têm havido ‘grandes arquitectas’. O ensaio *Why Have There Been no great Women Artists?* (1994), de Linda Nochlin tem exercido grande influência no questionamento da ausência

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA

FIGURAS 66, 67, 68, 69, 70 | Posters seleccionados do Portfólio “Guerrilla Girls Tlak Back: The First Five Years”, 1985-90. The Museum of Modern Art Library (continuação da página anterior). Fotografias de Lia Antunes, MoMa, Nova Iorque, Maio 2011.



das mulheres e do feminismo das artes e da arquitectura pois coloca a dominação masculina como uma das variadas ‘injustiças’ que devem ser ultrapassadas na criação de uma verdadeira transparência social; segundo a autora, devemos ver a ‘não-declarada’ subjugação à subjectividade masculina como uma das distorções intelectuais onde decorrem os factos históricos. A questão levantada por Nochlin, se bem formulada, pode gerar uma reacção em cadeia que modifique a situação actual destas disciplinas: “(...) the so-called woman question, far from being a minor, peripheral, and laughably provincial sub-issue grafted on to a serious, established discipline, can become a catalyst, an intellectual instrument, probing basic and ‘natural’ assumptions’, providing a paradigm for other kinds of internal questioning, and in turn providing links with paradigms established by radical approaches in other fields.”⁴² O desencorajamento e a (o)pressão a que as mulheres estão sujeitas é um problema que não pode ser visto através do ponto de vista dos grupos dominantes porque “(...) lies not in our stars, our hormones, our menstrual circles, or our empty internal spaces, but in our institutions and our education.”⁴³ A questão da igualdade e do reconhecimento não se desenvolve na má vontade do homem individual ou no nível de confiança de cada mulher, mas na natureza das estruturas institucionais e na visão da realidade que impõe. Por exemplo, entre 1979 e 2001, os prémios Pritzker foram entregues apenas a homens; em 2004, Zaha Hadid recebeu o mais prestigiado galardão em arquitectura, e em 2010, Kazuyo Sejima é a vencedora em parceria com o arquitecto Ryue Nishizawa. O prémio Pritzker começou agora a ser atribuído a mulheres arquitectas (e a arquitectos de países fora do *mainstream* arquitectónico, como Portugal), mas em comparação, as mulheres receberam o Prémio Nobel em todas as áreas do conhecimento desde cedo (Marie Curie foi a primeira em 1903). Outro exemplo é o *American Institute of Architects Golden Medal* que foi apenas entregue a arquitectos do sexo masculino, de 1907 a 2011. Em 2000, nos EUA, as conceituadas revistas *Architecture* e *Architectural Record* apresentaram editoriais onde lamentavam a situação das arquitectas na profissão e pressionavam para o fim da sua exclusão na comunidade da arquitectura. Numa sociedade dominada pelos homens, denunciaram que há muitas formas subtis de perpetuar os preconceitos contra as mulheres, de fingir ser inocente de práticas discriminatórias e de evitar tomar a iniciativa de promover as mudanças. A dificuldade do tema prende-se exactamente com a subjectividade e com um estranho encobrimento das arquitectas. Annete Fischer, ex-Presidente do RIBA (Royal Institute of British Architects) tem vindo a defender a causa das mulheres e das minorias na arquitectura com uma significativa contribuição em ‘quebrar o tecto de vidro’ suspenso sobre estes grupos. Assim, quanto mais pessoas estiverem envolvidas no *mainstream* da arquitectura como ela, cada vez menos aceitarão o estereótipo do arquitecto bem-sucedido – o *white male superstar*.

⁴² NOCHLIN, Linda – “Why Have There Been no great Women Artists?”. In **Women, Art, and Power**, p.146.

⁴³ *Idem, Ibidem*, p.150.

FIGURA 71 | *Questioning teaching practices that promote male-centered ideas of mastery and precedent*, Sherry Ahrentzen e Kathryn Anthony, 1993. Em AHRENTZEN, Sherry, ANTHONY, Kathryn H. - Sex, Stars, and Studios: A Look at Gendered Educational Practices in Architecture, Setembro 1993, p.16.

FIGURA 72 | *Questioning teaching practices that devalue diversity or stigmatize difference*, Sherry Ahrentzen e Kathryn Anthony, 1993. Em AHRENTZEN, Sherry, ANTHONY, Kathryn H. - Sex, Stars, and Studios: A Look at Gendered Educational Practices in Architecture, Setembro 1993, p.19.

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA

QUESTIONING TEACHING PRACTICES THAT PROMOTE MALE-CENTERED IDEAS OF MASTERY AND PRECEDENT

Are women's contributions (as individuals, as part of a team, or as an association or group) to the built landscape acknowledged? In our curriculum, do we reference buildings, parks, places, and so on that are not only designed by women, but also promoted, programmed, financed, or advocated by them?

Do we take into account contributions and achievements of women and men relative to the traditions and genres of the times and cultures in which they lived?

Are examples and anecdotes drawn from the lives of both men and women?

In our curriculum, do we exclude regions, countries, time periods, building types, and settings in which women made significant contributions to the built landscape?

Do we focus too narrowly on the process of creating our built environment? Do we implicitly suggest that clients, epochs, patrons, users, developers, etc. constrain or contribute to the formation of the built landscape?

Do we critically assess how gatekeepers (instructors, texts, magazine editors, and so on) label or identify what is considered to be a commendable building, landscape, architect, creator, contributor, or place?

QUESTIONING TEACHING PRACTICES THAT DEVALUE DIVERSITY OR STIGMATIZE DIFFERENCE

Do we talk about and judge buildings or actions by referencing masculine and feminine attributes? Do we explain to our students the meanings behind such attributions?

Do we allow for multiple avenues for learning, knowing, and creating?

Do we provide students the opportunity to choose different instructional and learning modes?

Do we form stereotypes of female students? of male students? of their work?

Do we question the basis for our perceptions of differences between men and women?

8.2 | Experiências educacionais em arquitectura

Sherry Ahrentzen e Kathryn Anthony indicam que o sistema educacional da arquitectura tem prestado pouca atenção às dinâmicas de género no escritório, na sala de aula ou mesmo no currículo, e ressaltam a importância de se reverem os métodos pedagógicos. No artigo “Sex, Stars, and Studios: A Look at Gendered Educational Practices in Architecture” (1993), as autoras mostram de que forma a teoria e a história da arquitectura são disciplinas que enfatizam a construção de género do passado, no qual as arquitectas e as suas contribuições ainda não têm lugar definido. O desenvolvimento e o ensino da disciplina apoiam-se no *star system*, no currículo dos ‘grandes mestres’ e das suas grandes obras; assim, as autoras notam que “Architectural gatekeepers focus their lens on the single, shining stars and not the constellations composed of planets. Consequently, students, and the general public, receive an unrealistic view of the profession.”⁴⁴ Como já foi referido, o pequeno número de arquitectas mencionadas nos textos de história e teoria da arquitectura reflecte que, por um lado, elas tiveram menos oportunidades de receber uma educação arquitectónica (e, consequentemente, poucas participaram na disciplina), por outro, a colaboração nos projectos ainda não consta do ‘fazer boa arquitectura’. No entanto, têm surgido propostas que procuram novas formas de pensar a arquitectura, o espaço, o corpo, a sexualidade e o poder – por exemplo, Elizabeth Grosz desafia o ‘falocentrismo’ nas teorias de planeamento urbano na revelação da masculinidade inerente à noção de universal ou do ser-humano genérico. As autoras criticam também a questão da aprovação do projecto (académico) por um júri na medida em que é um processo tradicional, hierárquico e que promove a competição, e comentam o recente ambiente nas escolas, onde a maior parte dos alunos são mulheres e a maioria do corpo docente é ainda composto por homens. Quando Michel Toussaint (1983) fala da distinção moderno/pós-moderno em arquitectura refere que “(...) o Arquitecto [instituído como masculino] não controla a produção da Arquitectura mas apenas uma reduzida percentagem dominando, no entanto, o ensino oficial da arquitectura bem como todo o aparelho divulgador da cultura especializada (revistas, jornais, etc.)”⁴⁵

O tema da educação em arquitectura tem sido desenvolvido por vários autores e perspectivas. Por exemplo, Mary McLeod refere que as aulas sobre ‘arquitectura e género’ foram retiradas, ou nunca foram incluídas, nos currículos de arquitectura, tendo sido recentemente substituídas por outras como a sustentabilidade, a digitalização e a globalização. Anne Vytlačil aponta as formas subtis de sexismo a que as mulheres estavam e estão sujeitas nas escolas de arquitectura, sugerindo que as arquitectas abordam os temas do desenho e do espaço com grande flexibilidade e atenção às suas implicações sociais.⁴⁶

Outros estudos historiográficos têm vindo a mostrar casos particulares

44 AHRENTZEN, Sherry, ANTHONY, Kathryn H. 101 | 102
– “Sex, Stars, and Studios: A Look at Gendered Educational Practices in Architecture”, p.15.

45 Cit. por RODRIGUES, José Manuel, coord. – **Teoria e Crítica de Arquitectura - Século XX**, p.812.

46 Ver VYTČIL, Anne – “The Studio Experience: Differences for Women Students”. In **Architecture: A Place for Women**, pp.261-269.

FIGURA 73 |

As estudantes da Bauhaus (sem data).

Gertrud Grunow (1870-1944), Helene Börner (1870-1938), Ida Kerkovius (1879-1970) e Gunta Stölzl (1897-1938).

Cerâmica: Margarete Marks (1899-1990) e Marguerite Friedländer-Wildenhain (1896-1985).

Pintoras, designers gráficas e escultoras: Ilse Fehling (1896-1982), Friedl Dicker-Brandeis (1898-1944) e Lou Scheper-Berkenkamp (1901-1976).

Designers de interiores, mobiliário, brinquedos e objectos de metal: Lilly Reich (1885-1947), Alma Siedhoff-Buscher (1899-1944) e Marianne Brandt (1893-1983). Fotografia: Florence Henri (1893-1982), Grete Stern (1904-1999), Ise Gropius (1897-1987) e Lucia Moholy (1894-1989). Fotografia de Bauhaus Archive, Berlim.

Disponível online em WWW:<URL:<http://netlexfrance.free.fr/gallery/index.php?showimage=3491>>. [Consult. em 22 Mai. 2012]

FIGURA 74 |

WSPA: a expressão da política como um dos pontos de partida do funcionamento da escola, 1975.

Disponível online em WWW:<URL:<http://www.cluster.eu/2011/04/21/spatial-agency-a-conversation-with-tatjana-schneider-on-architecture-as-a-quietly-revolutionary-practice/>> [Consult. em 22 Mai. 2012]

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA

de escolas de arquitectura, sobretudo no contexto ocidental que ou excluíram a mulher enquanto estudante ou se focaram na procura de novos paradigmas académicos. A *Bauhaus* (1919-1933) representa uma das construções pedagógicas mais notórias do século XX; Walter Gropius, o mais importante director da escola alemã, pretendia a ‘construção do homem moderno’ através de uma nova identidade disciplinar conseguida pela reprodução institucional e propagandística. Todavia, este sistema identitário constituído por professores e alunos criou uma utopia, na qual as mulheres tinham uma posição secundária. As estudantes não podiam ser admitidas no curso de arquitectura e, apesar de ultrapassarem diversos obstáculos na admissão à escola, eram enviadas para a tecelagem ou cerâmica. Gropius afirmou no primeiro discurso na escola que a experiência de vida dos estudantes tornava-os melhores artistas que as colegas mulheres, criando uma imagem de artista (e, por extensão, de arquitecto) a partir do paradigma masculino. A experiência educacional americana, denominada *Cambridge School* (1915-1942), dedicou-se à formação exclusiva de mulheres num país que as rejeitava constantemente das escolas de arquitectura. Com um foco inicial na arquitectura doméstica, a aprendizagem evoluiu rapidamente e o director Henry Frost depressa reconheceu que as estudantes conseguiam elaborar qualquer projecto de arquitectura. Apesar de uma certa relutância inicial, Frost estava decidido a formar mulheres para trabalharem efectivamente em arquitectura e não apenas para oferecer um aperfeiçoamento cultural que satisfizesse anseios intelectuais. Em 1942, a escola foi fechada e, desde então, Harvard começou a aceitar alunas em arquitectura.⁴⁷ Leslie Kanes Weisman recorda a experiência da *Women’s School of Planning and Architecture*⁴⁸ (WSPA, 1975-1981), da qual foi fundadora com outras arquitectas, como Ellen Perry Berkeley. O projecto educacional e social da escola baseava-se num currículo que variava todos os anos, conforme os interesses das novas alunas, através do espírito cooperativo e não-hierárquico que lhe esteve subjacente:

“The point of feminist education is not so much the delivery and understanding of academic subject matter, but rather the collective process through which each woman is better able to define life and change it. Feminist education (...) begins with defining the self and the community to which the self belongs. Feminist education means searching to fully understand the social forces that have shaped our individuality, and then locating that self in the world, understanding the true nature of the ‘we’ that each self feels herself a part of.”⁴⁹

8.3 | Percepções profissionais

“I cannot, in whole conscience, recommend architecture as a profession for girls. I know some women who have done well at it, but the

⁴⁷ Para um estudo detalhado das duas escolas ver LIMA, Ana Gabriela Godinho - **Reverendo a História da Arquitectura: uma Perspectiva Feminista** (2004).

⁴⁸ Para um estudo detalhado da WSPA ver WEISMAN, Leslie Kanes - “A Feminist Experiment: Learning from WSPA, Then and Now”. In **Architecture: A Place for Women**, pp.125-133.

⁴⁹ WEISMAN, Leslie Kanes - “A Feminist Experiment: Learning from WSPA, Then and Now”. In **Architecture: A Place for Women**, p.129.

obstacles are so great that it takes an exceptional girl to make a go of it. If she insisted on becoming an architect, I would try to dissuade her. If she was still determined, I would give her my blessing – she could be an exceptional one.”⁵⁰

Se considerarmos que a arquitetura é uma construção social, então podemos reflectir sobre o que a ausência sintomática da mulher na profissão sugere sobre a cultura ocidental e os princípios que regulam a produção do espaço e da disciplina: “(...) the absence of either sex from a large constituency must indicate some internal crisis in which gender plays a crucial role, the absence of women from the profession points to a profound gender-related crisis at the base of architecture.”⁵¹ Denise Scott Brown nota a complacência de jovens mulheres que experienciaram um evidente sexismo⁵² durante o período de formação escolar ou no início da prática profissional e sugere que as discriminações manifestam-se sobretudo até ao meio da carreira arquitectónica. Cita a sua própria experiência como arquitecta e companheira de Robert Venturi: “In the last twenty years, I cannot recall one major article by a high price critic about a woman architect (...) For a few years, writes on architecture were interested in sexism and the feminist movement and wanted to discuss them with me. In joint interview, they would ask Bob about work and question me about my ‘woman’s problem’. ‘Write about my work!’ I would plead, but they seldom did.”⁵³ Sobretudo durante o século XX, várias equipas de arquitectura eram formadas em parceria, muitas vezes entre marido e mulher, mas a inserção da mulher na profissão foi ocultada da história⁵⁴ atrás do pano do ‘arquitecto-herói’ e do constrangimento de ser ‘a mulher do arquitecto’ - casos como Frank Lloyd Wright/Marion Mahony, Aino Marsio/Alvar Aalto, ou Mies van Der Rohe/Lilly Reich.

O que diria Peter Zumthor ou Frank Gehry se lhes perguntassem como conseguem conciliar a profissão de arquitecto com a família e os filhos (se é que os têm)? Nunca se irá saber porque ninguém lhes fará esta pergunta – nem a outro arquitecto. Haverá poucos arquitectos que precisam de escolher e, se optarem por formar família, será porque têm alguém que apoia e controla essa parte da vida privada, pois exercer o direito de desenvolver o seu próprio trabalho sem outras preocupações e dispor de tempo necessário para tal, são princípios dos quais a maioria dos homens nunca abrirão mão. Assim, as conquistas sociais da suposta emancipação profissional da mulher surgem ainda como uma imagem distorcida e turva que tende a oscilar entre a profissional estéril e a dona-de-casa fértil – há uma grande dificuldade em relacionar o trabalho, que se pretende a tempo inteiro, com a maternidade. Consequentemente, muitas arquitectas optam por uma carreira académica, na tentativa de conseguir conciliar a vida privada com a profissional (que pode incluir, além da pedagogia, a investigação e o trabalho teórico); todavia, Kullack refere que:

⁵⁰ Belluschi cit. por BERKELEY, Ellen Perry, ed. lit. – **Architecture: A Place for Women**, p.xvii.

⁵¹ HUGHES, Francesca, ed. lit. – **The Architect: Reconstructing her practice**, p.xi.

⁵² Ver BROWN, 105 | 106
Denise Scott – “Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture”. In **Architecture: A Place for Women**, pp.237-246.

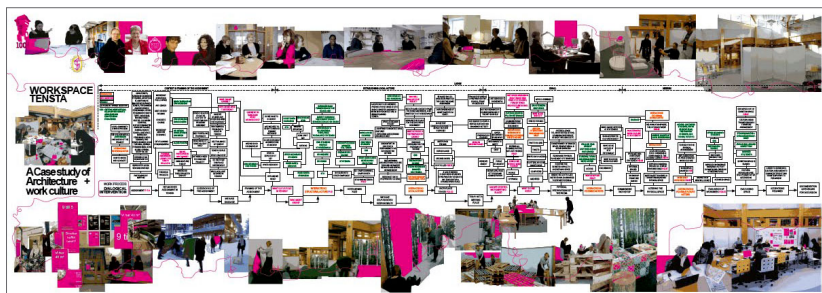
⁵³ *Idem, Ibidem*, p.245.

⁵⁴ Ver OUROUS-SOFF, Nicolai – “Keeping houses not building them”, New York Times (31 October 2007).

FIGURA 75 | FATALE, 26 Abril 2010. Noite de discussão sobre teorias e práticas feministas relativas à arquitectura e às relações de poder. Disponível online em WWW:<URL:http://www.fatale.nu/> [Consult. em 22 Mai. 2012]

FIGURA 76 | *Critical Studies Design Studio*, 2010/11. “[this presentation] engages in critical and feminist strategies for the production of architecture and design. Subversive and dialogical design and research practices are applied to specific themes and/or locations in the four courses: *Feminist Design Tools*, *Dialogical Interventions*, *Participatory Mapping*, and *Altering Practices*. (...) the notion of an altering practice, both in terms of understanding the change of existing conditions that each architectural project can bring about, and in terms of understanding how one’s own future practice as an architect can be conducted in such away as to actively engage in social transformation.” Disponível online em WWW:<URL:http://www.fatale.nu/2010/08/critical-studies-design-studio.html> [Consult. em 22 Mai. 2012]

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA



“(…) women used to play little or no part in the creation of the structures, which they are subjected to – particularly within the academic world. As a result women usually fit less accurately into those structures, and are less likely to fulfill the quality standards defined by them, which serve to preserve and establish such system; therefore women are less present within them. This phenomenon has been adequately described as ‘homo-social reproduction’ – the tendency of the decision-maker to pick those who are similar to themselves often prevents women and minorities from getting into positions which have the authority for the relevant restricting.”⁵⁵

Neste contexto surge, por exemplo, o grupo FATALE (que integra o núcleo de investigação da KTH Royal Institute of Technology) constituído por investigadores e professores de arquitectura que trabalham dentro e através da teoria da arquitectura feminista - uma prática crítica na qual o género actua como categoria analítica, muitas vezes através do cruzamento com outras relações de poder. O objectivo deste colectivo é aumentar a consciencialização e o conhecimento sobre o efeito das percepções de género na arquitectura – no modo como são formadas e promovidas no âmbito da educação (e depois reproduzidas e mantidas na vida profissional) – e no efeito que a arquitectura, enquanto ambiente construído, produz sobre as percepções de género.

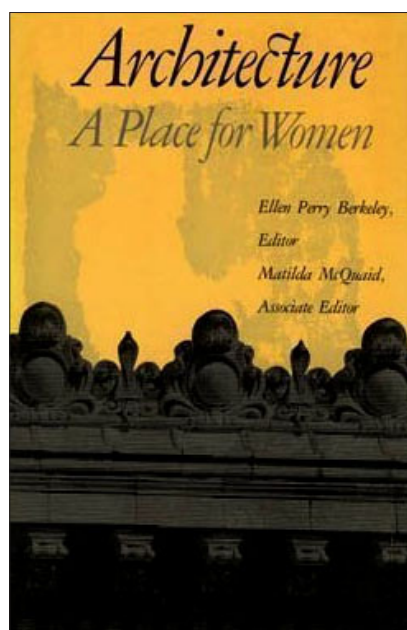
Sobre as condições da profissão, Barbara Bestor nota a ausência da participação feminina nos grandes projectos de arquitectura, como os auditórios ou os museus, e comenta a importância da politização sobre este tema nas escolas pois, segundo a sua experiência pessoal: “We started a Women in Architecture group, mainly because almost all of our faculty were men, except a couple who were the much younger girlfriends of the male professor. It was a depressing message for the female students. We also looked around for female-led offices and of course there weren’t many.”⁵⁶ Neste contexto, têm surgido diversas experiências de escritórios cooperativos, compostos essencialmente por arquitectas, como Matrix, muf e Liquid Incorporated (Londres). Por exemplo, o trabalho de Matrix (iniciado em 1978 pelo *Feminist Design Collective*)⁵⁷ baseou-se na abordagem feminista da arquitectura nos anos 80 e desenvolveu uma forma de desenhar e pensar os edifícios em conjunto com as clientes, cujos valores e sentimentos eram essenciais em cada etapa do projecto. As propostas destes grupos para renovados processos de projecto pretendiam dar prioridade ao desenho e às ideias sobre o espaço, em detrimento das preocupações estéticas; implicitamente, estes trabalhos formaram críticas aos valores do sistema arquitectónico (e, consequentemente, à própria posição do arquitecto e à definição da arquitectura), e sugeriam que as arquitectas têm diferentes objectivos, conseguidos com diferentes abordagens ao espaço e à vida.

⁵⁵ KULLACK, Tanja, ed. lit. – *Architecture: A Woman’s Profession*, p.8.

⁵⁶ BESTOR, Barbara – “On Success and Career and Conditions Therefore”. In *Architecture: A Woman’s Profession*, p.120.

⁵⁷ Ver BRADSHAW, Frances – “Working with Women”. In *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*, pp.282-294, e MATRIX – *Making Space: Women and the Man Made Environment*.

FIGURA 78 |
Capa do livro
*Architecture: A
Place for Women*,
ed. por Ellen P.
Berkeley, 1989.
Disponível online em
WWW:<URL:http://
www.amazon.
com/Architecture-
-Place-Ellen-Perry-
-Berkeley/dp/ima-
ges/0874742315>
[Consult. em 22 Mai.
2012]



9 | Literatura: entre a arquitectura e a mulher, a história e a crítica

Tal como os textos explorados no primeiro capítulo da tese, as antologias que têm revelado a presença das arquitectas são compostas por discursos diversificados que investigam tanto o papel que a mulher pode ter na arquitectura como o significado da profissão para as arquitectas. A crítica à linguagem de género aplicada à arquitectura e a ausência da mulher da sua prática é muitas vezes contrariada e combatida com o argumento de que não se pode julgar o passado e a história com os ideais standards do presente; todavia, a ideia é falaciosa pois o que foi escrito constitui a história de um discurso que, frequentemente, tem uma grande influência na forma como actualmente se pensa e estuda arquitectura.

É difícil expor o cenário geral da literatura que tem sido produzida sobre o tema devido à forte componente multidisciplinar e ao alargado número de autores e autoras. Perante a dificuldade de analisar em detalhe suficiente a diversidade de abordagens e de estudos de caso, é importante mostrar o que tem sido dito e através de que metodologia. As investigações sobre a participação das mulheres na arquitectura são geralmente feitas pela experiência colectiva – a contribuição da análise feminista afasta-se de estudos de caso individuais e foca-se noutros tipos de interacção da mulher com a disciplina. Como nota Cheryl Buckley, “The monograph, the primary method used by historians to focus on the designer, is an inadequate vehicle for exploring the complexity of design production and consumption.”⁵⁸ Estes trabalhos têm tentado fazer algo mais do que apenas acrescentar casos e obras de arquitectas às narrativas masculinas, como repara Ellen Thomson “(...) ‘redressing’ past inequalities in the design and design history professions by ‘recovering’ women ‘pionners’ and arguing for their centrality to the history of design (...) writing biographies of individual women designers will do little help people today understand the ubiquity and persistence of gender bias in the past.”⁵⁹ Frequentemente, os trabalhos apresentados mostram uma abordagem mais profunda do tema, problematizando o que realmente significa o desenho e o projecto em arquitectura e o que implica a perspectiva feminista na disciplina:

“Central to a feminist critique of design history is a redefinition of what constitutes design (...) if a feminist approach to women’s design production is to be articulated, it must across these exclusive definitions of design and craft (...) To exclude craft from design history is, in effect, to exclude from design history much of what women designed.”⁶⁰

9.1 | Architecture: A Place for Women (1989)

Editado por Ellen Perry Berkeley e com a associação de Matilda McQuaid, *Architecture: A Place for Women* é um livro composto por vinte e dois breves ensaios escritos por vinte mulheres e dois homens – arquitectos, historiadores

⁵⁸ Cit. por GORMAN, Carma R. – “Reshaping and Rethinking: Recent feminist scholarship on design and designers”, p.73.

⁵⁹ Cit. por *Idem*, *Ibidem*, p.76.

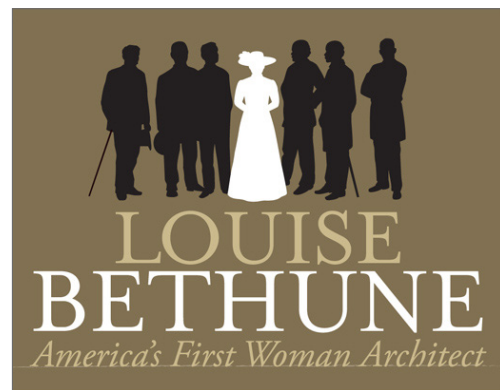
⁶⁰ Ellen Perry Buckley cit. por *Idem*, *Ibidem*, p.78.

FIGURA 79 |
Jennie Louise Bethune (1856-1913), primeira mulher aceita no American Institute of Architects em 1888 e primeira Fellow do mesmo instituto em 1889. Em BERKELEY, Ellen Perry, ed. lit. - *Architecture: A Place for Women*, p.16.

FIGURA 80 |
Cartaz para uma exposição na Buffalo e Erie County Historical Society que celebrou a vida de Louise Bethune como a primeira arquiteta dos EUA, 16 Novembro de 2011 até Março 2012. Disponível online em [WWW:<URL:http://inkwellstudiosblog.blogspot.pt/2011/09/looise-bethune.html>](http://www.inkwellstudiosblog.blogspot.pt/2011/09/looise-bethune.html) [Consult. em 24 Mai. 2012]

FIGURA 81 |
Hotel Lafayette (1902-1904), Buffalo, Nova Iorque - arquiteta Louise Bethune. O edifício esteve gravemente deteriorado durante os anos 80 mas continuou a ser a obra-chave da carreira de Bethune. Disponível online em [WWW:<URL:http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1406368>](http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1406368) [Consult. em 24 Mai. 2012]

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA



de arquitectura e paisagismo, professores (de história e de estudos da mulher) e bibliotecários – que celebram o centenário da eleição de Louise Bethune como primeira arquitecta e *Fellow* do American Institute of Architects (AIA), que tem sido lembrada não tanto pela sua arquitectura mas por ser mulher, cujos padrões permaneceram no pós-moderno e no ‘pós-feminismo’ nos EUA.

Na introdução, Ellen Berkeley expõe o cenário geral da entrada e posições das arquitectas nos EUA e refere que “(...) what is operating here is a double standard: men are expected to be competent while women are expected to be outstanding.”⁶¹ Com base nos novos conhecimentos e paradigmas indicados pela editora, o passo em frente será dado quando as arquitectas e as suas obras - construídas, desenhadas ou escritas - sejam apreciadas e aceites da mesma forma que as dos homens, independentemente do número e do sexo dos profissionais serem assimétricos, e defende uma profissão igual para homens e mulheres (mais importante do que uma profissão feita por excelentes profissionais). A dificuldade de ser mulher e profissional de arquitectura, o valor da segregação por sexo ou a educação arquitectónica de mulher-para-mulher numa área dominada pelos standards masculinos de criatividade individualista, o tema das diferenças psicossociais e sexuais como factos ou ficção e a sua relevância numa arquitectura humanista, são diversos assuntos escritos na primeira pessoa pelos contribuidores do livro. Berkeley começa por questionar o que é que as mulheres podem trazer para a arquitectura e se elas, as arquitectas, estão envolvidas numa perseguição ou procura essencialmente feminina que vá além da ligação histórica da ‘arquitectura de cavalheiros’. Joan Goody levanta questões sobre o papel e atributos das arquitectas e refere que, embora a maioria dos arquitectos sejam homens, estes têm vindo a desempenhar um ‘papel feminino’ na relação com os poderosos clientes e possuem tanto as características tradicionalmente femininas – sensibilidade, criatividade artística, até maleabilidade – como as suas falhas – eles também são temperamentais e gastadores. Goody pergunta o que acontece quando a mulher assume o papel do arquitecto (masculino, apesar da essência feminina), e o que sucede ao pedido do cliente, que quer fazer acontecer ‘um pouco de magia’: “(...) the woman’s approach, which involves ‘a willingness to discuss the options, evaluate the choices, demystify the process, and share the decisions’, serves to undercut the authority of the woman architect – making architecture seem to be something ‘anyone can do’.”⁶²

O livro está dividido em quatro partes, referentes a quatro abordagens sobre a perspectiva e a história das arquitectas. Os primeiros dois capítulos, “Researching the Past” e “Recounting Personal Involvement”, definem as comunidades e as mulheres dos séculos XIX e XX, comprometidas com a história, com a criação de edifícios e com o desenho do ambiente envolvente. Estas personalidades eram amadoras entusiastas como a preservacionista ‘Miss Sue of Char-

⁶¹ BERKELEY, Ellen Perry, ed. lit. – *Architecture: A Place for Women*, p.xvii.

⁶² Goddy cit. por *Idem, Ibidem*, p.xxiii.

leston' (artigo de Sydney R. Bland), intuitivas desenhadoras que desenvolveram esquemas para melhorar a casa e a família (como as avós de Adele Chatfield-Taylor), ou pioneiras, como Louisa Tuthill, autora da primeira história da arquitectura dos EUA, em 1848 (por Lamia Doumato). Em "Caught in the Crossfire: Women and Architectural Education, 1880-1910", Elizabeth Grossman e Lisa Reitzes confrontam a ascensão da AIA com a simultânea nova imagem do arquitecto e o *status* profissional. A institucionalização do 'arquitecto cavalheiro' e o poderoso fenómeno da Academia (da arquitectura) versus a experiência prática (dos construtores) serviu para esconder e excluir ainda mais as mulheres da realização e aceitação no domínio da profissão arquitectónica. Louise Hall (estudante no MIT na década de 30) e Dorothy May Anderson (aluna da Cambridge School em 1933) recordam os esquemas académicos de ambas as escolas e as comunidades de estudantes femininas. Com o artigo "A Feminist Experience", Leslie Kanés Weisman faz uma avaliação da Women's School of Planning and Architecture (1975-1981), da qual Ellen Berkeley também foi fundadora, iluminando a perspectiva unificada e a proposta fundamental subjacentes a esta teia de ensaios celebrativos.

O feminismo ou está explicitamente aprovado ou implicitamente ausente das investigações apresentadas no livro – o contexto feminista do fim dos anos 80 do século passado deve ser entendido não tanto como uma posição política mas como uma metodologia ou estilo de vida. Nas terceira e quarta partes, "Suggesting Various Possibilities" e "Envisioning Future Roles", propõem-se novas perspectivas para a arquitectura, outras direcções para o futuro da profissão e novos processos, nos quais a mulher possa alterar o seu papel de musa para o herói criador e assumir finalmente a actividade criativa. Mimi Lobell recua milhares de anos até às sociedades primitivas na tentativa de trazer a imagética feminina das culturas pré-históricas para a reformulação da arquitectura – e até para a possibilidade de uma arquitectura feminina. Gail Lee Dubrow comenta o feminismo dos anos 80 que revelou não só as casas projectadas por arquitectas como também os espaços relacionados com as experiências quotidianas das mulheres ao longo da história (os espaços que as mulheres ocuparam no mundo masculino e os elementos do ambiente que foram criados, definidos e usados por elas). Diane Favro articula a questão da publicidade e das revistas e a forma como estas mostram a interacção da mulher com a arquitectura, e Karen Franck espera que, no futuro, a disciplina tenha uma abordagem mais próxima das necessidades humanas e especula sobre a contribuição das arquitectas nesta área, sugerindo que as formas como a mulher conhece e reage no mundo podem alterar o desenho e a investigação da arquitectura. Na última parte do livro, Chloethiel Smith considera a possibilidade de, durante muitos anos, se terem classificado as mulheres como *women architects*⁶³ e não como *architects*, na medida em que "Fragmen-

⁶³ Neste caso, o inglês funciona de forma diferente do português pois não há diferenciação quanto ao género da palavra 'architect'.

FIGURA 82 |
Capa do livro
*Women and the
making of modern
house: A social
and architectural
history*, de Alice T.
Friedman (1998).
Disponível online em
WWW:<URL: <http://yalebooks.co.uk/display.asp?K=9780300117899>> [Consult.
em 24 Mai. 2012]

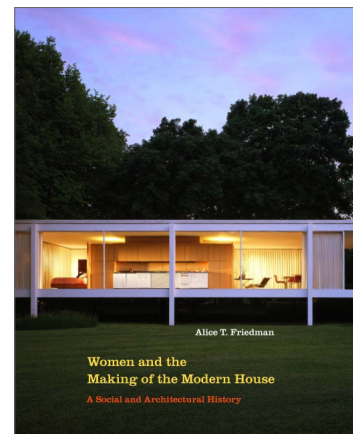


FIGURA 83 |
Hollyhock House,
Frank Lloyd
Wright para Aline
Barnsdall (colabo-
ração de 1915-23).
Planta do piso
térreo, 1920. Dis-
ponível online em
WWW:<URL: <http://www.arc-design.com.au/Intro%20Psych-Arch.htm>>
[Consult. em 24 Mai.
2012]

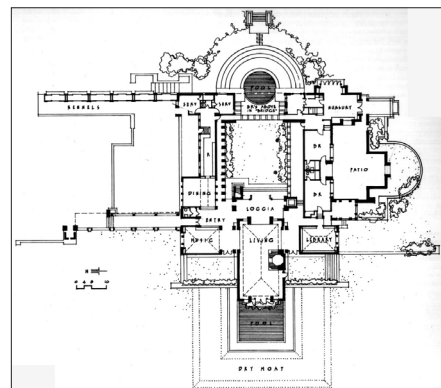


FIGURA 84 |
Hollyhock House,
Frank Lloyd
Wright para Aline
Barnsdall, Los
Angeles, 1919-21.
Disponível online em
WWW:<URL: <http://www.arc-design.com.au/Intro%20Psych-Arch.htm>>
[Consult. em 24 Mai.
2012]



tation of the profession into categories based on sex (or race, color, creed, or previous condition of servitude) seems wrong to me. I do not believe it will serve the profession as a whole or the best interests of the individual members.”⁶⁴ Rochelle Martin considera a arquitectura um caminho difícil para as mulheres mas sugere que o questionamento do papel arquitecta na profissão pode levantar as vozes dos que estão à margem do centro da disciplina e pode produzir um ‘novo profissional’, com outras perspectivas. Denise Scott Brown descreve este percurso difícil em diversas etapas da sua carreira e formula uma interpretação, embora especulativa, baseada no sexismo dentro da arquitectura. No último texto, Anne Vytlačil trata as diferenças sentidas pelas estudantes do sexo feminino e propõe, em “The Studio Experience”, uma vantagem competitiva para as mulheres sobre os homens na ‘indústria de serviços’ em que arquitectura se tornou. As mulheres, como Vytlačil refere, trazem uma grande flexibilidade para a disciplina e uma consciência, tolerância e crítica sociais, novas necessidades e ramificações - há outra amabilidade e uma boa vontade em alterar e adaptar novos paradigmas.

⁶⁴ SMITH, Chloethiel Woodard – “Architects without Labels : The case against all special categories”. In *Architecture: A Place for Women*, p.221.

9.2 | Women and the making of modern house (1998)

As habitantes e as clientes invisíveis

Alice T. Friedman produziu uma obra escrita sobre arquitectura que, além de informativa, é provocadora e bastante amável, capaz de oferecer novos paradigmas sobre a maneira como se descrever e se pensa a disciplina, ao mesmo tempo que é profundamente académica e tão convincente e agradável quanto um bom romance. De forma inovadora, a autora investiga a participação e a influência de ‘mulheres mecenas’ que foram catalisadoras fundamentais no desenvolvimento de obras-chave da arquitectura ocidental. Partindo da análise de casas emblemáticas como *Hollyhock House* (1915-23, Frank Lloyd Wright para Aline Barnsdall), *Schröder House* (1923-24, Gerrit Rietveld para Truus Schröder), *Villa Stein-de Monzie* (1926-28, Le Corbusier para a família Stein), *Farnsworth House* (1945-51, Ludwig Mies van der Rohe para Edith Farnsworth), *Perkins House* (1952-55, Richard Neutra para Constance Perkins), *Vanna Venturi House* (1961-64, Robert Venturi para Vanna Venturi), Friedman explora o resultado de desafiantes atitudes e de modos de vida não-convencionais no pensamento arquitectónico e nos próprios arquitectos. Detalhados retratos - a partir de cartas pessoais, diários, registros de escritório, álbuns de fotos e entrevistas dos clientes e arquitectos - revelam as colaborações e as negociações, as paixões privadas e as lutas que as mulheres e homens de talento e criatividade trouxeram para os projectos, e sugerem que os contextos cultural, artístico e pessoal estão patentes em cada casa. O espaço doméstico nutre o sentido do ‘eu’, incorpora as noções da vida familiar íntima mas também pode servir de espaço de convívio mais ou menos público – explora-se a complexa relação entre o século XX e a domesticidade.

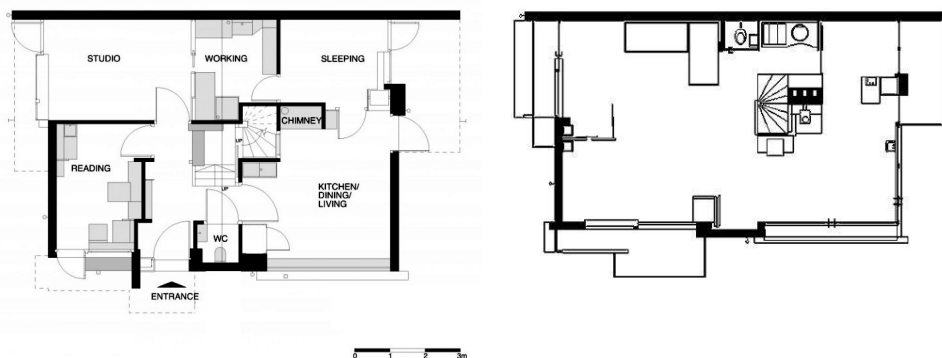
FIGURA 85 |
 Truus Schröder
 (1889-1985) e
 Gerrit Rietveld
 (1888-1964).
 Disponível online em
 WWW:<URL: <http://www.telegraph.co.uk/property/interiorsandshopping/7036984/Interior-design-The-Schroder-House-in-Utrecht.html>>
 [Consult. em 24 Mai. 2012]

FIGURA 86 |
Schröder House,
 Gerrit Rietveld,
 Utrecht, Holanda,
 1923-24. Dispo-
 nível online em
 WWW:<URL: <http://thearchitectureprogram.com/?tag=favorite-places>> [Consult. em 24 Mai. 2012]

FIGURA 87 |
Schröder House,
 Gerrit Rietveld.
 Planta do Piso
 Térreo. Dispo-
 nível online em
 WWW:<URL: <http://zeospot.com/old-house-renovation-rietveld-schroder-house-by-gerrit-rietveld/rietveld-schroder-house-ground-floor-plan-architecture-design/>> [Consult. em 24 Mai. 2012]

FIGURA 88 |
Schröder House,
 Gerrit Rietveld.
 Planta do 1º Piso. v
 Disponível online em
 WWW:<URL: <http://zeospot.com/old-house-renovation-rietveld-schroder-house-by-gerrit-rietveld/rietveld-schroder-house-floor-plan-design/>> [Consult. em 24 Mai. 2012]

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA



dade. Juntos e, por vezes, apesar de si mesmos, estes conceitos iluminam o papel central que a classe média e as mulheres desempenharam no desenvolvimento da arquitectura modernista e pós-modernista, sobretudo nos EUA. Friedman nota que, ainda hoje, as mães profissionais que trabalham com arquitectos na elaboração das suas próprias casas colocam a área de trabalho principal no centro, a cozinha ou o escritório, de modo poderem monitorizar as actividades da casa e dos filhos - chama a isto 'o olho do maternal', que pode ter alterado o desenho da arquitectura doméstica do último século. Frank Lloyd Wright, desde os projectos para as *Prairie Houses*, no início do século XX, foi sensível ao modo como os pais e as crianças interagem e quebrou a complexa rede de 'salas de vitorianas', substituindo-as por espaços mais fluidos que permitem novos tipos de (inter) acção.

Truus Schröder era uma jovem viúva com três filhos e com uma visão moderna da vida família – as suas ideias determinadas sobre a natureza dos materiais modernos e do desenho arquitectónico também se estendiam à filosofia de uma educação progressista. O conjunto da casa acabou por reflectir as personalidades da cliente e do arquitecto e a natureza da colaboração entre ambos (que continuou com outros projectos nos anos 20 e 30); Gerrit Rietveld ainda não tinha construído uma casa e tinha aqui a oportunidade de experienciar um ambiente moderno total (quase como um laboratório), e Schröder era uma mulher de ideias fortes que sabia como e onde queria viver. Através de uma nova concepção do espaço doméstico, as paredes e o chão coloridos, a composição rectangular e iluminada, e a estreita ligação entre a arquitectura e o mobiliário, criaram um ambiente onde se tem a sensação de liberdade e de escolha; "(...) one must construct an environment as one constructs a way of life - thoughtfully and deliberately (...) malleable space all things seem possible. The human body, a living organism in a man-made environment, takes on new importance, just as Rietveld's chairs and other furniture become focal points of attention, demanding to be analyzed, disassembled, and reassembled."⁶⁵ Aliado à vontade de materializar as ideias do grupo *De Stijl* e à criatividade de Rietveld, Schröder, como cliente, desenhadora e feminista, ajudou a moldar e a definir a direcção da arquitectura e a consciência modernas:

"(...) the new architecture was anti-cubic and asymmetrical, active rather than passive, with no 'dead spaces' or repetitions. Color played an integral part in the design: used 'organically' rather than decoratively, color contributed to the creation of an harmonic whole, an esthetic composition conceived 'without prejudice to utilitarian demands' (...) Through her architecture and design Schröder was thus able to integrate feminist ideas into the modernist program, using her house as a laboratory in which test, through experience, new architectural

⁶⁵ FRIEDMAN, Alice – *Women and the making of modern house : A social and architectural history*, p.68.

FIGURA 89 |
Farnsworth House,
Ludwig Mies van
der Rohe, Plano,
Illinois, 1945-51.
Disponível online em
WWW:<URL: <http://www.farnsworthhouse.org/photos.htm>>
[Consult. em 24 Mai.
2012]

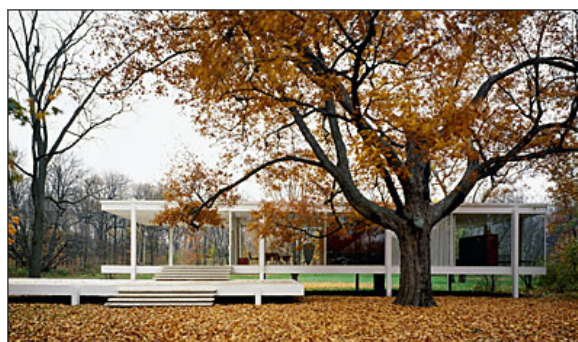


FIGURA 90 |
Glass House,
Philip Johnson,
New Canaan,
Connecticut, 1949.
Disponível online em
WWW:<URL: <http://soniakapadia.wordpress.com/2011/09/20/the-glass-house/>>
[Consult. em 24 Mai.
2012]



FIGURA 91 |
Vanna Venturi House,
Robert Venturi,
Chestnut Hill,
Pennsylvania,
1961-64. Dispo-
nível online em
WWW:<URL: <http://rchitectur.com/archives/514>> [Consult.
em 24 Mai. 2012]



forms, new approaches to daily life, and a new vision of women's role in society.”⁶⁶

⁶⁶ *Idem, Ibidem,*
pp.83 e 88.

Farnsworth House (1945-51) promoveu uma mudança radical no ambiente doméstico típico mas acabou por enfatizar a vida e o corpo de Edith Farnsworth enquanto mulher: o processo de projecto levanta questões interessantes sobre a ética da arquitectura e dos clientes na medida em que, por exemplo, Mies van der Rohe privilegia os objectivos e interesses pessoais e os seus princípios sobre a forma, em detrimento das necessidades reais da cliente. A certo ponto da história da casa e da vida dos que participaram na construção desta, não se percebe se a cliente estava a colaborar com um amigo ou se foi vítima de um aproveitamento ou de uma relação ambígua o tempo todo. Em comparação à obra *Farnsworth House*, Friedman dedica uma interessante secção à *Glass House* (1949) de Philip Johnson, uma habitação própria e que expõe a essência da sua homossexualidade. Apoiada numa análise geral, a autora recorre ao sentido de humor e ao uso da paródia e da feminilidade e em jeito de conclusão, nota que:

“(…) what distinguishes Johnson's New Canaan complex from Mies's Farnsworth House: the profound understanding of the fact that while the architect of a house can remain fully clothed at all times, the client must ultimately strip naked if the house is to become a home. Thanks to Johnson's gay sensibility, he also recognizes that how, where, and when we dress and undress is as critical to architecture as the form of the buildings we inhabit.”⁶⁷

Vanna Venturi House (1961-64) não surge como um fenómeno isolado mas faz parte de um processo contínuo de pesquisa, escrita e projecto de Robert Venturi e Denise Scott-Brown; a casa para a mãe de Venturi foi desenhada e redesenhada durante três anos, ao mesmo tempo que o arquitecto escrevia *Complexity and Contradiction* (1966). Pretende-se criar uma nova abordagem à arquitectura, numa procura de imagens fragmentárias e da consistência para a forma e a teoria, na qual a casa aparece como “(…) the first-born child of the Postmodern movement, turned out to be a girl (...) ‘Mother's House’, as it has come to be known, soon showed critics and historians just how fundamentally disruptive it would be the architectural status quo.”⁶⁸ Tendo em conta que Vanna Venturi era uma mulher com aproximadamente setenta anos e com fortes ideais feministas e socialistas, a habitação teve de se moldar a um estilo de vida já bem definido e criar um cenário confortável para uma pequena colecção de antiguidades e de mobiliário adquirido durante meio século; assim, o edifício responde a um programa não-convencional que apresenta os espaços para a vida do dia-a-dia concentrados no primeiro piso e respeita a liberdade de movimento e a necessidade de uma domesticidade privada. Apesar da utilização de formas mais ousadas, a casa é marcada pelo uso de elementos convencionais em grande

⁶⁷ *Idem, Ibidem,*
p.156.

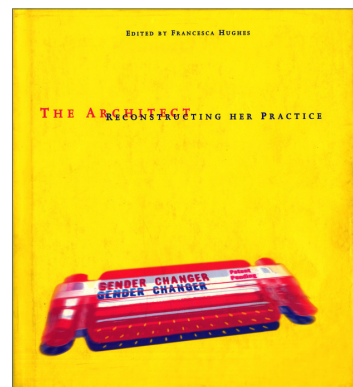
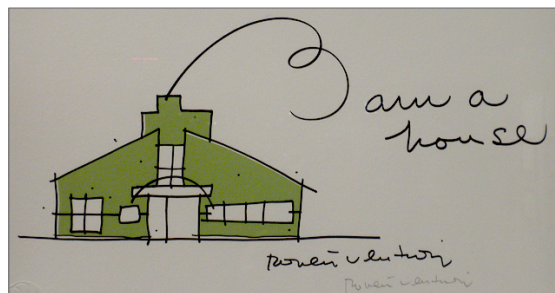
⁶⁸ *Idem, Ibidem,*
p.189.

FIGURA 92 |
Vanna Venturi
House- vista da
entrada, escadas
e lareira (1º piso).
Disponível online em
WWW:<URL:http://
wilsonlearch1201.
blogspot.pt/2010/03/
vanna-venturi-
-house-1962-mo-
thers-house.html>
[Consult. em 24 Mai.
2012]

FIGURA 93
| Desenho de
Robert Venturi
para a Vanna
Venturi House,
Philadelphia, uma
casa para a mãe
finalizada em
1962 (sem data).
Disponível online em
WWW:<URL: http://
www.dwell.com/sli-
deshow/robert-ven-
turi-print-collection.
html?slide=2&c=y&
paused=true>.
[Consult. em 24 Mai.
2012]

FIGURA 94 | Capa
do livro *The Archi-
tect: Reconstruct-
ing her practice*,
ed. por Francesca
Hughes, 2001.
Disponível online em
WWW:<URL:http://
msmearch.com/
bibliography/the-
-architect-recons-
tructing-her-prac-
tice-%E2%80%9C
projects-recollec-
tions-merrill-elam-%
E2%80%9D-1996>.
[Consult. em 24 Mai.
2012]

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA



escala – como o frontão e a chaminé – e pela presença de elementos históricos, recriando uma linguagem arquitectónica familiar e genérica que trabalha para a memória colectiva. *Vanna Venturi House* foi destinada a ser experimentada pelas associações e pela espacialidade, com uma série de sensações físicas e estéticas alcançada por ironias e justaposições arquitectónicas, sem a lógica purista e a coerência do modernismo pois

“(...) the reinscription of the user/participant/observer at the very heart of the architectural project that marked Venturi’s most radical break with modernism. Now the client became not simply a passive recipient but a participant in a process of communication and experience this notion substantially undermined the belief in the architect as an independent, original creator with mastery over form, an idea central to identity of the artistic avant-garde.”⁶⁹

Com o abandono do ideal ‘arquitecto-herói’, há um desejo de preservar a memória e de projectar ambientes que provenham de respostas e ideias pessoais, de percepções e de experiências, contrariando a ciência pseudo-intelectual e rejeitando a ‘linguagem moral’ e a validade dos dogmas da arquitectura moderna.

9.3 | *The Architect: Reconstructing her practice* (2001)

‘Invenção’ é a palavra-chave que Francesca Hughes propõe aos contribuidores, é a ideia-base dos textos que compõem o livro que edita e no qual realça a maior propensão das mulheres para inventar na prática da arquitectura pois são elas que detêm uma posição ambígua no que respeita à disciplina; as mulheres estão simultaneamente dentro e fora desta. A autora sublinha que o conceito de ‘invenção’ não é utópico por ser dirigido e idealizado em relação à participação feminina na arquitectura na medida em que aparece na pluralidade de significados arquitectónicos. Hughes retoma a questão do género em relação à produção do espaço, relação esta que caracteriza como camaleónica: esconde-se facilmente no território da metáfora e da reificação e na forma como se figura a arquitectura como feminina; “Casting architecture as feminine renders its muse female and consequently induces a necessary crisis of identity for the female architecture maker: How is the architect to be seduced by the muse, to succumb to her grace, if she too is female? (...) she excludes the very image that she projects. Any relationship that the female architecture maker might construct with the muse must be oblique, slippery, and unstable.”⁷⁰ Inevitavelmente, retomamos o problema da linguagem e da (falta de) transparência na medida em que é difícil perceber a possibilidade de questões de género sob a construção masculino/feminino que carrega o sistema binário da condição heterossexual e fixa; segundo Hughes, este cenário acontece, não no espaço da arquitectura, mas no espaço da prática

⁶⁹ *Idem, Ibidem,*
p.197.

⁷⁰ HUGHES,
Francesca, ed. lit.
– *The Architect:
Reconstructing
her practice*, p.xi.

da disciplina pois “Practice as constructed and bounded by all of the (multiples) coordinates that bind us: sexual, cultural, economic, technological, racial, social, and physical.”⁷¹

⁷¹ *Idem, Ibidem,*
p.xii.

Na introdução, a autora reforça a importância da diversidade de autores e dos trabalhos colectivos, escritos ou desenhados, pois há possibilidade de trabalhar no centro e na margem da disciplina através da intersecção da teoria da arquitectura com a filosofia, a construção e a tecnologia – desenvolve-se, portanto, um espectro mais alargado de pontos de vista que legitimam a inclusão da mulher na profissão. Quase todos os ensaios começam com uma citação, uma espécie de aviso, sugerindo que cada autor se sente como ‘alteridade’. O livro é composto por diversos ensaios e inicia-se com “Battle Lines: E.1027” (Beatriz Colomina) que relata a história da casa de Eileen Gray e o seu cruzamento com Le Corbusier, e “Rear Window” (Martine De Maesener) que opõe o ‘ver’ (atitude modernista) ao ‘conhecer’ (pós-modernista) e a ‘forma’ (masculina) à ‘função’ (feminina). Os ensaios de De Maesener, Françoise-Hélène Jourda, Nasrine Seraji-Bozorgazad, Christine Hawley, Merryl Elam, Diana Agrest and Margrét Hardardóttir incluem projectos próprios mas com poucas referências ao facto de serem mulheres; o género parece quase coincidência pois os textos são escritos com uma surpreendente informalidade. De forma provocadora, Elizabeth Diller inclui as instruções para engomar a camisa de um homem na forma como se representa o corpo pós-industrial no comércio da imagem do funcional, e Dagmar Richter apresenta um discurso bem estruturado de como orientar a prática crítica em arquitectura, na qual os grupos marginalizados ainda não puderam desenvolver e mostrar as suas ideias.

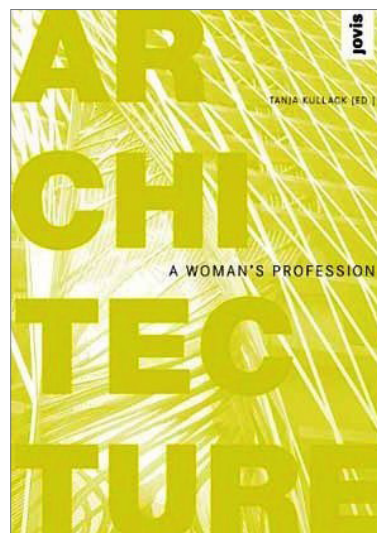
123 | 124

Catherine Ingraham e Jennifer Bloomer centram-se numa espécie de testemunho sobre a actual relação da teoria com a prática da arquitectura, muitas vezes apimentado o discurso com ‘anedotas’ da vida pessoal que deixam claro a importância e o interesse da sua feminilidade no tema. Bloomer, em “Nature Morte” cita acusações de lidar com ‘outra arquitectura’ como fonte de inspiração para ir além da palavra escrita; o seu trabalho destaca histórias pessoais entre a descrição de quatro desenhos próprios e um de Giambattista Piranesi. Tais histórias estão omnipresentes nos *ladies’ rooms* das escolas de arquitectura: professores (homens) que assumem que as estudantes do sexo feminino estão ali à procura de marido, críticos de design e arquitectura do sexo masculino que comentam as roupas das estudantes ao invés dos seus projectos, colegas do sexo masculino que conseguiram melhores empregos, mesmo quando não ganham os grandes prémios, ou as empresas que limitam as responsabilidades das arquitectas à execução de impressões e ao detalhe dos interiores. Para Bloomer, o género feminino funciona como um recipiente inevitável, semelhante a um aquário:

“My work is the practice of a sapient primate who lives in a woman’s

FIGURA 95 |
Capa do livro
*Architecture: A
Woman's Profes-
sion*, ed. por Tanja
Kullack, 2010.
Disponível online em
WWW:<URL:http://
wuho.org/women-
-in-architecture>.
[Consult em 4 Mai.
2012]

II. PARA UM REFRESH DA HISTÓRIA DA ARQUITECTURA



body and who works with an awareness of that perspective. I am a woman who grew up in a small town in the South. I have fixed my hair, worn makeup, and worried about what I was going to wear every day of my life, including the days my children were born, since I was thirteen (...) I know what it means to be constructed as a thing and to be a container. I am convinced that this has to have an influence on the way that one sees things and containers, a taxonomy of objects into which architecture neatly fits, both in sense of being a material mass with voids inside for holding people and furniture and in the sense of being vessel of cultural and social signification.”⁷²

⁷² BLOMMER, Jennifer – “Nature Morte”. In *The Architect: Reconstructing her practice*, p.240.

9.4 | *Architecture: A Woman's Profession (2010)*

Dentro da arquitectura, as mulheres ainda não são completamente visíveis mas estão, cada vez mais, a vir à tona no contexto da disciplina. Até que ponto esta mudança afecta as relações tanto na profissão como no ensino e, portanto, as suas estruturas, os objectivos e o conteúdo? O que é arquitectura, quando as estratégias específicas de género são superadas em nome de uma diferenciação complexa? Que potencial é que a mudança de paradigma que se aproxima pode trazer? Em *Architecture: A Woman's Profession*, Tanja Kullack junta arquitectas internacionais num relato de experiências académicas e profissionais e as suas visões para o futuro, pessoal e da arquitectura. Arquitectas, professoras, jovens e promissoras, mostram que no século XXI as mulheres têm uma palavra a dizer; todas elas ocupam posições controversas sobre temas relevantes do debate e exigem que a disciplina seja constantemente repensada. O que parece falhar nesta colectânea de depoimentos é a selecção das entrevistadas pois, no contexto geral, são todas arquitectas bem-sucedidas, algumas líderes de escritórios, com inúmeros projectos entre mãos, são professoras ou directoras de escolas de arquitectura, posições que não revelam o estado geral da profissão para as mulheres. Todavia, este livro pode ser uma referência, uma ‘ferramenta’ para aplicação quotidiana, uma surpresa agradável para jovens arquitectas; inspirador, optimista e, por vezes, subversivo.

Intercalados com o texto, o livro apresenta ensaios de fotografias e desenhos que ilustram as obras e os pontos de vista individuais de Barbara Bestor, Caroline Bos, Alison Brooks, Elke Delugan-Meissl, Jeanne Gang, Barbara Holzer, Lisa Iwamoto, Regine Leibinger, Farshid Moussari. Fuensanta Nieto, Monica Ponce de Leon, Mary-Ann Ray, Dagmar Richter, Denise Scott Brown, Nasrine Seraji, Yui Tezuka, Ingalill Wahlroos-Ritter, Jennifer Wolch. Esta colectânea expõe os estereótipos de género em mudança nos últimos vinte anos nas diversas áreas profissionais e o estreitamento da diferença/lacuna entre os sexos; será que a sociedade ocidental começou a aceitar que homens e mulheres podem

FIGURA 96 |
 Capa do livro (1)
 de Rem Koolhaas
 Delirious New
 York: A Retro-
 active Manifesto
 for Manhattan.
 Disponível online em
 WWW:<URL:http://
 architectureandur-
 banism.blogspot.
 pt/2010/05/rem-
 koolhaas-delirious-
 new-york.html>.
 [Consult em 3 Mai.
 2012]

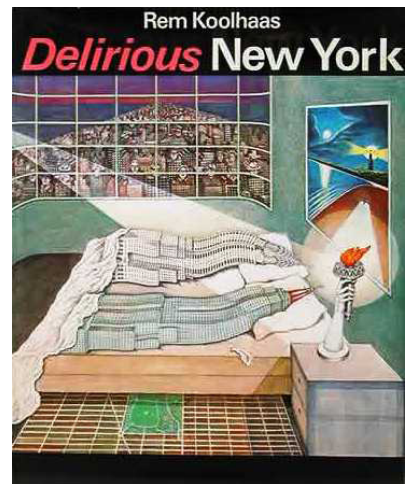
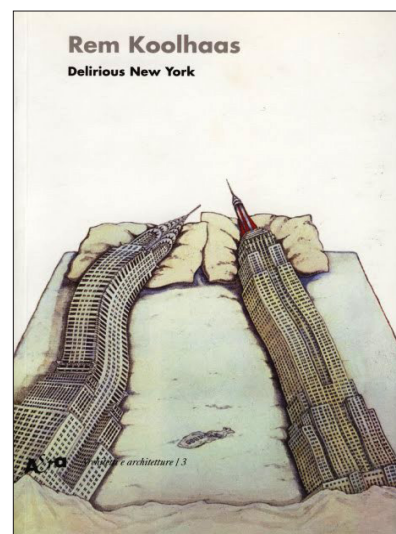


FIGURA 97 |
 Capa (2) do livro
 de Rem Koolhaas
 Delirious New
 York: A Retro-
 active Manifesto
 for Manhattan (1ª
 edição de 1978).
 Disponível online em
 WWW:<URL:http://
 architectureandur-
 banism.blogspot.
 pt/2010/05/rem-
 koolhaas-delirious-
 new-york.html>.
 [Consult em 3 Mai.
 2012]



fazer os mesmos trabalhos? E que deveriam ser recompensados e (re)conhecidos da mesma forma? De acordo com as perspectivas profissionais da mulher, a forma como o conteúdo é apresentado e estruturado é muito interessante pois parece destinar-se a criar um debate, sobre uma ampla variedade de tópicos, como se se tratasse de uma tertúlia em torno de uma mesa redonda. Kullack nota que o livro pode ser lido horizontalmente – de acordo com as autoras – ou verticalmente – pelo tema dos tópicos.

Apesar da inquietação que o título possa sugerir, Tanja Kullack começa por dizer que “Architecture is neither a man’s nor a woman’s profession, it is just a profession” mas que “Architecture is in fact male-dominated, particularly in the context of its late-capitalist commercialization (...) its heroes are ‘white males, the ‘silverbacks of architecture’ (...).”⁷³ Está longe de ser comum a presença e participação de toda a sociedade na arquitectura e as disparidades têm de ser ultrapassadas, não só pelas mulheres, mas por todos os que querem fazer da arquitectura uma profissão mais democrática, diversificada e produtiva. Intelectualmente, há um consenso geral sobre a superação das estandardizações estereotipadas e das atribuições simplificadas de padrões de comportamento e expectativas; na prática arquitectónica, as mulheres são agentes catalisadores que encorajam a alteração das estruturas e que querem ter relevância na forma como se pensa o espaço. Para tal, as arquitectas têm mudado constantemente de posição, e não de atitude, pois tentam incorporar as condições estruturais da profissão e mantêm-se frequentemente afastadas do debate de género. Em relação às percepções sobre a disciplina, as arquitectas referem frequentemente a importância do trabalho colectivo e da constante reinvenção, em detrimento da necessidade de se desenvolver um estilo próprio, uma originalidade ou uma marca. Procuram as origens e as raízes primitivas da arquitectura e a sua interacção com outras disciplinas pois a essência desta está numa espécie de ritualização do diálogo. Criticam o sistema capitalista e os paradigmas em que a arquitectura se insere e se desenvolve - actualmente, faz-se ‘arquitectura para os arquitectos e críticos’ e ‘arquitectura para os *media*’ – quando o mais estimulante é o contacto com o contexto, o sítio e o cliente. Sobre a diferença e a diversidade, Monica Ponce de Leon repara que as minorias não se vão reconhecer na profissão enquanto não houver uma real participação da sua família ou da sua comunidade, sobretudo no contexto académico. Nasrine Seraji aponta que “Professions do not have sex – people do, and perhaps even skyscrapers (remember the cover of the first edition of *Delirious New York*)”⁷⁴, que o *fazer masculino* está muito mais integrado no nosso pensamento do que o feminino e que prefere trabalhar com colegas mulheres pois têm diferentes estruturas de operação e estabelecem outras prioridades.

No geral, pensa-se a identidade da arquitectura e o que é ser arquitec-

⁷³ KULLACK, Tanja, ed. lit. – *Architecture: A Woman’s Profession*, p.6. 127 | 128

⁷⁴ SERAJI, Nasrine – “On Difference and Diversity”. In *Architecture: A Woman’s Profession*, p.41.

to; segundo Iwamoto, ainda não há um entendimento geral da importância da arquitetura e nota que “ In western culture, we are taught to appreciate things, objects, technology, products, and less so space, environment, and atmosphere. Therefore, while most people know when they are in a good space, it is more difficult to figure out why it is good.”⁷⁵ Debate-se a legitimidade da liderança de escolas e escritórios, comenta-se a educação e lembra-se que o falar de arquitetura permanece fechado em revistas e auditórios, que ainda não está na rua (e, conseqüentemente, o público não reconhece o papel do arquiteto no fazer cidade). Seraji dedica um capítulo ao tema da ‘transgressão’ que inicia com o livro *Room of One’s Own*, de Virginia Woolf, como a melhor referência à necessidade de autonomia e independência das mulheres:

“Transgression is an interesting word if we see it as a crime or as a way of overstepping the limits. What are these limits? Perhaps they are clearer simply when we look at the position of women in other disciplines. The public does not have a problem with women artists, or women doctors, or women teachers – so why do they have a problem with women architects? Is it because an architect is more ‘responsible’ and therefore more liable? Or is it because the world of art is more advanced in considering equality? Did you ever see the film *The Associate* by Whoopi Goldberg? It is neither Hitchcock nor Orson Welles, but tells you a lot about inequality in the corporate and business world.”⁷⁶

⁷⁵ IWAMOTO, Lisa – “On Respect and Self-respect”. In **Architecture: A Woman’s Profession**, p.41.

⁷⁶ SERAJI, Nasrine – “On Transgression”. In **Architecture: A Woman’s Profession**, p.160.

III. Conclusão

“We refuse to be what you want us to be,
We are what we are, and that’s the way it’s going to be.”
(Bob Marley, *Babylon System*, 1973)

O mundo da arquitectura não é neutral em relação ao género – mas existem várias formas de contar esta história, como mostra a presente dissertação. As ideias de arquitectura desenvolvem-se e transformam-se de acordo com os desafios que enfrentam ao longo dos tempos; um dos desafios que se impõe é a refutação da divisão de género na profissão e na educação, transformando a arquitectura numa estrutura de colaboração com iguais oportunidades que tenha em conta o talento, o esforço e o trabalho. Actualmente, poucas arquitectas se revêem no termo ‘feminista’ – apesar de continuarem a existir outros tipos de discriminação, mais subtis e diferentes do século XIX e XX, existirão sempre encontros e desencontros quando cada mulher tem uma identidade própria. Aliás, a maioria das mulheres descrevem-se em termos ‘género neutrais’ em relação à profissão, quase como ‘arquitectas sem género’, o que comprova a natureza e o desenvolvimento da disciplina no campo masculino. No contexto da Universidade, incorporam-se os assuntos de género e de espaço de modo paulatino, muitas vezes com uma atitude radical; fora desta, o feminismo é encarado com hostilidade e com resistência e resulta em estereótipos e preconceitos que já não deviam pertencer ao século XXI.

Os ensaios de um vasto leque de autores e autoras revelaram, ao longo do tempo, tanto o género associado ao espaço e à arquitectura (e vice-versa) como as vozes esquecidas das arquitectas, traduzindo a tentativa de descobrir a ligação da mulher ao ambiente construído através da sua própria perspectiva e

do desejo de se instituírem como sujeitos no sistema arquitectónico. A partir da história do “pessoal” e do “íntimo”, as mulheres/arquitectas podem estabelecer as estruturas da sua resistência e da sua permanência na profissão de tal forma que acabem por traçar uma outra face da história “oficial”. Por sua vez, a combinação da voz “pública” com a voz “íntima” constrói a história que nunca foi contada, rompendo a cadeia ideológica erigida pela História (dos homens). Quanto mais pessoal e diversificada for essa narrativa, mais ela se torna verdadeira e abrangente na medida em que engloba as mais variadas experiências vividas pelas arquitectas e pelas mulheres que usufruem da cidade e da arquitectura. A partir da análise feminista da história (também da arquitectura), Elizabeth Fox-Genovese (1982) sustenta que se as mulheres fazem parte do processo histórico, deve existir um (re)conhecimento das suas histórias:

“(…) a história das mulheres confronta a história canónica, não com o objectivo de substituir a crónica do sujeito masculino pela do sujeito feminino, mas antes a fim de repor o conflito, a ambiguidade e a tragédia no centro do processo histórico: de modo a explorar as formas distintas e desiguais com que os géneros, as classes e as raças participam no forjar de um destino comum.”¹

A arquitectura contemporânea em crise, também em Portugal, necessita ser entendida enquanto produção cultural e social atravessada por problemáticas, questões e conexões transversais à contemporaneidade em sentido alargado - conceptual, social, económico, político - manifestas no projecto de arquitectura, na sua linguagem ou na composição, nos métodos de desenho e produção, nos mecanismos de afirmação autoral e de organização profissional. Se o desejo de experimentação e a vontade de investigação podem abrir caminhos distintos de outros momentos históricos, esta é a altura para se trazer o debate e a metodologia feminista para a arquitectura. O que fazer para que o planeamento das cidades, no contexto de cada país, incorpore plenamente as perspectivas de género? Que características é que este deve cumprir no desenvolvimento de um urbanismo inclusivo? De que forma é que as minorias podem contribuir no repensar do ambiente construído? Como é que as arquitectas, em particular, podem ajudar a atravessar a crise na arquitectura portuguesa?

As obras e o debate sobre o género, a mulher e a arquitectura, demonstraram uma aceitação generalizada das preocupações feministas mas, de forma mais perturbadora, marcaram quase um ponto final na visibilidade do feminismo na arquitectura no final do século XX: as publicações são escassas e poucas escolas leccionam ainda sobre ‘género e arquitectura’. Mary McLeod (2005) nota que se, por um lado, as crescentes forças sociais e políticas parecem militar contra os estudos feministas, por outro, o seu próprio sucesso nas últimas quatro décadas parece ter ditado o seu declínio. Além fronteiras portuguesas, os nomes

¹ Cit. por POLLOCK, Griselda – “A Política da Teoria: Gerações e Geografias na Teoria Feminista e na História das Histórias da Arte”. In **Género, Identidade e Desejo: Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo**, p. 220.

das arquitectas outrora esquecidas têm sido ressuscitados, as reputações dos heróis masculinos ficaram um tanto abaladas e os casos mais radicais de iniquidade sexual e discriminação na profissão foram denunciados – grande parte do trabalho académico e da teoria feminista foi integrado noutros estudos e já fazem parte do *mainstream* da disciplina. Apesar da maioria das críticas e historiadoras da arquitectura feministas rejeitarem que o seu trabalho está concluído, este período de aparente calma e de afastamento de polémicas pode ajudar a repensar e a reflectir a história feminista e a reexaminar os seus métodos e premissas – uma nova fase do debate pode começar em Portugal, onde o tema ainda é novo e com poucas influências. O discurso sobre o género e as mulheres em arquitectura tem de progredir, tem de se (re)inventar e tem necessariamente de ser criativo. É preciso ultrapassar o discurso da discriminação e da vitimização, que já mostrou ser menos produtivo, e criar outras expectativas mais ambiciosas e actuais - uma lufada de ar fresco. Como notou Adele Santos (2005), reitora da MIT School of Architecture and Planning, “Firms headed by women [arquitectas] are growing, and they are getting projects because of being considered more responsive to clients, more interactive. More and more women are staying in the profession. Some are graduating, raising their children, and entering later. I am very optimistic about the significant role women will be playing in the profession.”² Claro que a discriminação existe, é enganosa, subtil, persistente, historicamente opressiva e intelectualmente destrutiva, mas a mulher (e, portanto, a arquitecta) tende a tapar os olhos, a não ver voluntariamente, pois são hábeis e determinadas para saber ouvir e ceder espaço a outros mas sem se imporem de forma intransigente – produzem ideias e opiniões e partilham emoções, frequentemente não autoritárias mas sem um reconhecimento autêntico.

“The question of gender in architecture is not a question regarding the form buildings take, but rather the form of the structure of our social and political occupations (...) our careers are constructed from the relationship and families we have built outside of our archicentric worlds and are the very things that support us as architects. Non-gender-biased architectural practices and academia will bring new and broader issues to the discourse and set in motion a new kind of architecture. New conversations, new emphases, different role models, and alternative methods or practice will inevitably result in new formal manifestations.”³

Depois do debate estar lançado, falta incorporar o conceito de género no estudo da arquitectura e uma renovada consciencialização no ‘fazer a cidade’. Apesar de as cidades estarem actualmente mais receptivas às questões da mulher e do lugar que ela ocupa, Alison Brooks afirma que “We must encourage and educate the next generation of architects to use their skills and cultural perspective to impact society in more ways than buildings, and to be brave enough to

² Cit. por WRIGHT, Sarah H. – “Santos’ talk gives history of women in architecture”, s/p.

³ BESTOR, Barbara, RITTER, Ingallil – “Hot fuzz”. In *Architecture: A Woman’s Profession*, p.52.

have a public voice.”⁴

Os autores e investigações citados ao longo da tese revelaram que o ambiente construído – da casa à cidade – tende a institucionalizar as relações patriarcais, mas se tal facto é verdadeiro é porque este tem sido desenhado e construído predominantemente por homens? Podem, então, as arquitectas produzir um ambiente físico diferente? Discute-se a possibilidade de uma ‘arquitectura feminina’⁵, a produção do espaço feita a partir da feminilidade – mas quais as consequências? Diversas teorias apontam que, se as experiências e as percepções do quotidiano e do espaço são diferentes entre os sexos, a forma como se projecta e desenha também poderá ser. As questões levantadas são variadas, pertinentes, bastante problematizadas mas ainda sem respostas:

“Do women practice architecture differently? How are such differences manifests? Do women have a different sense of aesthetics, sense of space and time? Do women use materials differently, organize practice differently, prefer certain kinds of design methodologies? Further, how do explain such difference? Do they derive from biology or society? (...) is the connection of women with inside spaces due to biology – to the specific shape of their bodies or society – to social and cultural associations of women with the private space of the home and children?”⁶

Os tópicos incluídos sob a designação de “estética feminista” estendem-se através da filosofia, história, disciplinas críticas e práticas artísticas, nas quais as teorias da percepção, apreciação e interpretação têm sido desenvolvidas. A procura de uma estética feminina ou feminista tem acontecido sobretudo na literatura, na qual Hélène Cixous nota que “It is impossible to *define* a feminine practice of writing and this is an impossibility that will remain, for this practice can never be theorized, enclosed, coded – which doesn’t mean that it doesn’t exist. But it will always surpass the discourse that regulates the phallogocentric system.”⁷ Apesar da evidente construção de género inerente à arquitectura e ao desenho do espaço, é estranho pensar que esta, tal como a arte, tem um sexo; tal tarefa, a procura de uma espacialidade feminina, é difícil. Como se definem quais as características desta arquitectura? E há uma arquitectura feminina com características próprias, ou o discurso sobre a produção do espaço é que pode ser feminino ou feminista? Se tais premissas forem verdadeiras, Jane Rendell especula:

“If we are to believe that women approach design in a different way, a more holistic way, for example, it’s because women have different physical structures from men, ones which result in different creative processes, different aspirations in relation to the production of objects and spaces and different sensitivities towards materials? Where do we locate these differences in architecture, in the building façade or the

⁴ BROOKS, Alison – “On Societal and Challenges”. In **Architecture: A Woman’s Profession**, p.112.

⁵ Ver KENNEDY, Magrit I. – “Toward a rediscovery of ‘feminine’ principles in architecture and planning” (1981). Embora seja difícil provar que existam categorias exclusivas para a arquitectura feminina/masculina, a autora elabora uma lista de possíveis definições e hipóteses para discussão, de forma a examinar os danos que os estereótipos e a exclusão da mulher do processo de projecto provocaram no desenvolvimento da cidade e da arquitectura. Consequentemente, a autora reconhece que as arquitectas possuem características e sensibilidades únicas que envolvem tanto novos métodos como novos resultados.

⁶ RENDELL, Jane – “Introduction: ‘Gender, Space, Architecture’”. In **Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction**, p.225.

⁷ Cit. em ZIMMERMAN, Tegan – “A Feminist Aesthetic of Nature”, p.177.

ground plan, in the construction detailing or the interior finishes, or in the occupation of the building?”⁸

Contudo, o objectivo destas propostas não prevêem a substituição do modelo antigo patriarcal pelo feminino/feminista; pensa-se antes a inclusão de uma outra posição renovada que possa oferecer críticas perspicazes e ter a capacidade de mostrar que as teorias vigentes são limitadas e problemáticas, tanto para as mulheres como para os homens. Ainda assim, e apesar dos objectivos em causa, a hipótese de uma arquitectura/arte/estética feminina ou feminista mantém-se questionável.

Pensa-se uma ‘Outra’ arquitectura. Em “Everyday and ‘Other’ Spaces” (1996), Mary McLeod afirma que a criação de uma nova arquitectura tem de passar por ser totalmente ‘outra’ na medida em que promova a marginalidade como novidade e como instrumento de subversão política e de transgressão cultural – é a abordagem da ‘diferença’ como algo bom e positivo e da ‘alteridade’ como um aperfeiçoamento em relação ao *status quo* (McLeod analisa os conceitos de ‘alteridade’ de Foucault e Jacques Derrida, apresentados na introdução da presente dissertação). Se a feminilidade é o inconsciente, a ausência ou algo que não consegue ser representado, então uma arquitectura que procure a ‘presença da ausência’ pode estar directamente relacionada com as mulheres. Uma ‘outra arquitectura’ ou uma ‘arquitectura feminina’.

Pensa-se a arquitectura feminina como a ‘arquitectura do tacto’ - embora a visão não possa ser separada da construção do espaço, que também não pode ser separado das construções de género. É sobretudo uma outra arquitectura, do tacto, diferente da arquitectura da visão, presente na arquitectura ocidental:

“This architecture of vision was already in place in Alberti’s text in which the status of the white Wall depends upon ‘the keenest of the senses’ with which the rational mind (which is to say, the masculine eye) is said to ‘immediately’ comprehend the immaterial order within a material object. But the wall is not simply looked at, inspected by a detached eye. Its white surface actively assists the eye by erasing its own materiality, its texture, its color, its sensuality, as necessarily distracting forms dirt.”⁹

Peter Eisenmann (1992) também percorre esta ideia quando refere que desde o século XV que a arquitectura tem sido dominada pela mecânica da visão, assumindo a primazia deste sentido como natural aos seus próprios processos mas não como algo a ser questionado. Na problematização da percepção visual em arquitectura, Eisenmann usa a ideia de dobragem de Gilles Deleuze que constitui uma mudança do espaço, de efectivo para afectivo, que diz respeito àqueles aspectos que não estão associados à eficácia e que são mais do que a razão, o significado ou a função – quando as quatro paredes que formam a arquitectura

⁸RENDELL, Jane
– “Introduction:
‘Gender, Space,
Architecture’”.
In **Gender Space
Architecture: An
interdisciplinary
introduction**,
p.225.

⁹WIGLEY, Mark
– “Untitled: The
housing of gen-
der”. In **Sexuality
and Space**, p.360.

deixarem de ser expressões deste paradigma mecânico, poderão lidar com a possibilidade de outros discursos, os outros sentidos afectivos do som, do toque e da luz. Neste sentido, Kim Trogal (2003) procurou no tacto (ou seja, no feminino) a possibilidade de outra arquitectura; o tacto não é oposto ao visual mas, segundo Luce Irigaray (1996), faz parte da ‘linguagem feminina’: “This [feminine] ‘style’, or writing of women tends to put the torch to fetish words, proper terms, well constructed forms. This ‘style’ does not privilege sight: instead, it takes each figure back to its source, which is amongst other things tactile.”¹⁰ Na exploração da relação entre a teoria e a prática arquitectónicas, Trogal guia-se pela noção das tácticas femininas em arquitectura que, segundo Michel de Certeau (1984), são sobretudo diferentes das estratégias masculinas (mais vinculadas às relações de poder e à arquitectura comercial). Assim, a autora compreende as tácticas femininas como tácteis – de onde surge a ‘arquitectura do tacto’.

A possibilidade de uma ‘arquitectura feminina/feminista’ é controversa e difícil e a posição radical de alguns autores pode trazer problemas que exigem ser pensados através de uma metodologia própria. Numa primeira instância, da mesma forma que Griselda Pollock comenta sobre história da arte, “(...) nem tudo o que as feministas consideram é automaticamente um produto feminista – se entendermos o feminismo enquanto intervenção em práticas significantes que são politicamente eficazes numa situação na qual o próprio feminismo alterou a definição de político(...)”¹¹. Depois, a ênfase de traços femininos (horizontal/curvilínea) e masculinos (vertical/linear) no desenho e na forma não explica qualquer diferença entre os sexos – basta pensar na obra de Gaudí, nos edifícios em “U” de Álvaro Siza ou no Guggenheim de Nova Iorque de Frank Lloyd Wright, arquitecturas ‘de escala humana’, longe das torres, dos arranha-céus e das formas fálicas. De forma mais directa, actualmente apenas se pode afirmar que as arquitectas estabelecem outras prioridades e valores na produção do espaço, que ainda assim não formam um estilo ou uma posição únicos. Em contrapartida, apesar de elas estarem mais relacionadas com a arquitectura doméstica e, segundo alguns autores, mais preocupadas com a questão social da arquitectura, quando sujeitas às pressões do mercado, tendem a desenhar da mesma forma que os homens. A base educacional das arquitectas também exerce influência na hipótese da arquitectura feminina: ao contrário da literatura, onde as escritoras conseguiram encontrar uma linguagem feminina (através do autodidactismo e do confinamento doméstico), as arquitectas, além de terem entrado na arquitectura há relativamente pouco tempo, sempre foram ensinadas da mesma forma que e pelos arquitectos. Isto é, nunca houve espaço e tempo para a descoberta de uma forma de pensar feminina na arquitectura devido, entre outros factores, à influência da educação masculinizada. Griselda Pollock acrescenta que “(...) o significado dos trabalhos produzidos por mulheres apenas se tornará óbvio para

¹⁰ Cit. por TROGAL, Kim – *Feminine tactics in architecture*, p.25.

¹¹ POLLOCK, Griselda – “A Política da Teoria: Gerações e Geografias na Teoria Feminista e na História das Histórias da Arte”. In *Género, Identidade e Desejo: Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*, p. 208.

nós quando conseguirmos articular aquilo que lhes é particular, o que os torna diferentes das normas existentes, e quando definimos temporalidades significantes bastante diferentes das dos estilos, movimentos, inovações *avant-garde* e outras. Estamos à procura de modos através dos quais possamos reconhecer os ‘espaços da feminilidade’ e as suas temporalidades subjectivas nos ritmos da experiência vivida das mulheres, dentro e contra as hierarquias de diferença sexual (...)”.¹² Apesar do crescente reconhecimento das contribuições das arquitectas, as especulações em torno de uma ‘arquitectura feminina’ são muitas e as respostas permanecem insuficientes, o que deixa o campo em aberto - como disse o poeta “The answer, my friend, is blowin’ in the wind / The answer is blowin’ in the wind” (Bob Dylan, *Blowin’ In The Wind*, 1962).

¹² *Idem, Ibidem*, p. 204.

Bibliografia

Livros

ALCOFF, Linda, POTTER, Elizabeth, ed. lit. – **Feminist Epistemologies**, New York: Routledge, 1993. ISBN 0-415-90450-1

AGREST, Diana, CONWAY, Patricia, WEISMAN, Leslie Kanes, ed. lit. – **The Sex of Architecture**, New York: Harry N. Abrams, 1996. ISBN 0-8109-2683-0

BEAUVOIR, Simone de – **The Second Sex**. Translated and edited by H. M. Parshley. New York: Alfred A. Knopf, 1976. ISBN 978-039-44-4415-4

BENEVOLO, Leonardo – **Historia de la arquitectura moderna**. 7.^a ed. rev. y ampliada. Barcelona: Gustavo Gili, 1996. ISBN 8425216419

BERKELEY, Ellen Perry, ed. lit. – **Architecture: A Place for Women**, Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1989. ISBN 0-8747-4231-5

CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João, dir. – **Falar de Mulheres: História e Historiografia**, Lisboa: Livros Horizonte, 2008. ISBN 978-972-241560-6

COLEMAN, Debra, DANZE, Elizabeth, HENDERSON, Carol, ed. lit. – **Architecture and Feminism**, New York: Princeton Architectural Press, 1997. ISBN 1-5689-8043-4

COLOMINA, Beatriz, ed. lit. – **Sexuality and Space**, New Jersey: Princeton Papers on Architecture, 1992. ISBN 1-878271-08-3

CONRAD, Ulrich, ed. lit. – **Programmes and Manifestoes on 20th-Century Architecture**. 15^a ed. The MIT Press, 1975. ISBN 0-2625-3030-9

CORTÉS, José Miguel G. – **Políticas do Espaço : Arquitectura, Gênero e Controle Social**, São Paulo: Editora Senac, 2008. ISBN 978-857-359-763-9

CURTIS, William J.R. – **La arquitectura moderna desde 1900**. 3ª ed. London: Phaidon Press Limited, 2006. ISBN: 978-0-7148-9850-6

DURÁN, María-Ángeles – **La Ciudad Compartida : Conocimiento, afecto y uso**, Santiago do Chile: Ediciones SUR, 2008. ISBN 978-956-208-080-4

DUTTON, Thomas A., MANN, Lian Hurst, ed. lit. – **Reconstructing Architecture: Critical discourse and social practices**, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. ISBN 0-8166-2809-2

FÁLU, Ana, ed. lit. – **Women in the City : On Violence and Rights**, Santiago de Chile: Red Mujer y Hábitat de América Latina / Ediciones SUR, 2009. ISBN 978-956-208-086-6

FRIEDMAN, Alice – **Women and the making of modern house : A social and architectural history**, New York: Abrams, 1998. ISBN 0-3001-17892

HAYS, K. Michael, ed. lit. – **Architecture Theory since 1968**. Série Columbia Book of Architecture. The MIT Press, 1998. ISBN 0-262-08261-6

HEYDEN, Hilde, BAYDAR, Gulsum, ed. lit. – **Negotiating Domesticity : Spatial productions of gender in modern architecture**, Oxon: Routledge, 2005. ISBN 0-203-47947-5

HUGHES, Francesca, ed. lit. – **The Architect : Reconstructing her practice**, Cambridge: The MIT Press, 1996. ISBN 0-262-08245-4

Institut d'Edicions de la Diputació de Barcelona – **Urbanism & Gender : A Necessary Vision For All**, Barcelona: Institut d'Edicions de la Diputació de Barcelona, Junho 2006. ISBN 84-9803-141-9

JACOBS, Jane – **The death and life of great American cities**, London: Penguin Books in Association with Jonathan Cape, 1994. ISBN 01401179488

JENCKS, Charles – **The language of Post Modern Architecture**. 6ªed, Nova Iorque: Rizzoli, 1991. ISBN 0-847-81359-2

KULLACK, Tanja, ed. lit. – **Architecture : A Woman's Profession**, Berlin: Jovis, 2011. ISBN 978-3-86859-086-9

MACEDO, Ana Gabriela, ed. lit. – **Género, Identidade e Desejo : Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo**, Lisboa: Cotovia, 2002. ISBN 972-795-042-6

MARTIN, Brenda, SPARKE, Penny, ed. lit. – **Women's Place: Architecture and Design 1860-1960**, London: Routledge, 2005. ISBN 0-203-40201-4

MATRIX – **Making Space: Women and the Man Made Environment**, London: Pluto Press, 1984. ISBN 0-861-04601-3

NASH, Mary – **As Mulheres no Mundo : história, desafios e movimentos**. Trad. Liliana Roma Pereira. V. N. de Gaia: Editora Ausência, 2005. ISBN 989-553-217-2

NESBITT, Kate, ed. lit. – **Theorizing a new agenda for Architecture : An anthology of architectural theory 1965-1995**, New York: Princeton Ar-

chitectural Press, 1996. ISBN 1-56898-054

PETRESCU, Doina, ed. lit. – **Altering Practices : Feminist Politics and Poetics of Space**, London: Routledge, 2007. ISBN 978-0-415-35785-2

RENDELL, Jane, PENNER, Barbara, BORDEN, Iain, ed. lit. – **Gender Space Architecture : An interdisciplinary introduction**, London: Routledge, 2000. ISBN 0-415-17253-5

ROBERTA, Marion – **Living in a man-made world : Gender Assumptions in Modern Housing Design**, London: Routledge, 1991. ISBN- 0-415-03237-7

RODRIGUES, José Manuel, coord. – **Teoria e Crítica de Arquitectura - Século XX**, Lisboa : Ordem dos Arquitectos – Seccção Regional do Sul, Casal de Cambra : Caleidoscópio, Outubro 2010. ISBN 978-989-658-065-0

ROTHSCHILD, Joan, ed. lit. – **Design and feminism: re-visioning spaces, places, and everyday things**, New Brunswick, NJ: Rutgers' University Press, 1999. ISBN 0-8135-2666-3

RUEDI, Katerina, WIGGLESWORTH, Sarah, McCORQUODALE, Duncan, ed. lit. – **Desiring Practices : Architecture, Gender and the Interdisciplinary**, London: Black Dog Pub, 1996. ISBN 0415172535

SAINT, Andrew – **The Image of the Architect**, Great Britain : Yale University Press, 1983. ISBN 0-300-03013-4

SCOTT, Joan Wallach – **Feminism & History**. Série Oxford Readings in Feminism, New York: Oxford University Press, 1996. ISBN 0-19-875169-9

WEISMAN, Leslie Kanés - **Discrimination by Design : A Feminist critique of the man-made environment**, Urbana: Illini Books, 1994. ISBN 0-252-06399-6

WIERINGA, Saskia – **Subversive Women: Women's Movements in Africa, Asia, Latin America and the Caribbean**, London: Zed Books, 1996. ISBN 9781856493185

TORRE, Susana – **Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective**, New York: Whitney Library of Design, 1977. ISBN 0-823-07485-4

TOY, Maggie – **The Architect : Women in contemporary architecture**, London: Wiley Academy, 2001. ISBN 047-149-544-1

ZEVI, Bruno – **História da arquitectura moderna**. Prefácio e estudo sobre a evolução da arquitectura moderna em Portugal por Nuno Portas. Lisboa: Arcádia, 1970-1973, vol.1.

Teses e Trabalhos académicos

CABRAL, Manuel Villaverde, coord. – Relatório Profissão: Arquitecto/a, Lisboa: Universidade Lisboa-Instituto de Ciências Sociais Estudo

promovido pela Ordem dos Arquitectos, Novembro 2006.

CAMPO, Lisa Suarez-del – Feminism and Architecture. Florida: [s.n.], 2002. Tese apresentada à Florida International University (Design Theories).

GRAFT-JONHSON, Ann de, MANLEY, Sandra, GREED, Clara – Why do women leave architecture?. Bristol: [s.n.], May 2003. Trabalho apresentado à University of the West of England.

HOOOPER, Elizabeth Anne – A Feminist Architecture. Atlanta: [s.n.], June 1988. Tese apresentada à Faculty of the Division of Graduate Studies, Georgia Institute of Technology.

LANG, Evelyne – Les Premières femmes architectes de Suisse. Lausanne: [s.n.], 1992. Tese de Doutoramento apresentada ao Departement d'Architecture, École Polytechnique Federale de Lausanne.

MATSUZAKI, Eva – Consultations & Roundtables on Women in Architecture in Canada. Ottawa: [s.n.], 19 December 2003. Tese apresentada ao Royal Architectural Institute of Canada.

SÁ, Flávia Carvalho de – Profissão: Arquiteta : Formação profissional, mercado de trabalho e projecto arquitectónico na perspectiva das relações de género. São Paulo: [s.n.], 2010. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

WHITE, Deborah – Masculine Constructions : Gender in twentieth-century architectural discourse : 'Gods', 'Gospels' and 'tall tales' in Architecture. Adelaide: [s.n.], Outubro 2001. Tese de Doutoramento apresentada à University of Adelaide, School of Architecture, Landscape Architecture and Urban Design.

TROGAL, Kim – Feminine tactics in architecture. Sheffield: [s.n.], 3 March 2003. Tese apresentada à University of Sheffield, School of Architecture.

VENOY, Melissa – Revaluing Gender-Based Symbolism In Architecture. Cincinnati: [s.n.], 2003. Tese de mestrado apresentada à Division of Research and Advanced Studies of the University of Cincinnati, School of Architecture and Interior Design of the College of Design Architecture Art and Planning.

Revistas

DIAS, Manuel Graça, dir. – J.A : Ser Mulher : Being a Woman, Jornal dos Arquitectos, nº242, Julho/Agosto/Setembro 2011. ISSN 0870-1504

FIGUEIRA, Jorge, coord. – Revista de Cultura Arquitectónica : Joelho #1: Mulheres na Arquitectura, Coimbra : Edarq, Março 2010. ISSN 0874-6168

Artigos

ADAMS, Annmarie – Architecture For Feminism?: The Design of the Women's Library. Atlantis : A Women's Studies Journal, London, vol.29.1 (Fall/Autumn 2004), pp.99-105. ISSN: 0702-7818

AGREST, Diana – “Architecture from without: Body, Logic and Sex”. In RENDELL, Jane, PENNER, Barbara, BORDEN, Iain, ed. lit. – **Gender Space Architecture : An interdisciplinary introduction**, London: Routledge, 2000, pp. 358-370. ISBN 0-415-17253-5

AHRENTZEN, Sherry, ANTHONY, Kathryn H. – **Sex, Stars, and Studios: A Look at Gendered Educational Practices in Architecture**. Journal of Architectural education (1984-), vol.47, nº1 (Setembro 1993), pp.11-29. ISSN 1046-4883

ARAÚJO, Anete – Espaço privado moderno e o Raumplan de Adolf Loos. Revista de Urbanismo e Arquitetura, vol. 6, nº1 (2003), pp.148-154. ISSN 0101-1766

AZCÁRATE, Teresa – Mujeres buscando escenas y espácos propios. Nueva Sociedad, nº135 (Janeiro/Feveireiro 1995), pp.78-91. ISSN 0251-3552

BETSKY, Aaron – “The Man Made World”. In BETSKY, Aaron, **Building Sex: Men, Women, Architecture, and the Construction of Sexuality**, New York: William Morrow and Company, 1995. ISBN 0-688-13167-0

BLOOMER, Jennifer – “Big Jugs”. In KROKER, Arthur, KROKER, Marilouise, ed. lit. – **The Hysterical Male: New Feminist Theory**, London: Macmillan, 1991, pp. 13–27. ISBN 0-312-05297-9

BUCKLEY, Cheryl – “Made in Patriarchy: Toward a feminist analysis of women and design”. In MARGOLIN, Victor, ed. lit. – **Design Discourse : History, Theory, Criticism**, Chicago: The University of Chicago Press, 1989, pp.251-264. ISBN 0-226-50513-8

BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch – Ritos e igualdade de gênero: uma análise da potencialidade de construção de (des)igualdade de gênero nos ritos. Horizonte, Belo Horizonte, vol. 6, nº12 (Jun. 2008), pp.127-143. ISSN 2175-5841

CEVEDIO, Mónica – Arquitectura y género, espácio publico/espácio privado. Serie Mujeres, vocês y propuestas, Mora, nº13 (2007). ISSN 0328-8773

COLOMINA, Beatriz – “Battle Lines: E. 1027”. In HUGHES, Francesca, ed. lit. – **The Architect : Reconstructing her practice**, Cambridge: The MIT Press, 1996, pp. 2-25. ISBN 0-262-08245-4

ERLEMANN, Christianne – “What is Feminist Architecture?”. In ECKER, Gisela, ed. lit. – **Feminist Aesthetics**. Trad. Harriet Anderson. London: The Women’s P, 1985, pp.125-134. ISBN 0-807-06729-6

FIGUEIRA, Jorge – Entrevista a Denise Scott-Brown. J.A : Ser Mulher : Being a Woman, Jornal dos Arquitectos, nº242 (Julho/Agosto/Setembro 2011), pp.28-33. ISSN 0870-1504

FIGUEIRA, Jorge – “Para acabar de vez com o pós-modernismo (ou nem por isso)”. Jornal Público, suplemento Ípsilon, nº7942 (6 Janeiro 2012), pp.24-26.

GOMES, Paulo Varela – “Arquitetura de Mulheres, mundo de homens: intervenções da DGEMN em mosteiros femininos extintos, 1930-50”, catálogo *Caminhos do Património: DGEMN, 1929-1999*, Lisboa, 1999. In GOMES, Paulo Varela – **14,5 Ensaios de História e Arquitectura**, Coimbra: Almedina, 2007, pp. 229-247. ISBN 978-972-40-3062-3

GORMAN, Carma R. – Reshaping and Rethinking: Recent feminist scholarship on design and designers. Design Issues, Massachusetts Institute of Technology, vol. 17, nº4 (Autumn 2001), pp.72-88. ISSN 0747-9360

HAYDEN, Dolores – What would a non-sexist city be like? Speculations on Housing, Urban Design, and Human Work. Signs, Suplemento Women and the American City, vol.5, nº3 (1980), pp.170-187. ISSN 0097-9740

HEYNEN, Hilde – **Places of the everyday. Women critics in architecture**. In Proceedings of the Conference, Gendered Landscapes : An Interdisciplinary Exploration of Past Place and Space. The Center for Studies in Landscape History, Pennsylvania State University, 2000, pp.113-120.

KENNEDY, Magrit I. – Toward a rediscovery of ‘feminine’ principles in architecture and planning. Women’s Studies International Quarterly, Oxford, vol.4, nº1 (1981), pp.75-81. ISSN 0148-0685

LICO, Gerard Rey A. – Architecture and Sexuality: The Politics of Gendered Space. Humanities Diliman (Janeiro-Junho 2001), pp.30-40. ISSN: 2012-0788

MCLEOD, Mary – “Everyday and ‘Other’ Spaces”. In COLEMAN, Debra, DANZE, Elizabeth, HENDERSON, Carol, ed. lit. – **Architecture and Feminism**, New York: Princeton Architectural Press, 1996, pp.1-37. ISBN 1-5689-8043-4

MCLEOD, Mary – Reflections of Feminism and Modern Architecture. Harvard Design Magazine, nº20 (Spring/Summer 2004), pp.1-3. ISSN 1093-4421

MCLEOD, Mary – Um sonho adiado: história feminista da arquitectura (A dream deferred: feminist architecture history). Trad. João Carvalhais. J.A : Ser Mulher : Being a Woman, Jornal dos Arquitectos, nº242 (Julho/Agosto/Setembro 2011), pp.98-105. ISSN 0870-1504

NOCHLIN, Linda – “Why Have There Been No Great Women Artists?”. In NOCHLIN, Linda – **Women, Art, and Power**, New York : Harper and Row, 1994, pp.145-178. ISBN 978-0064301831

POLLOCK, Griselda – “A Política da Teoria: Gerações e Geografias na Teoria Feminista e na História das Histórias da Arte”. In MACEDO, Ana Gabriela, org. – **Género, Identidade e Desejo: Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo**, Lisboa: Cotovia, 2002, pp.191-220. ISBN 972-795-042-6

RILEY, Denise – “Does a Sex have a History?”. In SCOTT, Joan Wallach – **Feminism & History**. Série Oxford Readings in Feminism. New York:

Oxford University Press, 1996, pp.17-33. ISBN 0-19-875169-9

BROWN, Denise Scott – “Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture”. In BERKELEY, Ellen Perry, ed. lit. – **Architecture: A Place for Women**, Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1989, pp.237-246. ISBN 0-8747-4231-5

SCOTT, Joan Wallach – “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”. In SCOTT, Joan Wallach – **Feminism & History**. Série Oxford Readings in Feminism. New York: Oxford University Press, 1996, pp.152-180. ISBN 0-19-875169-9

SMITH, Raynette Halvorsen – Intersections between Feminism and Post-modernism: Possibilities for Feminist Scenic Design. Journal of Dramatic Theory and Criticism, Spring 1990, pp.153-163. ISSN 0888-3203

VALORIA, Isabel Velásquez – El tiempo de las cerejas, Reflexiones sobre la ciudad desde el feminismo, Madrid : Colectivo de Mujeres Urbanistas, Julho 2000. ISSN 0251-3552

TIMMERMAN, Chris – Feminist Visions : Women at the Architectural Margins. Feminist Collections, University of Wisconsin, vol.31, nº4 (Fall 2010), pp.7-10. ISSN 0742-7441

WAJCMAN, Judy – “The Built Environment : Women’s Place, Gendered Place”. In WYER, Mary [et al], ed. lit. – **Women, Science and Technology: A Reader in Feminist Science Studies**, New York: Routledge, 2001, pp.194-208. ISBN 978-0415926065

WIGLEY, Mark – “Untitled: The Housing of Gender”. In COLOMINA, Beatriz, ed. lit. – **Sexuality and Space**, New Jersey: Princeton Papers on Architecture, 1992, pp. 326-389. ISBN 1-878271-08-3

WILLIS, Julie – Invisible Contributions: The problem of history and women architects. Architectural Theory Review, Routledge (1998), pp.57-68. ISSN 1326-4826

Online

ALEXANDER, Nancy – “The Ultimate within the Midst of Life: A Theory of Women’s Sacred Space, 2011 Architecture”, Culture, and Spirituality Symposium. [Consult. 20 Jan. 2012]. Disponível em WWW:<URL:http://www.acsforum.org/symposium2011/papers/alexander.pdf>.

CAMARGO, Mônica Junqueira de – “Uma possível composição do pensamento arquitetônico pós-moderno”, nº 057.02, ano 05, Setembro 2006. [Consult. 3 Out. 2012]. Disponível em WWW:<URL:http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/05.057/3131>.

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da – “Teorias feministas: da ‘questão da mulher ‘ao enfoque de gênero’”, RBSE 8, vol.24, Dezembro 2009,

pp. 738-757. [Consult. 21 Mai. 2011]. Disponível em WWW:<URL:http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Conceicao_art.pdf>.

FERNANDES, Gabriel de Andrade – “Arquitetura e gênero: precisamos de uma Barbie arquiteta?”, 24 Abril 2011. [Consult. 15 Set. 2011]. Disponível em WWW:<URL:<http://notasurbanas.blog.com/2011/04/24/>>.

ELLISON, Jesse – “Zaha Hadid and Tina Brown Discuss Architecture, Feminism, and More”, 15 Novembro, 2011. [Consult. 22 Mai. 2012]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.thedailybeast.com/articles/2011/11/15/zaha-hadid-and-tina-brown-discuss-architecture-feminism-and-more.html>>.

FULCHER, Merlin – “‘Alarm’ as number of women architects falls for first time in nearly a decade”, The Architects’ Journal, 11 November 2010. [Consult. 20 Mai. 2012]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.architectsjournal.co.uk/news/daily-news/alarm-as-number-of-women-architects-falls-for-first-time-in-nearly-a-decade/8607979.article>>.

HEUMANN, Michael – “Machine + War - Woman = Futurism: Marineti’s Recreation of Creation”, 1998. [Consult. 2 Fev. 2012]. Disponível em WWW:<URL:<http://thelibrary.hauntedink.com/ghostinthemachine/ch3.html>>.

MARTIN, Ian – “Men of Architecture - How Sexist Are You? Take Ian Martin’s survey”, The Architects’ Journal, 27 March 2009. [Consult. 20 Mai. 2012]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.architectsjournal.co.uk/men-of-architecture-how-sexist-are-you-take-ian-martins-survey/1996005.article>>.

OUROUSSOFF, Nicolai – “Keeping houses not building them”, New York Times, 31 October 2007. [Consult. 24 Jan. 2012]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.nytimes.com/2007/10/31/arts/design/31woma.html>>.

RAMOS, Celeste – “Será que há arquitetura no feminino?”, 4 Abril 2006. [Consult. 18 Dez. 2011]. Disponível em WWW:<URL:<http://infohabitar.blogspot.com/2006/04/arquitetura-no-feminino-um-artigo-de.html>>.

RUBINO, Silvana B. – “Memórias de uma moça (nem tão) bem comportada”, nº 08.089, ano 08, Maio 2009. [Consult. 18 Dez. 2011]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.089/3040>>.

SOBRAL, Cláudia - “Roteiro Feminista quer mostrar que Lisboa também é das mulheres”, Jornal Público, 28 Outubro 2010. [Consult. 1 Dez. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.publico.pt/Cultura/roteiro-feminista-quer-mostrar-que-lisboa-tambem-e-das-mulheres-1463217>>.

WRIGHT, Sarah H. – “Santos’ talk gives history of women in architecture”, 2 March 2005. [Consult. 25 Mai. 2012]. Disponível em WWW:<URL:<http://web.mit.edu/newsoffice/2005/santos-0302.html>>.

ZIMMERMAN, Tegan – “A Feminist Aesthetic of Nature”, vol.3, no.1, 2011, pp.173-180. [Consult. 24 Jan. 2012]. Disponível em WWW:<URL:<http://rupkatha.com/V3/n1/16A-Feminist-Aesthetics-of-Nature.pdf>>.

Associações, Conferências e Eventos relacionadas com o tema Arquitectura/Feminismo/Género/Arquitectas.

Portugal

1. 1º Congresso da Rede Europeia da História da Arquitectura, Guimarães (17-06 a 20-06 de 2010) – *Profession & Patronage Session: The Changing Status of Women in Architecture between the Wars* (moderado por Meredith L. Clausen, University of Washington, EUA, e Anne-Marie Châtelet, École Nationale Supérieure d'Architecture de Strasbourg, França).

-“Should Women Build?”, C. Isabel Bauer, Independent scholar, Berlim, Alemanha,

- “Emma Strada and Ada Bursi: The First Civil Engineer and Architect in the Italian Capital of Industry, Turin”, Caterina Franchini, USAC - Torino / [Politécnico di Torino], Itália,

- “Jewish Women Garden Designers and Modern Architecture in Vienna”, Iris Meder, University of Natural Resources and Applied Life Sciences, Vienna / Ulrike Krippner, [University of Natural Resources and Applied Life Sciences, Vienna], Áustria,

-“Never be a feminist, that’s important: Four European women architects, 1928-1938”, Mary Pepchinski, Hochschule für Technik und Wirtschaft, Dresden, Alemanha,

-“Being a Female Architect in Portugal: A Short Introduction to a Long Ride”, Patricia Santos Pedrosa, [Universitat Politècnica de Catalunya], Espanha.

2. Colóquio e exposição *Mulheres na Arquitectura*, coordenada por

Jorge Figueira (Coimbra, Março 2010), dos quais resultou a Revista de Cultura Architectónica JOELHO #1 Mulheres na Arquitectura, Coimbra : EDARQ/Universidade de Coimbra, Março 2010.

Estes eventos inseriram-se no âmbito da XII Semana Cultural da Universidade de Coimbra, cujo tema foi a “Causa Pública – O Público e o Mediático”, e propôs constatar, analisar e comemorar a crescente presença da mulher na Universidade e, em particular, na Arquitectura. O colóquio *Mulheres na Arquitectura* fez uma recapitulação da presença da mulher na história da arquitectura do século XX, apresentou trabalhos de investigação de jovens arquitectas (como testemunho dessa presença e vitalidade) e debateu a presença pública e a contribuição da mulher em diversos planos – arquitectura, história, crítica, investigação – no panorama português. Intervenientes e temas abordados:

- “As mulheres e a cidade”, Helena Roseta (Arquitecta e vereadora da Câmara Municipal de Lisboa),

- Trabalhos de investigação: “Novas Memórias” (Carla Lopes), “Plugged, Inserção Mecânica na arquitectura desde a Revolução Industrial à Revolução Digital (Liliana Carvalho), “Turismo para a construção de uma paisagem cultural. Sedução, Símbolo, Autenticidade (Filipa Cabrita), “Cidade Sentida” (Inês Antunes), “Das Exposições Universais ao Shopping Center (Telma Silva), “Recycling Manhattan (Joana Bem-Haja),

- “Olhar para as Estrelas. Notas sobre o Feminino/Masculino na Arquitectura, Jorge Figueira (D’Arq- FCTUC, CES),

- “Rupturas e Continuidades no Processo de Feminização da Arquitectura”, Virgínia Ferreira (FEUC, CES),

- “Mulheres arquitectas: para uma História das Mulheres na Arquitectura”, Ana Tostões (IST, Presidente do Docomomo),

- “Uma Casa que não seja eu”, Graça Abranches (Professora do ensino secundário aposentada),

- Debate de encerramento com a participação de Paulo Varela Gomes (D’Arq- FCTUC, CES).

3. Seminário *A produção do espaço no feminino: as visões de 3 mulheres*, por Silvana Rubino (Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 15 Janeiro 2010).

4. *Jornal Architectos, Ser Mulher : Being a Woman*, Jornal dos Architectos nº242, Julho/Agosto/Setembro 2011.

Com editorial “A Mulher do Arquitecto” e “Maria Carlota Quintanilha: Uma arquitecta em África” (Ana Vaz Milheiro), entrevista de Jorge Figueira a Denise Scott-Brown, “Uma casa de Má fama: E.1027” de Beatriz Colomina (Trad. por João Carvalhais), “Um Sonho Adiado: história feminista da arquitectura” de Mary McLeod (Trad. de João Carvalhais), “Trazer a família para dentro do atelier” (Inês Lobo, entre outros.

Espanha

I. Associação de arquitectas espanholas *La Mujer Construye*.

“(…) un proyecto cultural abierto, colectivo y solidario, concebido por un grupo de arquitectas españolas cuyo objeto es el de apoyar, difundir y promocionar la arquitectura dentro de la sociedad así como reflexionar sobre el papel profesional de las mujeres en el diseño de los espacios construidos (...) El equipo de trabajo La Mujer Construye propone la creación de esta asociación como una herramienta para la investigación y el desarrollo de nuevas propuestas, avaladas por la experiencia de las arquitectas, arquitectos y profesionales del espacio construido que la integren”.

Objetivos da Associação *La Mujer Construye*, desde 1995:

- “Crear de una red de profesionales del diseño del espacio habitado, a nivel internacional, abierto al debate, a la crítica y a la autocrítica, un espacio colectivo y solidario, respetuoso y tolerante, en el que, lejos del individualismo y la competitividad, sea posible el pensamiento”,

- “Analizar cuales son las actitudes y aportaciones de la mujer al mundo de la arquitectura y de la construcción, asumiendo nuestro modelo como forma de integración. Creemos que la diferencia no supone la No-Igualdad”,

- “Divulgar la obra de las arquitectas o equipos en los que su participación sea significativa a través de exposiciones reales y virtuales”,

- “Apoyar solidariamente a la mujer arquitecta y a todas las profesionales relacionadas con el mundo de la construcción, cuya función resulta en muchas ocasiones socialmente incomprendida, deseando que este apoyo sirva de estímulo y reconocimiento a tanto trabajo responsablemente realizado y sea base para posibles trabajos y encargos”,

- “Impulsar la realización de trabajos de investigación, teóricos y prácticos, orientados a la creación de una línea de pensamiento propio respecto al diseño de los espacios construidos e impulsar así mismo la convocatoria de concursos y proyectos donde las arquitectas puedan participar”,

- “Participar ante Organismos Nacionales e Internacionales consultivos y de toma de decisiones en los que comienza a demandarse la presencia de mujeres profesionales de la arquitectura y el urbanismo”,

- “Construir un espacio web en internet en el que las arquitectas puedan mostrar sus proyectos, sus obras construidas y sus reflexiones sobre la arquitectura y puedan estar informadas sobre las actividades de la asociación y otras de su interés”,

- “Dar a conocer la obra de singulares arquitectas del pasado cuyo trabajo fue silenciado por la Historia”,

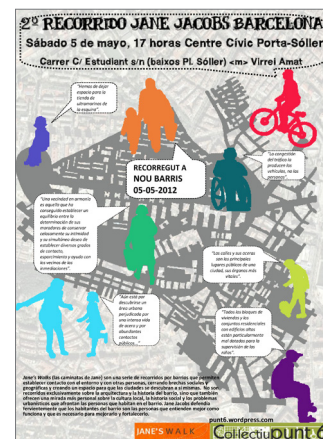
- “Transmitir a los jóvenes arquitectas, arquitectos y a los estudiantes de arquitectura, la experiencia profesional y darles nuestro apoyo en la profesión que están iniciando”.

(Disponível online em WWW:<URL:http://www.lamujerconstruye.org>.)

FIGURAS 100 e 101 | Caminhada Jane Jacobs en Nou Barris, Colectivo de Col·lectiu punt 6, Barcelona, 5 de Maio 2012. Disponível online em WWW:<URL:http://punt6.wordpress.com/2012/04/13/caminata-jane-jacobs-en-nou-barris/>. [Consult. 25 Mai. 2012]



FIGURA 102 | Las Jornadas Internacionales de Arquitectura y Urbanismo desde la Perspectiva de las Arquitectas, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid, del 11 al 13 de Diciembre de 2008. Disponível online em WWW:<URL:http://generourban.blogspot.pt/2008/12/arquitectas-jornadas-internacionales-de.html/>. [Consult. 25 Mai. 2012]



2. Colectivo de Col.lectiu punt 6 - Catalunya

“(…) agrupación de profesionales de diferentes áreas que nos preocupa e interesa repensar las ciudades, los barrios y las arquitecturas para favorecer una vida sin discriminaciones de ningún tipo. Trabajamos por una ciudad que sea el reflejo de una sociedad que es diversa y aceptando esta diversidad pueda construir sus espacios de manera inclusiva (...) una agrupación que trabaja desde la perspectiva de género, fundamentalmente desde la experiencia cotidiana de las mujeres. Esta visión, inclusiva con el resto de la sociedad, considera la participación como instrumento indispensable en los proyectos y la sostenibilidad como criterio básico de desarrollo. Las mujeres que formamos el colectivo punto 6 provenimos de orígenes y experiencias vitales diferentes y, también, de diferentes áreas de conocimiento dentro de la arquitectura, urbanismo y sociología”.

(Disponível online em WWW:<URL:http://www.punt6.wordpress.com>.)

3. BOLETÍN CF+S 7 - MUJER Y CIUDAD. *Una visión de género sobre la vida cotidiana en la ciudad* (Instituto Juan de Herrera, Madrid, Octubre 1998, ISSN: 1578-097X).

4. Las Jornadas Internacionales de Arquitectura y Urbanismo desde la Perspectiva de las Arquitectas, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid, del 11 al 13 de Diciembre de 2008.

5. Ciudad de Mujeres.

Colectivo que nasceu de um fórum de mulheres em Novembro de 2002 e se converteu, posteriormente, num portal online feminista em Fevereiro de 2004, que passa por diversas áreas do conhecimento, incluindo o Urbanismo (com artigos disponíveis online):

- “La ciudad compartida “ (9 Jan. 2007, M^a Ángeles Durán Heras), “Género y ‘Capacidades diferentes’ en el espacio público urbano” (3 Dez. 2006, Martha Alonso Vidal), “Vivienda y Espacio Comunitario” (27 Nov. 2006, Anna Bofill Levi), “Ciudad y Mujer” (25 Abr. 2006, M^a José Lasasosa Castellanos), “La memoria como punto de partida”(25 Abr. 2006, Mayte Márquez González).

(Disponível online em WWW:<URL:http://www.ciudaddemujeres.com/articulos/-Urbanismo->.)

6. Congreso de Arquitectos de Espanha de 2009.

- “La Arquitectura, un lugar para las Mujeres” (Inés Sánchez de Madariaga Miércoles, 11.03.2009),

- “Las mujeres constructoras de ciudad desde los movimientos sociales urbanos” (Zaida Muxí Martínez, Tania Magro Huertas Miércoles, 11.02.2009),

- “Situación y perspectiva de las arquitectas en el ejercicio profesional” (Patricia Molina Costa Miércoles, 11.02.2009),

- “Como ser mujer arquitecto y... no morir en el intento” (Zaida Muxí Martínez, Ximena Covalada Miércoles, 11.02.2009),

- “Urbanismo con perspectiva de género” (Zaida Muxí Martínez y Roser Casanovas Miércoles, 11.02.2009),

- “E.1027 de Eileen Gray y Jean Badovici: una arquitectura para mejorar la vida (Carmen Espegel Alonso Miércoles, 11.02.2009),

- “Mujer y Arquitectura: Mujer sujeto y objeto de la arquitectura” (Carmen Espegel Alonso Miércoles, 11.02.2009),

- “Arquitectas – Arquitectos” (Atxu Amáñn Miércoles, 11.02.2009),

- “Arquitectas y Arquitectos en los escaparates de la comunicación cultural” (Margarita de Luxán García de Diego, Gloria Gómez Muñoz, Ana Vizcaíno de Luxán Miércoles, 11.02.2009),

- “Número, Género y Tecnología, Tres Claves De Futuro” (Beatriz Ruiz Olazabal Miércoles, 11.02.2009),

- “E pur si muove” (Elia Gutiérrez Mozo Miércoles, 14.01.2009).

(Disponível online em WWW:<URL:http://www.csaec.com/congresodearquitectos2009/index.php?option=com_customproperties&task=show&ordering=newest&Itemid=0&tagId=19&show_section=9>.)

Inglaterra

1. *Women in Architecture Conference ‘Creating Change’: a ‘Women in Architecture’*, International Conference, 17-19 Outubro 2010, Londres.

2. *Women’s Design Service*, Londres

“(…) was first constituted in 1987 by a group of women architects, designers and planners who were determined to help women’s groups access the skills they needed to find, adapt and improve buildings (...) Women’s Design Service wanted a future where all our buildings, transport systems, streets, parks and open spaces were designed to incorporate the needs of women”.

(Disponível online em WWW:<URL:http://www.wds.org.uk>.)

França

1. *Femmes architectes en Euro Méditerranée*, Anna Lindh Euro-Mediterranean Foundation for the Dialogue between Cultures e ARVHA (Association pour la recherche sur le Ville et l’Habitat), 2007.

Objectivos do projecto:

- Exposição sobre arquitectas na zona Euro-Mediterrânica e um site como dados sobre cada mulher e cada realização,

- Seminários e conferências com debates nacionais e internacionais,

- Criação de uma rede de “arquitectas euro-mediterrânicas” que permita ganhar poder para a sua integração no mundo da arquitetura e na mudança de comportamento,

- Uma apresentação no Congresso Mundial dos Arquitectos em Turim em

FIGURA 103 |
Portraits archi-féminins: Vingt femmes au coeur de l'architecture,
 exposição da
 Fondation pour
 l'Architecture,
 18 Octobre au 31
 Décembre 2011.
 "Vingt femmes
 liées au monde
 de l'architecture,
 photographiées
 par Gaël Turine
 et Loïc Delvaux,
 ouvrent le débat
 sur de nombreux
 métiers qui gra-
 vitent autour de
 l'architecture :
 mosaïste, doreuse,
 historienne de
 l'art, technicienne
 de chantier, expert
 géomètre, gestio-
 nnaire de permis
 d'urbanisme,
 photographe
 d'architecture,
 maquettiste, etc."
 Disponível online em
 WWW:<URL:http://
 jevaisconstruire.
 levif.be/construire-
 renovation/actualite/
 agenda/portraits-
 archi-feminins-20-
 femmes-au-coeur-
 de-l-architecture/
 agenda-4000005703264.
 htm>. [Consult. 25
 Mai. 2012]



FIGURA 104 |
Gender & Place in Refugee camps - Forgetting,
 Katherina
 Sommer. Dispo-
 nível online em
 WWW:<URL:http://
 www.ar.tum.de/
 fileadmin/media/
 downloads/frauenbe-
 auftragte_gender_se-
 minarbericht.pdf>.
 [Consult. 25 Mai.
 2012]

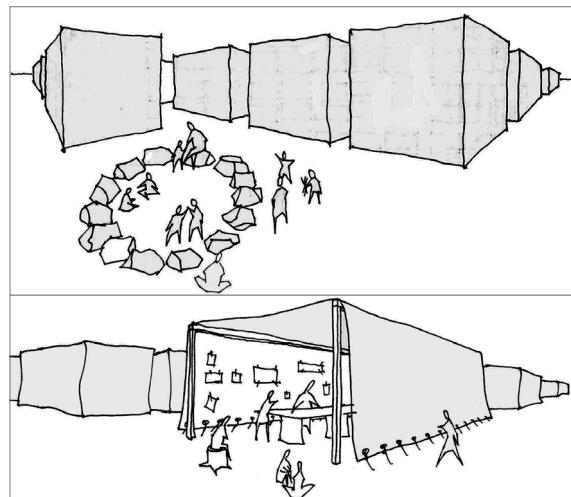


FIGURA 105 |
Gender & Place in Refugee camps - Separation
 Wanted, Sylvie
 Koberstein. Dispo-
 nível online em
 WWW:<URL:http://
 www.ar.tum.de/
 fileadmin/media/
 downloads/frauenbe-
 auftragte_gender_se-
 minarbericht.pdf>.
 [Consult. 25 Mai.
 2012]



2008 por ARVHA e Marrocos ENA.

- Filme (Disponível online em WWW:<URL:http://www.arvha.org/sitescd/euromed/femmes6/filmFR.html>).

(Disponível online em WWW:<URL:http://www.arvha.org/sitescd/euromed/femmes6/>.)

2. *Portraits archi-féminins: Vingt femmes au coeur de l'architecture*, exposição da Fondation pour l'Architecture, 18 Octobre au 31 Décembre 2011.

3. *Union Française Des Femmes Architectes*.

Alemanha

1. *Gender & Place in Refugee camps*, Seminar Wintersemester 2005/06, Marisol Rivas Velázquez, Technische Universität München.

Contribuições: “The Classroom” (Anton Hiller, DE), “Community Agencies” (Petra Kittel, DE), “Separation Wanted” (Sylvie Koberstein, DE), “Updating” (Jakob Kucera, CZ), “Ideal Camp” (Vendula Melkusová, CZ), “Breaking Barriers” (Tomas Rose, CZ), “Female Space” (Lisa Thaler & Nora Wuttke, DE), “Scenarios” (Jana Schaper, DE), “Forgetting” (Katherina Sommer, DE).

171 | 172

Holanda

1. *Bouwnetwerk*: Associação de Mulheres Arquitectas Holandesas.

Bouwnetwerk é um projecto com aproximadamente 170 membros que visa oferecer oportunidades de trabalho em rede e estimular o debate em reuniões na Holanda, realizadas 6 vezes ao ano (além de uma viagem anual ao estrangeiro). A ideia é dar cada vez mais visibilidade às arquitectas e aumentar o número de mulheres reconhecidas na arquitectura, através da investigação, de projectos e do debate.

(Disponível online em WWW:<URL:http://www.bouwnetwerk.net/>.)

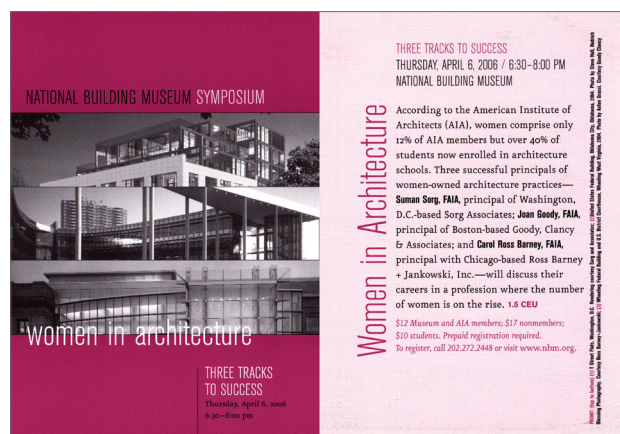
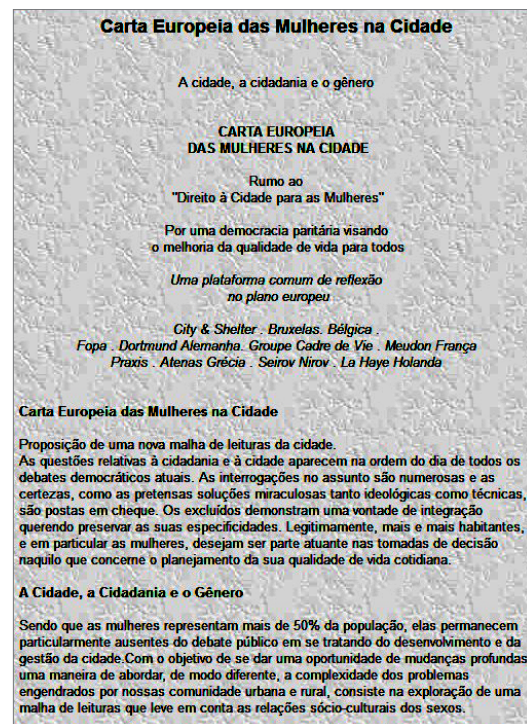
Suécia

1. *FATALE* - Feminist Architecture Theory Analysis Laboratory and Education (KTH -School of Architecture and the Built Environment, Estocolmo).

“FATALE is a group of researchers and educators at the School of Architecture, KTH, pursuing research and education within, and through, feminist architecture theory – a critical practice where gender acts as a significant analytical category, often through the intersection with other power relations. Our aim is to increase the awareness and knowledge about the effect of gender perceptions and assumptions on the subject of architecture – both how these perceptions are promoted within education, and how they are formed, reproduced and maintained in professional life – as well as the effect of architecture, as built environment, on gender perceptions, and further to use this critical perspective to reform and revitalize the subject”.

FIGURA 106 |
Excerto da *Carta Europeia das Mulheres nas Cidades*, 1994. Disponível online em WWW:<URL:http://www.cityshelter.org/03.charte/chartes/03charte-pt.htm>. [Consult. 25 Mai. 2012]

FIGURA 107 |
Flyer para o programa *Three Tracks to Success*, patrocinado pela BAAF, 6 de Abril 2006, The National Building Museum. “Three successful principals of women-owned architecture practices—Suman Sorg, FAIA, principal of Washington, DC-based Sorg Associates; Joan Goody, FAIA, principal of Boston-based Goody, Clancy & Associates; and Carol Ross Barney, FAIA, principal with Chicago-based Ross Barney + Jankowski, Inc.—discussed their careers.” Disponível online em WWW:<URL:http://bwaf.org/national-building-museum-2006/>. [Consult. 25 Mai. 2012]



(Disponível online em WWW:<URL:http://researchprojects.kth.se/index.php/kb_7796/io_10197/io.html> e em WWW:<URL: <http://www.fatale.nu/>>.)

Áustria

1. *Frauen-Werk-Stadt: A Housing Project by and for Women in Vienna*, Viena (Experiência seleccionada no Concurso de Boas Práticas, patrocinado pelo Dubai, de Setembro de 1992 a 1997).

(Disponível online em WWW:<URL: <http://www.unesco.org/most/westeu19.htm>>.)

Carta Europeia das Mulheres na Cidade (1994, pela Unidade pela Igualdade de Oportunidades da Comissão da União Europeia). Rumo ao “Direito à Cidade para as Mulheres” e por uma democracia paritária visando a melhoria da qualidade de vida para todos.

Uma plataforma comum de reflexão no plano europeu: “Sendo que as mulheres representam mais de 50% da população, elas permanecem particularmente ausentes do debate público em se tratando do desenvolvimento e da gestão da cidade. Com o objetivo de se dar uma oportunidade de mudanças profundas, uma maneira de abordar, de modo diferente, a complexidade dos problemas engendrados por nossas comunidade urbana e rural, consiste na exploração de uma malha de leituras que leve em conta as relações sócio-culturais dos sexos”.

(Disponível online em WWW:<URL: <http://www.cityshelter.org/03.charte/chartes/03charte-pt.htm>>.)

Estados Unidos da América

1. *The Beverly Willis Architecture Foundation* (BAAF): “expanding knowledge about women’s contributions on the built environment”:

- The Collection of Women of 20th-century American Architecture,
- Built by Women Archive,
- In Memoriam Archive (In respect and admiration),
- Com uma extensa bibliografia sobre o tema (9 grupos temáticos),
- Museum Events.

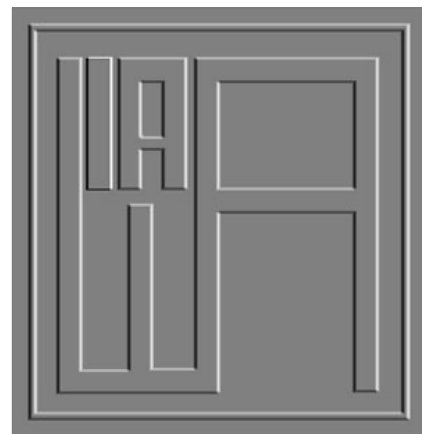
“Women Architects and Designers — Surveys are general examinations of the work of women architects and their practices, monographs explores the work and lives of individual practitioners. Gender and Race in Architectural Practice focuses on the often-hidden messages and meanings architecture conveys to our diverse population, as well as to the members of the profession itself. Women and Architecture Schools looks at the role of women students and faculty in the nation’s accredited architecture programs and the obstacles they face. Gender and Planning looks at the role of gender in the layperson’s understanding of the constructed environment and its meanings, as well as the role of gender in public planning efforts. Women and Housing focuses on

FIGURA 108 |
Striking a Balance,
 patrocinada por
*Chicago Women
 in Architecture*,
 Hafele America
 Company, 20
 Julho 2010.
 “Striking a ba-
 lance between an
 Architect Parent’s
 professional and
 personal lives.
 Chicago Women
 in Architecture is
 organizing a panel
 discussion in order
 to clarify current
 issues and explore
 ideal situations for
 integrating one’s
 family life into
 one’s life as an
 architect. How do
 people do it? How
 can the workplace
 help integrate a
 parent’s two lives?
 Must “family”
 and “work” be
 separate? How can
 they be combined
 for everyone’s
 benefit? Hear
 some stories; bring
 your questions.
 Disponível online em
 WWW:<URL:http://
 www.flickr.com/
 photos/hafeleame-
 rica/4815639885/
 lightbox/>. [Consult.
 25 Mai. 2012]



FIGURA 109 |
 Imagem gráfica da
*Chicago Women
 in Architecture*.
 Disponível online em
 WWW:<URL:http://
 lynnbecker.com/re-
 peat/calendar/10July/
 current.htm>. [Con-
 sult. 25 Mai. 2012]

FIGURA 110 |
 Logotipo de
*International
 Archive of Women
 in Architecture*.
 Disponível online em
 WWW:<URL:http://
 spec.lib.vt.edu/ima-
 gebase/IAWA/full/
 sc14.jpeg>. [Consult.
 25 Mai. 2012]



the role of women in the development of housing, housing types, and housing quality. *Feminism and Architecture* presents feminist interpretations of architecture, architectural history, and architectural theory. Research Surveys are pieces that describe the state of research about women in architectural history.”

(Disponível online em WWW:<URL:<http://bwaf.org/>>.)

2. *Association for Women in Architecture + Design*, desde 1922.

“The Association for Women in Architecture – Los Angeles is a Professional Education organization dedicated to advancing and supporting the positions of women in architecture and allied fields. In the 1960’s, when support for professional women broadened, the organization split into local chapters to facilitate better regional representation. The AWA provides support to its members, especially those starting out in their professions and running their own firms, by developing educational programs, lectures and tours, and by providing opportunities for mentoring and mutual support. The AWA also raises money for annual scholarship awards to women students pursuing degrees in architecture or allied fields. A non-profit Foundation was formed in 1999 to better facilitate this annual mission, and to soon provide grant opportunities for women already practicing in their professions”.

(Disponível online em WWW:<URL:<http://awa-la.org/>>).

3. *Chicago Women in Architecture*.

(Disponível online em WWW:<URL: <http://www.cwarch.org/HTML/about%20us.htm>>).

4. *International Archive of Women in Architecture*, Virginia Polytechnic Institute and State University .

Congressos e exposições (ano, país e temas debatidos):

- 1963, Paris (França), primeiro congressos e exposição internacionais sobre as realizações das mulheres em arquitetura - “Women in Architecture in the World” e “The requirements of the Modern City formulated by Women”,

- 1969, Mónaco (Monte Carlo) - “The contribution of Women Architects in the Design of the New Cities”,

- 1972, Bucareste (Roménia) - “Proposals and Cooperation of Women Architects for making the New Urban Areas more friendly”,

- 1976, Ramsar (Irão) - “Integration of existing communities in the development of urban ares and their achievements”, “Cultural overturning of the communities facing quick transformations”, “Development of a peaceful architecture” e “Rehabilitation of historical sites in order to preserve a cultural identity”;

- 1978, Paris (França, Centre Pompidou)

- 1979, Seattle (EUA) e exposição em American Institute of Architects and AWA (Association of Women in Architecture of Los Angeles) - “New Design Concept inspired by changes in progress”,

- 1979, Berlim (Alemanha), primeiro workshop - “Women in Architecture and Urban Planning”,

FIGURA 111 |
Exposição *Contributions of Women Architects to the Man-Made Environment Exhibit*, 16 Março até 3 Abril, 1998. “This exhibit featured selected work from the collections of 15 women architects who have donated work to the International Archive of Women in Architecture (IAWA). Wallace Hall, Virginia Polytechnic Institute and State University.” Disponível online em [WWW:<URL:http://spec.lib.vt.edu/imagebase/IAWA/full/IMG0015.jpg>](http://spec.lib.vt.edu/imagebase/IAWA/full/IMG0015.jpg). [Consult. 25 Mai. 2012]



FIGURA 112 |
Capa do livro *Women Designers in the USA, 1900-2000: Diversity and Difference*, de Pat Kirkham. Disponível online em [WWW:<URL:http://risd.libguides.com/content.php?pid=100566&sid=754960>](http://risd.libguides.com/content.php?pid=100566&sid=754960). [Consult. 10 Mai. 2012]

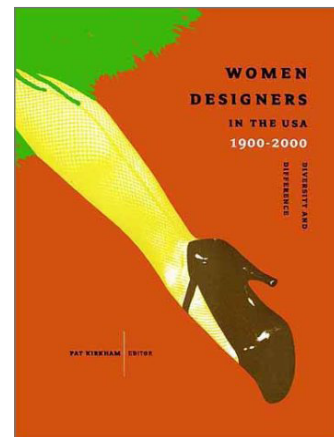
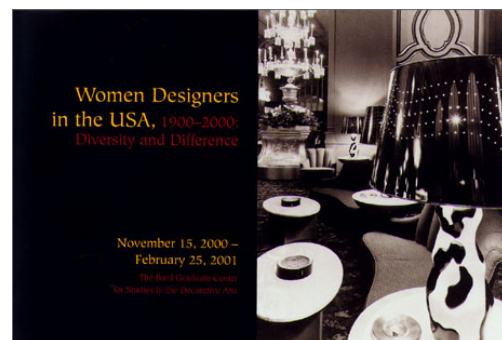


FIGURA 113 |
Exposição *Women Designers in the USA, 1900-2000: Diversity and Difference*, da curadoria de Pat Kirkham (The Bard Graduate Center for Studies in the Decorative Arts, Design and Culture, Nova Iorque). Disponível online em [WWW:<URL:http://www.awidweb.com/pages/bcg_exhibit.html>](http://www.awidweb.com/pages/bcg_exhibit.html). [Consult. 10 Mai. 2012]



- 1981, Berlim (Alemanha), segundo workshop - “Participation of resident people in the design of their environment”,
- 1983, Paris (França) e exposição em Grand Palais des Congres (Porte Maillot) - “Constructions and Environement for Children”,
- 1984, Berlim (Alemanha) e exposição em History of Women in Architecture - “Housing and Environement”,
- 1988, Washington (EUA) - “Housing, an international issue”, onde se recordam os 100 anos da graduação da primeira mulher em arquitectura nos EUA,
- 1991, Copenhaga (Dinamarca) - “The identity in Architecture” (to preserve and to keep the characteristics in the Architecture of each country),
- 1993, Cidade do Cabo (África do Sul) - “Organisation of Construction Environment in the Developing World”,
- 1996, Budapeste (Hungria) - “Refurbishment and Rehabilitation of National Patrimony”,
- 1998, Tóquio (Japão) - “The Human Being, the Architecture and the City towards a symbiotic reunion with the Environement”,
- 2001, Viena (Áustria) - “Before and after the active life” (construction and environement for children, students and aged people),
- 2003, Toulouse (França) - “Participation of Architect Women after a cities and environment disasters (cataclysms)”, “Which are the conditions the architect women have to face in order to show their capabilities and to give their subscription of the world evolution, dominated by men!” e “The architect women from an anonymous person to her consecration”,
- 2007, Bucareste (Roménia) - “Identity” (Preservation, Conservation, Valorisation and Rehabilitation of historical sites in order to preserve a cultural identity) e “The identity in Architecture”(to preserve and to keep the characteristics in the Architecture of each culture).
- 2010, Seul (Coreia do Sul), KIFA (Korean Institute of Female Architects - “Green Environment”.

(Disponível online em WWW:<URL:http://spec.lib.vt.edu/IAWA/>).

5. *Architecture: A Woman’s Profession and Fallow City Project*, livro e exposição, Los Angeles (Novembro 2011-).

6. *Women Designers in the USA, 1900-2000: Diversity and Difference*, curadoria de Pat Kirkhem, exposição e catálogo em The Bard Graduate Center for Studies in the Decorative Arts, Design and Culture, Nova Iorque, de 15 de Novembro de 2000 a 25 de Fevereiro de 2001.¹

7. *Women and Architecture: Selected Bibliography and Guide to Sources* - Architecture Studies Library, University of Nevada, Las Vegas.

Temas: “Women and Architecture”, “Women and Interior Design”, “Women and Landscape Architecture” (Updated October 2005).

FIGURA 114 | Filme *Eileen Gray: Invitation to a voyage*, directed by Jorg Bundschunh, 2006. Em TIMMERMAN, Chris – “Feminist Visions : Women at the Architectural Margins”, *Feminist Collections*, v.31, no 4, Fall 2010, p.8.

FIGURA 115 | *Feminist Visions: Women at the Architectural Margins*, Miriam Greenwald. TIMMERMAN, Chris – “Feminist Visions : Women at the Architectural Margins”, *Feminist Collections*, v.31, no 4, Fall 2010, p.10.

FIGURA 116 | *A Girl is a Fellow Here: 100 Women Architects in the Studio of Frank Lloyd Wright* (2009): “The film is peppered with gender issues-stories about how women pitched hay and men cooked. But what one takes away from it is the amazing legacy of architecture that these 100 Taliesin fellows have left behind. As Eleonore Pettersen says in the film, ‘It was a beautiful life’.” (Kristi Cameron, 11 June 2009). Disponivel online em WWW:<URL:http://www.metro-polismag.com/pov/20090611/wright-by-women>. [Consult. 10 Mai. 2012]



(Disponível online em WWW:<URL:http://library.nevada.edu/arch/rsrce/resguide/archwom.html>.)

8. *The Organization of Women Architects and Design Professionals*

Berkeley, criada em 1973. Objectivos da organização:

- “Improve the professional standing of women in architecture and design-related fields; promote networking opportunities among our members and related professional groups; provide support for women entrepreneurs and business owners in the design industry, advocate young women and students entering design related fields through mentoring, education, and employment opportunities; support women in creating a healthy balance between their professional and personal lives”.

(Disponível online em WWW:<URL:http://owa-usa.org/>.)

9. “Feminist Visions : Women at the Architectural Margins”, University of Wisconsin System/Women’s Studies Consortium, artigo de Chris Timmerman no jornal *Feminist Collections* (v.31, no 4, Fall 2010, pp. 7-10) no qual aborda os filmes produzidos sobre o tema da mulher na arquitectura:

- “*A day with Zaha Hadid*. 52 mins. Directed by Michael Blackwood, 2004”,
- “*A Girl is a Fellow Here: 100 Women Architects in the Studio of Frank Lloyd Wright*. 15 mins. Directed by Beverly Willis Architecture Foundation, 2009”,
- “*Eillen Gray: Invitation to a voyage*. 52 mins. Directed by Jorg Bundschunh, 2006”,
- ” *Women and Architecture: Public Space, Public Work*. 25 mins. Film for the Humanities and Sciences, 1995”.

10. *Gender Space Architecture*

“(…) the work of an undergraduate course in Women’s Studies focusing on culture, geography and the built environment. Content is student-generated and will be updated throughout the semester to serve as a resource. As a reference, the class is using *Architext’s Gender Space Architecture* reader, edited by Iain Borden, Barbara Penner, and Jane Rendell”.

(Disponível online em WWW:<URL:http://genderspacearchitecture.blogspot.pt/>.)

11. *Places & Spaces of the Gender Conference Community*

“This mapping project takes a look the community of academics, thinkers, artists, and designers who comprise the 2011 Gender, Sexuality and Urban Space Conference at MIT (...) As we investigate the terms ‘queer space’, ‘queer planning,’ and ‘queer architecture,’ we also find it important to recognize and record the definitions held by our community of academics who are interested in similar issues of gender, sexuality, and space.”

(Disponível online em WWW:<URL:http://www.flickr.com/photos/shkizzle/5518366448/in/photostream/>.)

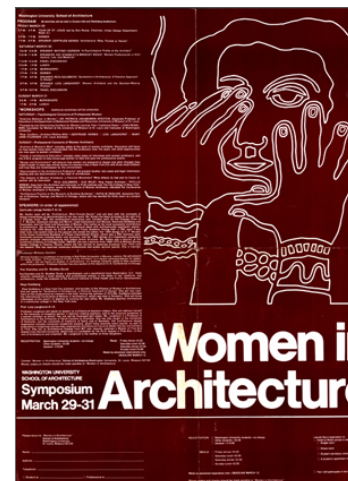
12. *Zaha Hadid and Tina Brown Discuss Architecture, Feminism, and More*. “It’s also a profession that doesn’t have many women,” refere Zaha

¹ Ver a exposição em comparação com o livro editado por Joan Rothschild - *Design and Feminism: Re-Visioning Spaces, Places, and Everyday Things* (New Brunswick, NJ : Rutgers University Press, 1999), em GORMAN, Carma R. – *Reshaping and Rethinking: Recent Feminist Scholarship on Design and Designers* (2001).

FIGURA 117 | *Places & Spaces of the Gender Conference Community* (MIT, 2011). Disponível online em [WWW:<URL:http://www.flickr.com/photos/shkizzle/5518366448/>](http://www.flickr.com/photos/shkizzle/5518366448/). [Consult. 10 Mai. 2012]



FIGURA 118 | *Organizing Voices: Exploring the 1974 Women in Architecture Symposium at Washington University in St. Louis, 2011.* “The symposium’s program, created by the members of the original consciousness-raising group, records a full schedule of lectures, workshops and social events. Students also organized a month-long exhibition that featured student work and projects by practicing women architects.” Disponível online em [WWW:<URL:http://organizing-voices.tumblr.com/>](http://organizing-voices.tumblr.com/). [Consult. 10 Mai. 2012]



Hadid “Maybe there’s just more work to be done.”. 15 Novembro 2011.

(Disponível online em WWW:<URL:http://www.thedailybeast.com/articles/2011/11/15/zaha-hadid-and-tina-brown-discuss-architecture-feminism-and-more.html>.)

13. *Organizing Voices: Exploring the 1974 Women in Architecture Symposium at Washington University in St. Louis*, por Lindsay Nencheck, 2011.

“The 1974 Symposium was the first conference of its kind held within the United States, but reflected growing awareness of the problems facing women in architectural practice across the country. The surge of interest surrounding the intersection of gender and architecture owed much to the slow, but steady, rise in the numbers of female architects, designers, and theoreticians practicing within the United States. The prevalence of student activism and growth of the feminist movement, however, provided the impetus for transforming interest into action.”

“Introduction” (Hannah Roth), “Architecture: Man/Woman/Neuter” (Gertrude Lempp Kerbis), “A Psychological Profile of the Architect” (Whitney Gordon), “Women Professionals in Architecture, Law and Medicine” (Kay Standley e Bradley Soule), “Panel Discussion: Role Problems Facing Professional Women”, “Symbolism in Architecture: A Feminist Approach to Design” (Regi Goldberg), “Women Architects and Their Potential Roles in Creating Family Environment” (Lois Langhorst, AIA).
(Disponível online em WWW:<URL:http://organizing-voices.tumblr.com/>.)

Canadá

1. *L’Architecture au féminin: Une profession à redéfinir*, livro de Annmarie Adams e Peta Tancred, editado por Les Éditions du remue-ménage, 2002. (ISBN : 2-89091-198-5) Vagueando pela ideia de “arquitetura no feminino”, as autoras revelam as arquitectas canadenses (que entraram na disciplina nos anos 1920) ao mesmo tempo que empurram os limites da profissão, tendo por base documentos originais, dados não publicados, desenhos, projectos e entrevistas.

2. *Consultations & Roundtables on Women in Architecture in Canada*, relatório apresentado ao Royal Architectural Institute of Canada por Eva Matsuzaki (PP/FRAIC) com assistência de Patricia Gibb, 19 de Dezembro de 2003.

Objectivos do projecto - “The project will enable key players in practice, universities and research agencies, as well as other design professionals and related agencies from the design and construction industry, in each region to meet and to: share resources, develop a national agenda and network, recommend a structure for a national organization, create a forum for advocacy by architects on issues related to women in architecture”.

(Disponível online em WWW:<URL:http://www.raic.org/resources_archives/research/womeninarch_e.pdf>.)